

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO NAS INFÂNCIAS: A NATUREZA COMO MOBILIZADORA DE
SENSIBILIDADES

ANA PAULA SIMIÃO PINTO

ORIENTADORA: Profa. Dra. SILVIA SELL DUARTE PILLOTTO
COORIENTADORA: Profa. Dra. ELZIRA MARIA BAGATIN MUNHOZ

JOINVILLE - SC
2023

ANA PAULA SIMIÃO PINTO
EDUCAÇÃO NAS INFÂNCIAS: A NATUREZA COMO MOBILIZADORA DE
SENSIBILIDADES

Projeto de pesquisa apresentado por Ana Paula Simião Pinto ao Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, da linha de pesquisa Currículo, Tecnologias e Práticas Educativas, do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação, sob orientação da Professora Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto e Coorientação da Profa. Dra. Elzira Maria Bagatin Munhoz

Joinville – SC

2023

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Pinto, Ana Paula Simão

Palavra-chave: Educação nas infâncias; a natureza como mobilizadora de sensibilidades / Ana Paula Simão; orientadora Dra. Sílvia Seli Duarte Piloto e coorientadora Dra. Elzira Maria Bagatin Munhoz. – Joinville: Univille, 2023.

137 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade da Região de Joinville)

1. Estética – Estudo e ensino. 2. Percepção em crianças. 3. Natureza (Estética). 4. Meio ambiente e crianças. I. Piloto, Sílvia Seli Duarte (orient.). II. Munhoz, Elzira Maria Bagatin (coorient.). III. Título.

CDD-373.24

Elaborada por Rafaela Giachum Desiderato – CRG-16/1437

Termo de Aprovação

“Educação nas Infâncias: A Natureza como Mobilizadora de Sensibilidades”

por

Ana Paula Simião Pinto

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)

Profa. Dra. Elzira Maria Bagatin Munhoz
Coorientadora (UNIVILLE)

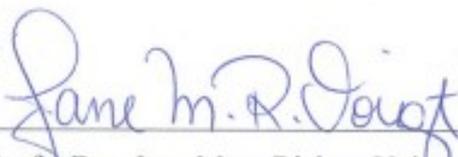
Profa. Dra. Rosvita Kolb Bernardes
(UFMG)

Profa. Dra. Marly Krüger de Pesce
(UNIVILLE)

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Educação, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação.



Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)



Profa. Dra. Jane Mery Richter Voigt
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Joinville, 28 de agosto de 2023.

AGRADECIMENTOS



Deus

Silvia

Nana

Nupae

Família

Pedro, Poli, Gutio,
Jones, Aparecida
e Mônica

Carol

Colegas

Lucélia e Marilize

Famílias e
crianças da
comunidade
Ribeirão do
Cubatão

RESUMO

Essa pesquisa/dissertação faz parte do Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação na linha de pesquisa: Currículo, Tecnologias e Práticas Educativas e do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), ambos da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). A problematização está centrada na seguinte indagação: *a educação estética nas infâncias, articulada ao convívio com a natureza podem propiciar o olhar sensível/crítico e a sensibilidade, tanto das crianças, quanto dos docentes?* A partir desse questionamento, o objetivo da pesquisa é refletir sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias, destacando as relações das crianças com a natureza, compreendendo-a como imprescindível nos processos de sensibilização. A opção metodológica foi a abordagem narrativa, uma vez que destacamos as experiências de um grupo constituído por seis crianças com idade entre seis e oito anos e da docente da Escola Municipal Professor Alfonso Fiedler, localizada no município de Joinville, Santa Catarina/Brasil. No percurso da pesquisa/dissertação, alguns autores foram fundamentais para que pudéssemos encontrar pistas e efeitos sobre as questões investigadas; são eles: Kohan (2004, 2008, 2017), Rinaldi (2012, 2019) e Piorski (2013, 2016), contribuíram no que se refere as infâncias. Duarte Jr. (2000, 2004, 2010), Meira e Pillotto (2010), Pillotto (2006), Barbieri (2012) e Garcia (2018), subsidiaram as questões referentes a educação estética e as sensibilidades; Louv (2016), Profice (2016) e Tuan (1980, 2012) sustentaram as discussões sobre a natureza e sua importância na condição humana e Souza (2006), Clandinin e Conelly (2011) e Delory-Momberger (2012, 2016), no aporte metodológico referente a abordagem narrativa. Foram realizadas experiências estéticas com destaque para as narrativas e linguagens/expressões da arte (sonoras, visuais, corporais), conectadas à natureza. No total foram totalizadas dez horas de campo, compostas de cinco encontros de duas horas. As Experiências Estéticas proporcionadas foram: *O solo vivo - pigmentos de mundo, cores da terra*, em que exploramos as cores e os segredos do solo vivo; *Fogo - mística alquimia da vida*, a qual nos levou a refletir sobre nossas próprias essências; *Flores e odores - a botânica do pintar*, em que exploramos a arte do pintar com as cores vibrantes ofertadas pela natureza; *Plumas e Penas - um tempo para cultivar o olhar* a qual proporcionou um olhar contemplativo que nos permitiu interagir de maneira única com a natureza e *Música - o canto dos pássaros, liberdade e expressão*, em que utilizamos o som como ferramenta, conectando nosso interior ao exterior e experimentando a liberdade de expressão. Para a produção da dados, foram utilizados os instrumentos: fotos, filmagens, produções artísticas, observação in loco, caderno de anotações, e as narrativas das crianças e da pesquisadora/docente. A análise teve como referência o princípio compreensivo-interpretativo (SOUZA, 2014), uma vez que as subjetividades e a dimensão estética potencializaram a construção de sentidos. A pesquisa/dissertação nos revelou que a educação estética é imprescindível as primeiras fases das infâncias, pois exercitam o olhar sensível/crítico, além de cultivar as relações dos sujeitos com a natureza, essencial na vida planetária e na sua constituição humana. Além disso, nos indicou que as experiências com a natureza na dimensão estética exponenciou o sentimento de pertença nas crianças e a organicidade com os elementos da natureza, de modo a contribuir para a reflexão sobre a importância de nos reconectarmos a mãe/terra e nutrir nosso olhar estético corpo/natureza; pensamento e sentires.

Palavras-chave: Educação Estética; Infâncias; Natureza; Práticas Educativas;

Narrativas.

EDUCATION IN CHILDHOODS: NATURE AS A SENSITIVITY MOBILIZER

ABSTRACT

This research/dissertation is part of the Postgraduate Program — Master's in Education, in the research line: Curriculum, Technologies and Educational Practices and the Nucleus of Research in Art in Education (NUPAE) at the Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). The questioning is centered on the following question: can aesthetic education in childhood, articulated with living with nature, provide a sensitive/critical look and sensitivity for both children and teachers? From this questioning, the aim of the research is to reflect on the effects mobilized by aesthetic education in childhood, highlighting the children's relationships with nature, understanding it as essential in the awareness processes. The methodological option was the narrative approach, since we highlighted the experiences of a group consisting of six children, aged between six and eight years old, and one teacher of the Professor Alfonso Fiedler Municipal School, located in the city of Joinville, Santa Catarina / Brazil. In the course of the research/dissertation, some authors were fundamental so that we could find clues and effects on the investigated questions; they are: Kohan (2004, 2008, 2017), Rinaldi (2012, 2019) and Piorski (2013, 2016), who have contributed with regard to childhood; Duarte Jr. (2000, 2004, 2010), Meira and Pillotto (2010), Pillotto (2006), Barbieri (2012) and Garcia (2018), who have supported the issues related to aesthetic education and sensibilities; Louv (2016), Profice (2016) and Tuan (1980, 2012), who have supported the discussions about nature and its importance to the human condition; and Souza (2006), Clandinin and Conelly (2011) and Delory-Momberger (2012, 2016), who have contributed to the methodology regarding the narrative approach. Aesthetic experiments were carried out, highlighting the narratives and languages/expressions of art (sound, visual, body), connected to nature. In total, ten hours of field work were carried out, consisting of five two-hour meetings. The Aesthetic Experiences that were provided were the following: The living soil — world pigments, earth colors, in which we explored the colors and secrets of the living soil; Fire — mystical alchemy of life, which led us to reflect on our own essences; Flowers and odors — the botany of painting, in which we explored the art of painting with the vibrant colors offered by nature; Feathers and Plumes — a moment to cultivate the view, which provided a contemplative look that allowed us to interact in a unique way with nature; and Music — the singing of birds, freedom and expression, in which we used sound as a tool, connecting our inner world to the exterior world and experiencing freedom of expression. For the production of data, the following instruments were used: photos, film footage, artistic productions, on-site observation, notebooks, and the narratives of the children and the researcher/teacher. The analysis was based on the comprehensive-interpretative principle (SOUZA, 2014), once the subjectivities and the aesthetic dimension enhanced the construction of meanings. The research/dissertation revealed that aesthetic education is essential in the early stages of childhood, as it exercises a sensitive/critical look, in addition to cultivating the subjects' relationship with nature, essential in planetary life and in their human constitution. In addition, it indicated that the experiences with nature in the aesthetic dimension increased the children's sense of belonging and organicity with the elements of nature, in order to contribute to reflection on the importance of reconnecting with the mother/earth and nourishing our body/nature aesthetic view, thoughts, and feelings.

Keywords: *Aesthetic Education; Childhoods; Nature; Educational Practices; Narratives.*

EDUCACIÓN EN LAS INFANCIAS: LA NATURALEZA COMO MOVILIZADORA DE SENSIBILIDADES

RESUMEN

Esta investigación/disertación forma parte del Programa de Posgrado – Maestría en Educación en la línea de investigación: Currículo, Tecnologías y Prácticas Educativas y del Núcleo de Investigación en Arte en la Educación (NUPAE), ambos de la Universidad de la Región de Joinville (UNIVILLE). La problematización se centra en la siguiente pregunta: ¿la educación estética en las infancias, articulada con la convivencia con la naturaleza, puede aportar una mirada sensible/crítica y una sensibilidad, tanto de los niños como de los docentes? A partir de este cuestionamiento, el objetivo de la investigación es reflexionar sobre los efectos movilizados por la educación estética en las infancias, destacando las relaciones de los niños con la naturaleza, entendiéndola como esencial en los procesos de concientización. La opción metodológica fue el enfoque narrativo, ya que destacamos las experiencias de un grupo compuesto por seis niños con edades entre seis y ocho años y la docente de la Escuela Municipal Profesor Alfonso Fiedler, ubicada en la ciudad de Joinville, Santa Catarina/Brasil. En el transcurso de la investigación/disertación, algunos autores fueron fundamentales para que pudiéramos encontrar pistas y efectos sobre las cuestiones investigadas; ellos son: Kohan (2004, 2008, 2017), Rinaldi (2012, 2019) y Piorski (2013, 2016), contribuyeron con respecto a la infancia. Duarte Jr. (2000, 2004, 2010), Meira y Pillotto (2010), Pillotto (2006), Barbieri (2012) y García (2018), subvencionaron cuestiones relacionadas con la educación estética y las sensibilidades; Louv (2016), Profice (2016) y Tuan (1980, 2012) apoyaron las discusiones sobre la naturaleza y su importancia en la condición humana y Souza (2006), Clandinin y Conelly (2011) y Delory-Momberger (2012, 2016), en el aporte metodológico referido al enfoque narrativo. Fueron realizadas experiencias estéticas destacando las narrativas y los lenguajes/expresiones del arte (sonoros, visuales, corporales), conectados a la naturaleza. En total se realizaron diez horas de campo, compuestas de cinco encuentros de dos horas. Las Experiencias Estéticas brindadas fueron: El suelo vivo - pigmentos del mundo, colores de la tierra, en las que exploramos los colores y los secretos del suelo vivo; Fuego - alquimia mística de la vida, la cual nos llevó a reflexionar sobre nuestras propias esencias; Flores y olores - la botánica de la pintura, en la que exploramos el arte de pintar con los colores vibrantes que nos ofrece la naturaleza; Plumón y Plumas - un tiempo para cultivar la mirada que proporcionó una mirada contemplativa que nos permitió interactuar de manera única con la naturaleza y Música - el canto de los pájaros, la libertad y la expresión, en la que usamos el sonido como herramienta, conectando nuestro interior al exterior y experimentando la libertad de expresión. Para la producción de datos se utilizaron instrumentos: fotos, filmaciones, producciones artísticas, observación de campo, cuadernos de anotaciones y las narrativas de los niños y de la investigadora/docente. El análisis se basó en el principio comprensivo-interpretativo (SOUZA, 2014), ya que las subjetividades y la dimensión estética potenciaron la construcción de significados. La investigación/disertación nos reveló que la educación estética es fundamental en las primeras etapas de la infancia, ya que ejercen una mirada sensible/crítica, además de cultivar las relaciones de los sujetos con la naturaleza, esencial en la vida planetaria y en su constitución humana. Además de eso, nos indicó que las experiencias con la naturaleza en la dimensión

estética aumentó el sentido de pertenencia y organicidad de los niños con los elementos de la naturaleza, con el fin de contribuir a la reflexión sobre la importancia de reconectarnos con la madre/tierra y nutrir nuestra visión estética cuerpo/naturaleza; pensamiento y sentires.

Palabras clave: *Educación Estética; infancias; Naturaleza; Prácticas Educativas; Narrativas.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ninhos: a investigação da vida pelo encantamento da natureza.....	15
Figura 2 - Comunidade Cubatão.....	23
Figura 3 - A escola.....	31
Figura 4 - O rio.....	39
Figura 5 - O rio.....	40
Figura 6 - Nosso lugar.....	44
Figura 7 - Sentires.....	50
Figura 8 - As ligações.....	55
Figura 9 - Experiência 1.....	62
Figura 10 - Experiência 2.....	62
Figura 11 - Tocar e ser tocado.....	76
Figura 12 - Qr code da música Presencia, do álbum Aliento (TREUBIG, 2017).....	83
Figura 13 - Qr code da música Guacamayo, do álbum Aliento (TREUBIG, 2017).....	86
Figura 14 - Batendo asas.....	106

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CTG - Centro de Tradições Gaúchas

IBF - Instituto Brasileiro de Florestas

MUN. - municipal

NUPAE - Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação

ONU - Organização das Nações Unidas

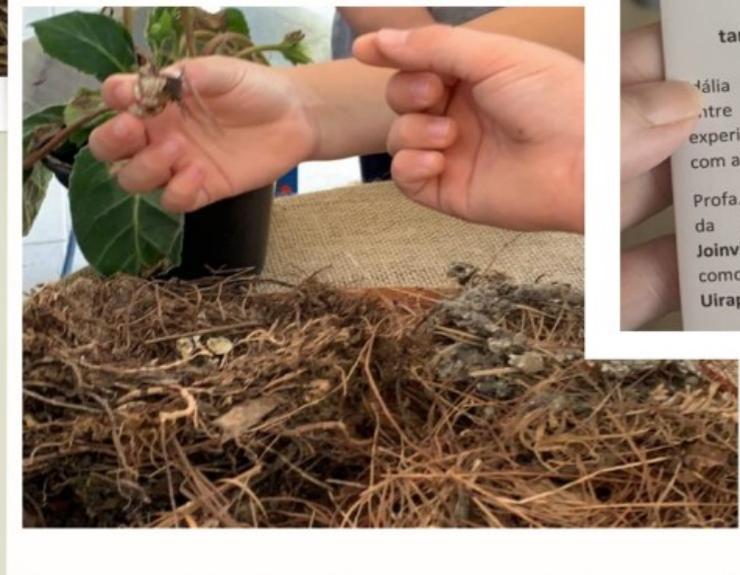
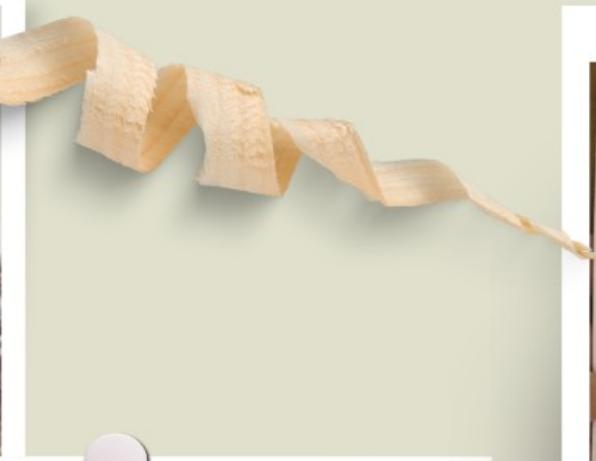
OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde

SESC - Serviço Social do Comércio

UNIVILLE - Universidade da Região de Joinville

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
1 INFÂNCIA E NATUREZA: ESPAÇOS/TEMPOS DE SENSIBILIDADE.....	24
1.1 Falar sobre pesquisas é senti-las: um olhar sensível acompanhado do outro	26
1.2 Espaços, tempos e lugares: a Escola Professor Alfonso Fiedler.....	30
1.3 Narrativas: espaços de relações entre crianças e lugares.....	45
1.4 Sensibilidade e experiência estética.....	47
2 EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS EM PRÁTICAS EDUCATIVAS NA NATUREZA. . .	51
2.1 Natureza e experiência estética: um elo sensível.....	53
2.2 Experiências Estéticas: o voar da pesquisa.....	55
2.2.1 Retratando a natureza com a natureza.....	56
2.2.2 Rota de voo: a narrativa como instrumento de navegação/método de pesquisa	67
3 CAMINHOS DO DEPOIS...ESCRITURAS E MARCAS DAS EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS E SUAS ROTAS (IN)VISÍVEIS.....	72
3.1 O primeiro bater de asas, impulsionando nosso voo.....	74
3.2 Rota 1 - O solo vivo: pigmentos de mundo, cores da terra.....	77
3.3 Rota 2 - Música: o canto dos pássaros, liberdade e expressão.....	81
3.4 Rota 3 - Plumagens e Penas: um tempo para cultivar o olhar.....	88
3.5 Rota 4 - Experiência Estética: Flores e odores: a botânica do pintar.....	95
3.6 Rota 5 - Experiência Estética: <i>Fogo: mística alquimia da vida</i>	103
4 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: OS VÔOS (IN)VISÍVEIS.....	107
REFERÊNCIAS.....	110
ANEXO A - Parecer Consubstanciado CEP/UNIVILLE.....	122



em realidade, os alunos se permitiram desenvolver um olhar generoso e compreensivo em relação a si mesmas, na dimensão pessoal e profissional.

Guilherme - 5 anos Lívia - 5 anos Caetano - 5 anos e Profa. Gabriela Amanda - 5 anos



Lorenzo - 5 anos Profa. Ana Paula Rafaela - 5 anos

"UMA CRIANÇA SEMPRE TEM QUE SER DESAFIADA, ELA NUNCA PODE SER CONSIDERADA ABAIXO DAQUILO QUE ELA É. UMA CRIANÇA ESTIMULADA SEMPRE RESPONDE. ELA SEMPRE QUER MAIS..."
(Rodrigo Peres, 2000, Encontro de orientação sobre a pesquisa "Ninhos")

O ninho de pássaro foi o sujeito da investigação escolhida, pois possibilitaria às crianças uma aproximação com a natureza e com o efêmero. Uma forma de se



aprofundando a aprendizagem

"O que a educação nossa com melhora pra transform sustentável bem com nos pe hu

Os encont por mei importan modo a "aprende uma ver municip promov adultos

Entend transfc



"Amigo..., o teu olhar transforma o meu, tanto quanto o meu transforma o teu..."

Márcia Sá-Chaves mostra a necessidade das relações entre as pessoas serem melhoradas possibilitando experiências transformadoras, foi assim que aconteceu com as professoras Ana Paula e Gabriela.

Profa. Ana Paula Simião atua como Técnica Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Joinville/Santa Catarina. Já a Profa. Gabriela Plens atua como coordenadora da Educação Infantil no Colégio Uirapuru, na cidade de Sorocaba/São Paulo.

... a dimensão da transformação que

Fonte: primária (2021).

APRESENTAÇÃO

O cérebro da cabeça andou toda a vida atrasado em relação às mãos, e mesmo nestes tempos, quando nos parece que passou à frente delas, ainda são os dedos que têm de lhe explicar as investigações do tacto, o estremecimento da epiderme ao tocar o barro, a dilaceração aguda do cinzel, a mordedura do ácido na chapa, a vibração subtil de uma folha de papel estendida, a orografia das texturas, o entramado das fibras, o abecedário em relevo do mundo. E as cores. Manda a verdade que se diga que o cérebro é muito menos entendido em cores do que crê (SARAMAGO, 2005, p. 83, grifo nosso).

Meu interesse em estudar sobre as infâncias iniciou-se há 10 anos, quando por meio do Serviço Social do Comércio (SESC), entrei em contato com a abordagem Reggioiana. Esta teoria é baseada no estudo da obra *As cem linguagens da criança*, escrita por Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman (1999), permeada pela impressionante história de Loris Malaguzzi, seu idealizador.

Loris Malaguzzi (1999) estruturou um preceito denominado *Pedagogia da Escuta*, ou seja, um modo pedagógico que se utiliza dos sentidos e que pode ser chamado de *Pedagogia dos Projetos* ou *dos Sentidos*, conforme aparece em algumas traduções.

Essa concepção pedagógica apresenta como cerne, a valorização da relação entre a criança e seus saberes, nos tempos e espaço, partindo da premissa da escuta, observação e atenção, fatores fundamentais para o processo. Vincula-se a isso, a concepção de que os planejamentos devem ser pensados a partir dos propósitos das crianças e seu desenvolvimento realizado por meio de múltiplas linguagens.

Para Gardner (1999, p. 10),

[...] o sistema de Reggio Emilia pode ser descrito sucintamente da seguinte maneira: ele é uma coleção de escolas para crianças pequenas, nas quais o potencial intelectual, emocional, social e moral de cada criança é cuidadosamente cultivado e orientado. O principal veículo didático envolve a presença dos pequenos em projetos envolventes, de longa duração, realizados em um contexto belo, saudável e pleno de amor.

Essa abordagem proporciona às crianças e adultos uma postura investigadora, no qual se explora o ambiente, experimentando e experienciando diferentes sensações, pois segundo Malaguzzi (1999, p. 91), “[...] as crianças não são moldadas pela experiência, mas dão forma a experiência”. Com isso se expressam por meio de todas as suas linguagens, sendo elas palavras, gestos, movimentos, desenhos, pinturas, esculturas, música, dentre outras.

O adulto nesse processo tem o papel de mediador, o qual cria situações de vivências, que estimulem a investigação, descobertas, experiências e os processos de criação pelos quais as crianças possam se posicionar ativamente.

Não posso deixar de citar aqui o filósofo John Dewey (1959), o qual defendia a proposta de incentivar a pesquisa em forma de interpretação de mundo. Para ele, projetos pedagógicos colaboram para o desenvolvimento da autonomia, criticidade e processo de criação, afirmando ser a educação um campo de reconstrução das experiências.

A existência humana envolve impulsos dispersos para um projeto crescentemente unificado ou integrado; ou melhor, para uma série de projetos coordenados ou ligados entre si por interesses, aspirações e ideais de significados permanentes. Preparar para a vida será pôr a criança em condições de projetar, de procurar meios de realização para seus próprios empreendimentos e de realizá-los verificando pela própria experiência o valor das concepções que esteja utilizando. (DEWEY, 1959, p. 53).

Encantada pelas leituras e descobertas, acreditando na potencialidade das abordagens que possuem como premissa os projetos pedagógicos e movida pelo desejo de aprofundar a pesquisa sobre essas temáticas, encontrei no percurso a *RedSolare Brasil*, organização responsável pela divulgação da abordagem Reggiana em nosso país com desenvolvimento de formação para professores (REDSOLARE BRASIL, [2023], *on-line*).

Por meio dessa organização, em 2017 viajei para a cidade de Bogotá, na Colômbia, com o intuito de participar de uma formação e conhecer a *Escola Platero-YYo*, a qual eu já acompanhava pelas mídias (JARDIN INFANTIL PLATEROYYO, [2023], *on-line*).

A *Escola Platero-YYo* é uma unidade de ensino com quarenta anos de experiência, atendendo crianças da primeira infância. Localizada no distrito de San José de Bavária, na Colômbia, trabalha inspirada na filosofia educacional de Reggio Emilia, da Itália. Sua filosofia é potencializar as relações entre a criança, o meio

ambiente e o conhecimento, oferecendo possibilidades para despertar os processos criativos, consolidar as identidades, desenvolver a autonomia e as relações com o mundo (JARDIN INFANTIL PLATEROYYO, [2023], *on-line*). Essa escola reconhece esses conceitos como base para a vida e para o desenvolvimento do potencial cognitivo, emocional e espiritual das crianças e adultos que dela participam.

Essa formação me motivou a aprofundar os estudos sobre as infâncias e em 2018, por meio da empresa *Diálogos Viagens Pedagógicas*, fui para Lima, no Peru, conhecer duas escolas. A primeira foi o *Colégio Áleph*, uma escola bilíngue, que atende crianças de 4 a 10 anos e estudantes de 11 a 15 anos; este possui como característica o compromisso com a pesquisa, a criação e a estética. Esses elementos são considerados fundamentais para construir novos conhecimentos e fazer da escola um lugar onde se oportuniza a invenção e a construção de conhecimento. A segunda escola que conheci foi a *Casa Amarilla*, instituição de educação inicial, com atendimento de crianças de 0 a 3 anos. Tem como fundamento o trabalho com experiências pedagógicas de alta demanda cognitiva e interações de qualidade. Busca em seu trabalho o alcance da criança em seu máximo potencial, por meio de um cotidiano comunitário de ricas vivências e com alta participação familiar.

Na ocasião, tive contato com Rodrigo Penido, atelierista¹ de Ciências do *Colégio Áleph*, desde 2018 e formador de professores pela empresa *Dinâmica Centro de Desarrollo Profesional - Peru*, a qual oferta cursos de graduação, pós-graduação e diplomado², na área educacional.

Por seu intermédio recebi um convite para duas formações *on line*: uma em 2018, sobre espaços escolares e outra caracterizada como diplomado/especialização, intitulado: *Diplomado em Professor Investigador*, que ocorreu no período de 2019/2020.

Uma das práticas da formação de professor investigador foi a aplicação de um projeto em uma instituição de ensino. Os estudos e encaminhamentos para a prática docente estavam sendo preparados, quando uma doença causada por um vírus

1 A função desse profissional é dialogar diretamente com o professor de sala de aula, trazer propostas e vivências estéticas a partir das relações em diferentes contextos

2 Diplomados são programas de educação, que tem como objetivo aprofundar temas específicos de diferentes áreas do conhecimento. (DIPLOMADOS, [2020], tradução da autora)

denominado *Covid-19*³, nos pegou de surpresa, com a declaração de estado de Pandemia pela Organização das Nações Unidas (ONU) em março de 2020 (OPAS, [2022]).

Passamos a viver um tempo em que o mundo necessitaria de um período longo de isolamento físico/social. As escolas se reorganizaram e passaram a atender seus estudantes de maneira virtual, contando com o uso de plataformas e tecnologias digitais para que de alguma forma, os conhecimentos dos estudantes e crianças fossem construídos em suas casas. Com isso, nossos planos de intervenção escolar relacionados à formação tiveram que ser repensados, sendo necessário criar outros modos para o desenvolvimento do projeto, relacionado à pós-graduação.

Como éramos apenas duas pesquisadoras do Brasil na referida formação, Rodrigo (formador e tutor de todo o processo de formação), sugeriu que fizéssemos a experiência em dupla. Nesse momento, o trabalho compartilhado seria fundamental, afinal estávamos vivendo um momento planetário único e histórico. Minha companheira de investigação foi a professora Gabriela Plens, coordenadora do *Colégio Uirapuru*, na cidade de Sorocaba, estado de São Paulo (SP). Com interesses em comum, dentre eles o de desemparedar as crianças no período de isolamento social, decidimos utilizar a natureza como meio para a realização do projeto de investigação e intervenção.

Assim, naquele cenário no qual as crianças foram recolhidas em suas casas, junto às famílias, desenvolveu-se o projeto *Ninhos: a investigação da vida pelo encantamento da natureza* (PINTO; PLENS, 2020). A escolha partiu da intenção de aproximar as crianças da natureza e encontrar satisfação em situações não apenas tecnológicas. Buscamos pensar uma maneira para que as crianças além do uso

³ A *COVID-19* é uma doença causada pelo Corona vírus, denominado *SARS-CoV-2*, que apresenta um espectro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros graves. Os primeiros casos foram identificados na China, e em poucos meses a doença se tornou epidêmica, assolando praticamente todos os continentes. Por seu elevado potencial de contágio, o decreto da situação de pandemia pela ONU colocou os países em diferentes situações de *lockdown* e isolamento social, o que afetou praticamente todas as áreas socioeconômicas. Na área da educação, sua principal consequência foi a imediata suspensão das atividades presenciais, muitas das quais foram sendo aos poucos, transferidas para os ambientes digitais (OPAS, [2022])

tecnológico, se envolvessem com o belo e o efêmero da natureza, que poderia tornar-se uma metáfora viva nas vidas daquelas crianças com 5 anos de idade.

Acreditávamos também que por meio das relações entre as crianças - (inter)locutoras da investigação e os ninhos de pássaros, teríamos a oportunidade de mobilizar suas percepções sobre a importância da natureza e de tudo que a cerca, de modo a instigar o olhar para o cotidiano por meio das sensibilidades.

Durante dois anos de estudo, 2019 e 2020, muitas leituras fizeram parte do meu cotidiano. Para guiar todo o trabalho escolhi autores como: Barbosa e Horn (2008), Barbieri (2012), Louv (2016), Piorski (2013, 2016), Rinaldi (2012, 2019), Edward; Gandini; Forman (1999), Garcia; Pagano; Prandi (2018), e Montessori (1966). São leituras obrigatórias para o processo de investigação, escrita e registro, atropelados pela pandemia, mas com o compromisso eminente de todos os envolvidos.

Inspirada pelas leituras e pelo projeto da pesquisa, tornou-se necessário para mim o aprofundamento conceitual de todo esse processo. A princípio meu foco de pesquisa seria o *projeto dos ninhos*, mas no início do percurso ganhei um presente: minha transferência profissional para uma escola do campo, ou seja, uma escola na zona rural de Joinville⁴ – Santa Catarina, mais precisamente a *Escola Municipal Professor Alfonso Fiedler*, localizada na comunidade do Ribeirão do Cubatão.

Ao conhecer essa localidade, sua comunidade e o espaço da escola, me deslumbro com a exuberância cultural que possuem. A comunidade, situada ao leste da cidade de Joinville, tem como divisa ao sul o bairro *Jardim Paraíso* e a noroeste a *Estrada Timbé*, que abriga um sambaqui⁵, denominado *Sambaqui Ribeirão do*

4 Joinville: Cidade localizada ao norte do estado de Santa Catarina, na região sul do Brasil. Está entre a Baía da Babitonga, com suas 14 ilhas, e as montanhas verdejantes da Serra do Mar. É conhecida como a cidade dos príncipes e das bicicletas, abriga uma escola de dança internacional, o Bolshoi, única instituição estabelecida fora da Rússia, e promotora do maior festival de dança do mundo (FUNDAÇÃO TURÍSTICA DE JOINVILLE, 2016, n.p.).

5 Sambaqui – do Tupi ‘tamba’ (marisco, concha), ‘ki’(monte), é um sítio arqueológico, resultado da ação das antigas populações que ocupavam as regiões mais secas junto aos manguezais, lagoas e rios, de onde captavam seus alimentos há aproximadamente 5 mil e 2 mil anos atrás. São pequenas colinas construídas com conchas de moluscos, ossos de animais e cinzas de fogueiras. Caracterizam-se por sua forma circular/ovalar e dimensões variando cerca de 40 cm a 15 metros de altura. Em Joinville o Museu Arqueológico de Sambaqui, possui em seu cadastro 42 sambaquis, 2 oficinas líticas, 3 estruturas subterrâneas e 2 sítios históricos. Esses estão situados em área urbana (bairros Guanabara, Adhemar Garcia, Espinheiros, Paranaguamirim, Comasa e Aventureiro), na área rural (Morro do Amaral, Cubatão, Ribeirão do Cubatão, Ilha do Gado) e em manguezais (RELATÓRIO FINAL PARQUE DA CIDADE, 2008, *on-line*).

Cubatão. Este, pouco conhecido pela população joinvilense e pertencente a particulares, foi tombado por sua importância cultural para a cidade.

A comunidade *Ribeirão do Cubatão* é agraciada pelas águas do Rio Cubatão e seus veios, que descem em sentido à Baía da Babitonga, é o habitat de várias espécies marinhas. Além das lindas paisagens naturais, composta pelas árvores da mata Atlântica como o Ipê e o Jacatirão, o local abriga espécies diferentes de animais como o pássaro guacho e as garças brancas.

Uma majestosa figueira em frente à escola, no barranco do rio, hospeda em suas sombras os moradores do local, que ao longo do dia se reúnem para conversar enquanto as crianças brincam de correr. Essa paisagem desperta em mim um sentimento indescritível. Talvez para os moradores dessa comunidade, essa paisagem seja habitual e não aguce sentimentos, pois quando um local se torna comum e parte do cotidiano da vida, às vezes passa despercebido e naturalizado.

Par mim foi diferente. Esse ambiente cultural, com suas paisagens provocam um elo místico e ao mesmo tempo real, o qual desperta em mim uma vontade singular em descobrir e habitar esse lugar. Esse poder mágico, demonstrado por meio da diversidade biológica e beleza estonteante, fez com que eu percebesse esse espaço como único, despertando a reflexão ecosofica⁶; além do desejo de conhecer as crianças com suas peculiaridades, compreender os valores culturais dessa comunidade, provocando-me a repensar sobre a minha pesquisa.

Incentivada pela minha orientadora e coorientadora, decidimos então que a pesquisa seria realizada na *Escola Municipal Professor Alfonso Fiedler* na qual hoje atuo como professora/gestora, com seis crianças entre seis e oito anos de idade.

Estas crianças frequentam uma classe nomeada como multisseriada, ou seja, uma turma com crianças em diferentes idades, que estudam juntas. Modo esse que se torna uma força, pois a referência pedagógica parte do princípio da cooperação participativa/coletiva entre as crianças.

Envolta nesse cenário e movida pela experiência sensível com os ninhos, os quais utilizo regularmente de modo metafórico para destacar a coletividade, acontece o (re)nascimento de ideias, as experiências e as relações de afeto; trago

⁶ A ecosofia corresponde ao restabelecimento dos laços perdidos entre o homem e a natureza, entre o corpo e o meio, de modo a ultrapassar o racionalismo cartesiano e atingir uma solidariedade holística oriunda de experiências comunitárias (MAFFESOLI, 2021, [capa])

como questão mobilizadora da pesquisa a seguinte indagação: *as crianças que vivem em uma região rural onde têm a natureza como parte de seu cotidiano, a percebem e a apreciam? Como a educação estética nas infâncias articulada ao convívio com a natureza pode propiciar o olhar sensível/crítico, tanto das crianças quanto do docente?*

A partir desses questionamentos definimos que o objetivo da pesquisa surge em torno da reflexão sobre a importância do convívio da criança com a natureza e sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias, possibilitando um olhar sensível tanto das crianças quanto do docente. A partir desse pressuposto, a pesquisa busca identificar os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias, ressaltando as relações das crianças com a natureza, entendendo-as como fundamentais nos processos de sensibilização.

Encantada pelo canto dos pássaros, os quais em dias de primavera voltam a cantar, renovando a vida e chamando para o acasalar, opto por discorrer sobre a perspectiva narrativa da abordagem (auto)biográfica, uma vez que serão trazidas as experiências de um grupo. Assim como a primavera e os pássaros, essa abordagem possibilita o encontro, o diálogo e a escuta, os quais nos mobilizam a olhar com o olhar do outro, de modo a ressignificar nossas histórias.



Figura 2- Comunidade Cubatão Fonte: primária (2023).

1 INFÂNCIA E NATUREZA: ESPAÇOS/TEMPOS DE SENSIBILIDADE

Natureza é fonte primordial? Três coisas importantes eu conheço: lugar apropriado para um homem ser folha; pássaro que se encontra em situação de água; lagarto verde que canta de noite na árvore vermelha. Natureza é uma força que inunda como os desertos. Que me enche de flores, calores, insetos, e me entorpece [...] (MANOEL DE BARROS, 2002, p. 15, grifo nosso).

Para iniciar a narrativa sobre o tema proposto foi necessário o apontamento da trilha que percorri nessa pesquisa. O chão que perpasso, entre raízes e insetos, pó e barro, cisco e palha, trouxe as infâncias e seus caminhos, assim como a educação, a natureza e as experiências estéticas, como propulsoras de sensibilidades e ainda a narrativa como possibilidade de encontros e diálogos.

Como um sabiá de terreiro, remexo os ciscos, as ramas e as árvores em busca de gravetos que construíram meu ninho - sólido, firme e forte, com ramos emaranhados para sustentar toda a teoria conceitual que apresento aqui nessa narrativa.

Levei para compor meu grande ninho, o primeiro graveto: *Infâncias e os seus percursos*, partindo do entendimento de infâncias como condição de experiências, imaginação e devires. Afinal, as infâncias precisam ser compreendidas como um devir, incompleto e à espera do desconhecido (KOHAN, 2004).

Falar em infâncias é falar em crianças na perspectiva de seres sociais, produtores de cultura e que no transcorrer de seus percursos formativos, geram maneiras de ser, pensar e sentir. Kohan (2004) afirma que as infâncias nesta perspectiva são entendidas como condição de experiência, o que é fundamental para a formação humana sensível.

A criança, como ser curioso, sempre busca algo a mais: um olhar, um ouvir, um brincar, um falar, um pensar e um conhecer a mais. É desejosa de se expressar, se movimentar, se comunicar e anseia se relacionar com o outro. Perceber a totalidade dessa criança, considerando as culturas que ela carrega, constitui-se um processo pedagógico complexo, no qual a criança é concebida como sujeito constituído por inúmeras maneiras de ser, de pensar e de expressar-se.

Discutir sobre as infâncias e o ser criança nos leva a tratar sobre o sensível, outro graveto importante para estruturar meu ninho. Segundo Rinaldi (2019, p. 126 – 127):

No sentido metafórico, as crianças são as maiores ouvintes da realidade que as cerca. Elas possuem o tempo de escutar, que não é apenas o tempo *para* escutar, mas o tempo rarefeito, curioso, suspenso, generoso – um tempo cheio de espera e expectativa. As crianças escutam a vida em todas as suas formas e cores, e escutam os outros (adultos e colegas). Elas logo percebem que o ato de escutar (observando, mas também tocando, cheirando, sentindo o gosto, pesquisando) é essencial para a comunicação. As crianças são biologicamente predispostas a se comunicar, a existir em relação, a viver em relação.

As conexões entre conhecer e sentir constituem-se de experiências, movidas pelo desejo de explorar e desvendar o mundo e seus significados. Portanto a possibilidade de valer-se dos sentidos para a construção de significados, fortalece uma educação pelo sensível que considera as sensibilidades como potências reveladas e traduzidas em essência – o conhecimento sensível, que para Pillotto (2006, p, 58), configura-se na

[...] forma pela qual a pessoa apreende a realidade e não é totalmente lógico-racional, ou seja, alimenta-se muito mais de um saber subjetivo, apropriado de elementos que por sua natureza não necessitam de uma explicação concreta, mas de uma força transcendental que se fortalece na forma individual de perceber-se e perceber tudo o que está à sua volta.

O vôo alçado para a construção de significados não dispõe de asas; são constituídos de olhares investigadores, que conectam a criança em seu estado curioso, provocando o encantamento da descoberta; o desconhecido passa a ser conhecido pela experiência. As sensibilidades agem nesse processo ativando os sentidos e sensações, possibilitando o encontro consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Para fortalecer os emaranhados de meu ninho, que se entrelaçam, tricotados por diferentes espessuras dos gravetos, buscando gerar maior resistência e comodidade, subi na palmeira e retirei dela a mais forte fibra: a natureza propulsora de sensibilidades. Todos somos seres da natureza e dela extraímos experiências de vida em múltiplas possibilidades: temperaturas, texturas, olfatos, sons, cores e sabores.

A relação da criança com a natureza no seu estado primitivo é incontestável pois a natureza encontra-se na sua essência humana. A criança possui fascínio pelos elementos naturais; um olhar apurado e curioso pelas formas encontradas, como: folhas, flores, sementes, água, solo, animais, entre outros. Disso provém as indagações sem fim e um gigantesco desejo de manipular e explorar os elementos que a compõem. Piorski (2016, p. 63) nos diz que “[...] esses desejos embrenham as crianças nas coisas existentes, é um intimar para conhecer, pertencer, fazer parte, estar junto daquilo que a constitui como pessoa”.

A natureza, portanto, dispõe desse potencial - provocar as crianças e encantá-las, pois, entre elas há um elo, uma afinidade, talvez porque ambas sejam sensíveis, vigorosas e grandiosas. A conexão com a natureza provoca diferentes sensações nas crianças, como bem coloca Tuan (2012, p. 139-40): “[...] a natureza produz sensações deleitáveis à criança, que tem mente aberta, indiferença por si mesma e falta de preocupação pelas regras de beleza definidas”. A beleza da natureza contenta a todos, é um deleite e desperta um sentimento indecifrável e enigmático, que pode resultar em uma transformação de si; é um conforto interior, um reequilíbrio para a essência humana.

E, como um ninho não vive sem um galho, a fim de acomodar o meu, o fiz apoiado nas práticas educativas; estas se dão a partir do pensamento de Freire (2000), que considera a educação uma prática construtora humana, sendo o ato de educar um verdadeiro ato de humanizar, constituindo-se em um fazer socio/político. Partindo dessa premissa, a escola é um dos locais que pode ser propulsor de movimentos de transformação social; um lugar privilegiado para a vivência de experiências sensíveis, possíveis de expressar e criar vínculos afetivos.

Nesse sentido, as práticas educativas produzidas nesta dissertação estão alicerçadas no propósito de construção a partir da coletividade entre pesquisadora e as crianças, abrigando não somente o cognitivo, mas principalmente o sensível. Esses são os fios que teceram meus percursos de pesquisa nos diferentes modos de pensar, fazer, agir, construir e descobrir caminhos significantes de saberes.

1.1 Falar sobre pesquisas é senti-las: um olhar sensível acompanhado do outro

E os outros passarinhos/pesquisadores, como teceram seus ninhos? Para descobrir, desenhei um plano de voo em busca de novos horizontes e alcancei

outros conhecimentos. Em um voo rasante, busquei no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), do qual faço parte,⁷ os registros de dissertações, além das produções acadêmicas no Banco de Teses e Dissertações da Plataforma Sucupira (CAPES) e no Catálogo de Teses e dissertações da Plataforma CAPES.

Meu primeiro pouso foi nas pesquisas do NUPAE, no sentido de vivenciar o fazer/pesquisar com os demais pesquisadores do núcleo, tornando aos poucos meu voo cada vez mais sólido, forte e alto, sustentado pelas asas e ninhos já tecidos por minhas colegas.

Nos registros do NUPAE, segui os fios de pesquisas, que teceram, junto à minha investigação, fios narrativos, (entre)laçados em sensibilidades, nas infâncias e experiências estéticas, sendo todas vinculadas ao Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. São as seguintes dissertações: *Oficinas estéticas nas práticas educativas: professora e crianças em seus percursos narrativos*, de Daiane de Melo Gava (2020); *O silêncio em práticas educativas musicais: a experiência sensível do (entre)lugar*, de Antonio Marcio do Amaral (2020); *Artesania: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade*, de Rita de Cássia Fraga da Costa (2019); *Experiências sensíveis atravessadas pela literatura em espaços não formais de educação*, de Leticia Caroline da Silva Jensen (2019); *Percursos de uma professora andarilha na educação infantil: narrativas (auto)biográficas*, de Patrícia Regina de Carvalho Leal (2019), todas orientadas pela Professora Doutora Silvia Sell Duarte Pillotto.

Ainda no campo das sensibilidades, destaco as dissertações: *Musicalização: Memórias, Experiências e Sensibilidades na Terceira Idade*, de Hilda Natume (2018)

7 O Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação - NUPAE, criado e legitimado pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE em 2003 e cadastrado no CNPq no mesmo ano, tem como objetivo desenvolver ações no contexto interno e externo da instituição, com parceiros nacionais e internacionais. O Núcleo é formado por bolsistas, professores e coordenadores das redes públicas e particulares da Educação Básica, acadêmicos e egressos do Ensino Superior e dos Programas de Pós-Graduação, Mestrados e Doutorados, artistas, promotores culturais e profissionais das diversas áreas. Além disso, membros de instituições nacionais e internacionais, a exemplo da Universidade do Minho - UMINHO. O grupo reúne-se com o intuito de desenvolver estudos, pesquisas e produções nas seguintes linhas de pesquisa: **Educação Estética e Processos de Criação:** investiga sobre experiências sensíveis, envolvendo interlocuções com processos de criação nos espaços formais, não formais e informais da educação e **Educação, Linguagens e Práticas Educativas:** investiga sobre os diversos contextos do Ensino/Aprendizagem das Artes (visuais, cênicas, musicais, literárias e tecnológicas) (NUPAE, [2021], n.p]

e *Memórias e Sentidos na Terceira Idade: Experiência pela via da Estética*, de Ana Cristina Quintanilha Schreiber (2018), também orientadas pela Professora Doutora Silvia Sell Duarte Pillotto.

Referencio ainda os aspectos relacionados às sensibilidades, atrelados especialmente à linguagem/expressão da música, artes visuais e dança no território das infâncias: *Processos de aprendizagem do instrumento musical na infância*, de Jorge César de Araújo Pires (2017); *Mediação cultural por meio da dança/educação como possibilidade de aprendizagem na infância*, de Daniela Cristina Viana (2016); *Vivências perceptivas com a infância nos espaços da escola e do museu – uma experiência*, de Karinna Alves Cargnin (2017); *Uma cartografia com a infância: experiências e múltiplas sonoridades*, de Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon (2017), igualmente orientadas pela Professora Doutora Silvia Sell Duarte Pillotto.

Embora todas as dissertações aqui apresentadas tenham pontos potentes de convergências como elencados, a lacuna encontrada foi com relação às conexões com a natureza. Isto significa que a minha temática poderá preencher de um ponto a outro, essa tessitura de pesquisas, entremeando as demais pesquisas, tecendo o bordado da educação.

Minha segunda aterrissagem foi no Banco de Teses e Dissertações da Plataforma Sucupira (CAPES) e o Catálogo de Teses e Dissertações da Plataforma CAPES, no que tange às questões em relação a natureza. Nesse momento necessitei segregar os fios da minha pesquisa e ‘fiar’ como o bicho da seda o faz ao construir seu casulo, visto que me deparei com uma situação inesperada: a dimensão da palavra natureza no que diz respeito às dissertações e teses.

Essa amplitude gerou uma lista de milhares de trabalhos no âmbito da biologia e principalmente nas questões relacionadas com um ‘fazer ecológico’, visando questões sobre preservação do meio ambiente com foco no lixo produzido no planeta, reciclagem e aproveitamento de materiais, demonstrando, portanto, um viés unilateral da palavra natureza.

Como minha dissertação se apresenta além dos quesitos ditos ‘ecológicos’, partindo de premissa multilateral, ou seja, da intimidade entre as crianças e a natureza, optei em empregar duas palavras em conjunto – ‘infâncias e natureza’, encontrando 437 pesquisas (dissertações e teses). Utilizei o refinamento de pesquisa, tendo como base a ‘Educação’ e os últimos cinco anos (2015 a 2020), totalizando 32 dissertações e 11 teses.

Criei um protocolo de leitura, no qual analisei o título, as palavras-chave e o resumo, além de verificar se a pesquisa autorizava a divulgação. Nesse primeiro momento realizei uma leitura flutuante das pesquisas a fim de verificar se realmente se aproximavam da minha pesquisa para que permanecessem na seleção.

Cabe aqui destacar que o resultado da busca foi realizado a partir de um fragmento das produções (título, palavras-chave e resumo), havendo a possibilidade da existência de outras pesquisas, que em seus apanhados abordem olhares relativos à natureza, que por ora não tenham aparecido no refinamento.

Posteriormente mergulhei como uma garça que submerge em um rio em busca de seu alimento, realizando uma leitura profunda de cada uma das dissertações e teses aqui selecionadas: *Ser criança na Costa da Lagoa: memórias, brincadeiras e natureza*, de Miraira Noal Manfroi (2015), Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, orientada pela Professora Doutora Alcyane Marinho, dissertação na qual possui como objetivo a proposta de desvendar os sentidos e significados encontrados nas relações estabelecidas pelas crianças, moradoras da Costa da Lagoa – Florianópolis - SC, entre o ser, o brincar e a natureza; *Criança e a experiência afetiva com a natureza: as concepções nos documentos oficiais que orientam e regulam a Educação Infantil no Brasil*, tese escrita por Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos Santos (2016), Universidade do Vale do Itajaí – Univali, orientada pela Professora Doutora Valeria Silva Ferreira, em que a pesquisadora identifica nos documentos oficiais brasileiros que regulam e orientam a Educação Infantil, as concepções sobre a relação da criança com a natureza; *Os bebês, as crianças bem pequenas e a natureza na educação infantil: achadouros contemporâneos*, de Carolina Machado Castelli (2019), Universidade Federal de Pelotas, orientada pela Professora Doutora Ana Cristina Coll Delgado, tese na qual buscou compreender como crianças bem pequenas e bebês podem se relacionar com a natureza na educação infantil e quais os desdobramentos dessa relação para eles; *O que (quase) não se vê: Olhares de infâncias na natureza*, de Ana Clara Ribeiro Nimrichter (2020), Universidade Federal Fluminense, orientada pela Professora Doutora Luciana Esmeralda Ostetto, dissertação na qual a autora investiga as relações e percepções das crianças sobre a natureza, através de fotografia realizadas com e pelas crianças.

Ao voltar para meu ninho, me aconchegar e assim refletir sobre minhas descobertas em meu voo, percebi que dentre as dissertações e teses analisadas, no

que tange a natureza, uma grande maioria reflete sobre as questões do meio ambiente, das ciências biológicas ou sobre populações que residem em ambientes naturais. Isso demonstra que há carência de pesquisas que perpassam os conceitos que analiso nesta dissertação que são: a educação estética e a natureza entrelaçadas com as infâncias.

Como complemento do plano de voo, há o registro de diário de bordo dos viajantes, sejam eles pássaros, ou simplesmente eu - um pássaro curioso pesquisador, cuja memória pode ser registrada em marcas no papel. Para isso construí um mapa, onde demonstro como foi a rota de voo e as marcas encontradas.

1.2 Espaços, tempos e lugares: a Escola Professor Alfonso Fiedler

Um voo alçado, um pouso às vezes forçado, um mapa registrado...parto agora a navegar pelas veias do grandioso rio Cubatão, esse curso de água que atravessa nossa cidade, nascendo na serra Queimada e desaguando no canal do Palmital, uma ramificação da baía da Babitonga. Em seu percurso pequeno, tortuoso e formidável, as águas de outras nascentes se aproximam, pois certamente aquele é o melhor caminho a percorrer e já não é apenas um, mas muitos, assim como nós: acrescentando uns aos outros.

Figura 3- A escola



Fonte: primária (2023)

Quem navega pelo seu leito, rumo Leste em direção ao mar, pouco antes de chegar ao canal, a direita, na linha da ribanceira, observa a floresta se abrindo, mostrando que há habitantes nesse local. Do rio enxerga-se uma estrada de terra, que vai margeando e acompanhando os navegantes. Um pouco mais a frente uma pequena clareira surge, deixando a vista uma estrondosa figueira, com galhos enormes que acomodam várias bromélias. Ali encontra-se um pequeno ancoradouro, conhecido como *Porto do Seu Luca*, na comunidade do *Ribeirão do Cubatão*. Como um velho pescador, que com seu barco desliza sobre as águas mansas do rio, procuro um cais para descansar, atraco e fundeio⁸ nesse lugar para implementar minha pesquisa.

Lembro bem a primeira vez que visitei essa localidade, já há algum tempo. Ao observar a grandeza do rio, os raios de sol refletindo na água e uma bateira ancorada em sua margem, soou em meus ouvidos um trecho da música de Marcos

⁸ Fundear: Náutica – tocar no fundo; ancorar (MICHAELIS, 2008, n.p).

Aurélio Vasconcelos⁹, com o título: *Águas Nativas*, que está guardada nas memórias de minha infância.

Águas claras, águas puras, onde energias futuras
Nessas fontes se abeberam
São canais ligando portos, esquecidos, quase mortos
Que ainda progresso esperam

E nesse embalo das águas, levando queixumes, mágoas
Os rios se estirando vão
Parecem serpentes mansas ou virgens de longas tranças
Artérias de um coração
Rios onde os barcos deslizam e as águas fertilizam
Terras de planta e de mato
Onde os peixes abastecem vilarejos que florescem
Perdidos no anonimato [...] (VASCONCELOS, [S.d., n.p.]

Ao subir pela margem do rio, em frente, olhando à esquerda encontra-se a Escola Municipal Professor Alfonso Fiedler.

Mergulho em sua história por meio dos registros amarelados que encontrei ‘bem guardados’ nos armários da sala da direção. Descubro duas informações valiosas e um tanto curiosas sobre a escola e a comunidade. A primeira é que a comunidade do Ribeirão do Cubatão, até o ano de 1994, pertencia ao município vizinho: São Francisco do Sul. A segunda, foi que a existência da escola data da década de 1960, com construção de um galpão em madeira, na margem oposta do rio Cubatão.

E então, ‘cá com meus botões’, fico a pensar: o lá, devagar, passa a ser aqui e por consequência, o lá não é mais lá. O lá ficará sendo lá ou aqui? Uma braçada a frente e já não estamos no mesmo lugar. Duas braçadas a frente e temos uma nova história. O lado de lá continua do lado de cá?

Com meus pensamentos atravesso o portão, saindo da escola; piso no barro da estrada molhada e chego à margem do rio para contemplar o lado oposto. Ainda em minha mente, persiste o aqui e lá e o como teria sido acolá. Na linha da margem esquerda observo diversas árvores, seus formatos, cores, tamanhos e idades. Qual seriam suas idades? Teriam elas as mesmas cores em outros tempos? Por certo que muitas delas abrigaram em suas sombras, brincadeiras e sonhos de crianças,

9 Marcos Aurélio Vasconcelos é um cantor e compositor brasileiro, de música regional gaúcha. Nasceu em Santa Maria – RS em 23 de novembro de 1939. Fundador do Grupo de Arte Nativa Os Posteiros. Participou de inúmeros festivais nativistas promovidos no estado do Rio Grande do Sul (BARULHO DE ÁGUA MÚSICA, 2020).

que outrora habitaram o lado de lá. Quem eram as pequenas almas itinerantes que brincaram e sonharam do outro lado? Será que guardam em suas memórias, fragmentos de tempos vividos ali? Meus pensamentos correm rio acima, aproximam-se e distanciam-se da margem, conforme as ondas da água. “Um barco eu inventei/de minhoquinhas/ele ia torto no rego” (BARROS, 2010, p. 98). Minha travessia poética continuou, emaranhada por cipós, águas, pedras e barro.

Voltando a navegar nos antigos documentos da escola - como dizia minha avó materna Paulina: ‘desenterrando os mortos e enterrando os vivos’, encontro o registro de que, em 1977, o senhor Alfonso Fiedler, então fundador/professor da escola e sua esposa a senhora Maria Rosa Fiedler, doaram à prefeitura de São Francisco uma área de 4.000 m², para a construção de uma sede no local que até hoje abriga a unidade escolar.

Imersa nas folhas empoeiradas e carcomidas pelo tempo, continuo com minhas descobertas. A partir de um decreto municipal, no ano de 1979, foi construída a nova escola, ainda em madeira, denominada Escola Isolada do Ribeirão do Cubatão, a qual tinha por responsável administrativa e pedagógica, a professora Marlene Luciano. Possuía 2 funcionários e atendia 24 crianças da comunidade, com classes multisseriadas. Após 17 anos sendo administrada por São Francisco do Sul, em 1994, a comunidade passou a pertencer a Joinville e conseqüentemente a escola passou a ser pública e de responsabilidade da Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Educação. Para homenagear seu fundador, em 2016, conforme Lei nº 8257, de 24 de junho, em seu artigo 1º, a denominação da unidade escolar foi alterada para Escola Municipal Professor Alfonso Fiedler (JOINVILLE, 2016).

O rio me parece agora com um leito navegável, manso e desvendável. Mas sinto necessidade de adentrar em suas entranhas, manusear sua argila e brincar com suas pedras. Mergulho nesse curso de água, límpido e entrelaçado pela memória para desvendar a história do Senhor Alfonso Fiedler. Quem era esse professor, doador de terras e que pensava no bem desse local?

Nesse ‘encharcar’ de água, encontro as palavras de Pollak (1989, p. 14) “[...] o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida.”. Busco então memórias... memórias narrativas de pessoas que habitam esse lugar; como as águas do rio, que se movem com a ação da maré. As memórias vêm e vão, se misturam em um falar disperso, reverso, coletivo e individual. E nesse ritual de ouvir

e silenciar, escutando a voz de outros mundos, segui como um pescador que fia sua tarrafa, tecendo seus fios e pouco a pouco as histórias vão se tornando parte de mim.

Nas narrativas das memórias dos membros da família Fiedler, no ano de 1961, o senhor Alfonso e sua esposa Maria Rosa se estabeleceram em Joinville, Santa Catarina/Brasil. Como um pássaro que busca um melhor lugar para construir seu ninho, o casal alça vôo e pousa na comunidade do Ribeirão do Cubatão. Nessa ocasião o calendário marca o ano de 1962. Precisamente no dia 11 de maio desse ano, o senhor Alfonso abriga no aconchego do seu ninho as crianças da comunidade, doando seus préstimos como docente e propondo experiências pedagógicas para diferentes idades, valorizando a comunidade, seus costumes e tradições. Assim nasce a *Escola do Ribeirão*.

O casal Alfonso e Maria Rosa tiveram sete filhos, todos foram alfabetizados pelo pai e concluíram seus estudos na escola. O senhor Alfonso permaneceu como docente na escola até o ano de 1979. A família Fiedler continua pertencente à comunidade e seus descendentes, agora já bisnetos, estudam na escola (ESCOLA M. PROF. ALFONSO FIEDLER, 2019).

Entrelaço as memórias individuais que se fundem com as coletivas, não somente para inventariar o contexto histórico da escola, mas com o sentido de entender a constituição de identidade comunitária do Ribeirão do Cubatão. Em sintonia, Halbwachs (2003, p. 51) afirma que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Então, alicerçada nas memórias, encontro sustento para novos olhares em relação às vivências dessa comunidade. O convívio com seus habitantes nos seus cotidianos, com respeito aos seus valores, me faz compreender os emaranhados sociais, as culturas ali enraizadas e desvelar um universo de identidades possíveis.

A percepção dessa cinesia cultural e social me conduziu como a anunciação das águas do rio em dias de chuva. Por vezes me deslocando a pensamentos turbulentos, desatinados e acelerados e outros me transportando a reflexões acalentadas, serenas e carinhosas como a brisa mansa que afaga o rosto em dias quentes. Entre esses mergulhar, despertar e dispersar pelo rio, continuei tecendo a tarrafa. A cada laçada uma descoberta, uma palavra, um sentir.

Entre um laço e outro, um nó aqui e outro acolá, a comunidade e a estrutura organizacional da escola marcaram e marcam sua identidade. Mesmo com o passar

dos anos ela prossegue da mesma maneira, ou seja, com o atendimento multisseriado. Para a comunidade do Ribeirão do Cubatão essa organização é potente, visto que a maioria dos moradores estudou na escola e vivenciou os valores que alicerçam essa prática – a cooperação participativa e coletiva das crianças. Nesse sentido, Laraia (2002, p. 68) afirma que a cultura opera a visão de mundo dos indivíduos:

O modo de ver o mundo, as aspirações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

No mesmo viés, Hall (2012) indica como noção de identidade social as construções a partir de representações nos discursos culturais, destacando como um dado grupo vive e compartilha seus significados. Isso nos leva a perceber que as famílias da comunidade carregam consigo elementos que as identificam, sentindo-se autores e partícipes desse arranjo pedagógico diferenciado. Este arranjo é caracterizado pelo atendimento multisseriado, articulado entre pares de diferentes idades.

Esse modo organizacional, por inúmeras vezes, causa um certo estranhamento por pessoas que não conhecem a história cultural da comunidade e que resistem para compreender e entender essa configuração. Talvez pela ‘invisibilidade’ desses territórios, o senso comum prevaleça, o qual coloca esse perfil pedagógico como inferior em relação às escolas seriadas.

É habitual que as pessoas distantes do grupo social, nomeiem este espaço como ‘escolinha’. A robustez da linguagem verbal, por meio da ação diminutiva, contribui e reforça o pensamento hierarquizado, promovendo uma sensação de precariedade, a qual não ocorre nesta escola. A prática discursiva acaba por posicionar essas configurações educacionais à margem de uma ‘escola de qualidade social’.

A sonoridade das águas da *Escola Professor Alfonso Fiedler* e que compõem sua identidade cultural, estão marcadas pelos valores manifestados nas memórias e vozes dos sujeitos que vivem nessa comunidade. Hall (2006, p. 47) afirma que “[...] as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. A organização escolar por meio de classe multisseriada, identifica culturalmente essa comunidade.

Assim, a constituição pedagógica da escola torna-se diferenciada, no sentido de ‘desacomodar’ e libertar padrões historicamente construídos pela sociedade em geral. É o amor pela natureza, por esse lugar, é o sentir das águas do rio Cubatão que reverberam nas memórias e nos costumes, constituindo a comunidade escolar. Isso reflete o compromisso de seu fundador em prezar e valorizar a comunidade local, suas culturas e modos de vida, bem como suas tradições, memórias e saberes coletivos.

No ‘*continuum*’¹⁰ tecer de minha tarrafa, busco fundamento no seu Projeto Político Pedagógico, (ESCOLA MUN. PROF. ALFONSO FIEDLER, 2019) , o qual demonstra que a escola não vai ao encontro de práticas tradicionais, em que as crianças se reúnem a partir de um ponto de vista homogêneo e classificatório, por exemplo. As propostas partem de experiências individuais e coletivas, respeitando o ritmo pessoal e relacional, apoiada na confiança, segurança e no respeito mútuo uns com os outros.

Procurando evidências, observo e como primeiro indício tenho a constituição da sala de aula. As carteiras são dispostas de maneira circular, favorecendo o convívio, a troca, o diálogo e a escuta entre todos. Na composição dos lugares não há uma separação por idade e sim por afinidade, as quais são observadas pela professora, discutida e definida coletivamente.

Em busca de novos vestígios, percebo talvez o mais valioso deles: as relações das crianças entre si e com a professora, o estabelecimento de vínculos afetivos marcados pelos valores da cooperação, ajuda mútua, respeito, solidariedade e inclusão, transcendendo as paredes da sala de aula. Tais valores são ‘experenciados’ pelas crianças e adultos de modo concreto, por meio do convívio e cuidados diários com as plantas, flores, árvores e animais presentes em todo o território escolar.

Nesse sentido os conhecimentos são entendidos de forma horizontal e não vertical (classificatório e impositivo). Todos dispõem de saberes pariformes, o que não reduz o compromisso da equipe pedagógica. Ao contrário, firma-se ainda mais as ações pensadas e propostas para as crianças. A escola parte da essência de que o “[...] meu olhar ajuda a construir o seu” (ANTUNES; TATIT, [1995], *on-line*)¹¹ e que

10 Conjunto de elementos que passa de um para outro continuamente, sem intervalos nem interrupções (CONTINUUM, 2023).

11 Fragmento da música *O seu olhar*, composta por Arnaldo Antunes e Paulo Tatit (ANTUNES; TATIT, [1995], *on-line*).

“[...] nossos olhares permitem chegar em um lugar mais distante” (ANTUNES; TATIT, [1995], *on-line*). A diversidade e a heterogeneidade da escola são assumidas como valores educativos e sociais.

Esses fatores encontram-se no ponto de que, como seres humanos, as crianças e adultos são singulares. Não apenas a respeito de suas personalidades, mas porque trazem consigo suas experiências, histórias, desejos e marcas. Oriundos da vivência com suas famílias, na sociedade e dentro de sua cultura.

A partir dessa premissa, a heterogeneidade pertencente à escola, transforma-se em potencialidade de inter-relações. As vivências e trocas coletivas de experiências criam uma identidade cultural, social e étnica, favorecida pelas mediações (docentes x crianças, crianças x crianças, docentes x comunidade).

As crianças que frequentam a Escola Mun. Professor Alfonso Fiedler pertencem a um mesmo grupo étnico-social, o quais participam de práticas produtivas e culturais coletivas, permeadas por fatores ideológicos, culturais e sociais. Com isso, o benefício potencial da escola está no acompanhamento das famílias em relação a vida escolar das crianças, à ligação entre família/comunidade e escola, desencadeando um sentimento de identidade e pertença.

Para arrematar minha tessitura, procuro então, desvendar quem são essas pessoas que habitam a comunidade do Ribeirão nos últimos tempos. Recorro aos documentos e pesquisas realizadas no ano de 2019 pela então equipe pedagógica escolar. Os manuscritos contam que a comunidade atendida pela escola possui aproximadamente 50 famílias e apenas 2% vivem da agricultura, sendo que as demais - responsáveis pela renda familiar - atuam profissionalmente em comércio, indústria e trabalhos informais. As mães, em sua maioria ficam em casa e dedicam-se aos afazeres do lar (ESCOLA MUN. PROF. ALFONSO FIEDLER, 2019).

Na questão de residência própria, 96% das famílias são proprietárias de sua moradia, o que não gera uma rotatividade de matrículas na escola, algo importante para relatar, pois as crianças iniciam seus estudos e terminam o Ensino Fundamental 1 na própria unidade escolar, tal qual seus pais.

Esse aspecto das famílias do Ribeirão do Cubatão frutifica uma conexão singular com a escola. Um fio imaginário, de textura fina e ao mesmo tempo resistente, que se alonga, lento e poderoso pelo vasto tempo vivido, estabelecendo um vínculo afetivo, o qual possibilita à criança alçar extensos voos com segurança, sabendo para que lugar retornar.

Nesse sentido, Meira e Pillotto (2010, p.16) destacam que “[...] a partir dos vínculos afetivos é que desenvolvemos nossa capacidade de nos relacionarmos com os outros e com o meio em que estamos inseridos”. É, portanto, esse fio transparente e contínuo, que favorece as crianças na sua inteireza de ser, crescer, sentir e (con)viver.

Nesse elo de equilíbrio com o meio, com vivências, experiências e principalmente confiança, é que as famílias concebem a escola como importante para a formação de seus filhos e não medem esforços para que eles habitem o espaço escolar. Atualmente, 30% das crianças residem a 4 quilômetros de distância da unidade escolar e utilizam bicicletas para se deslocar (ESCOLA MUN. PROF. ALFONSO FIEDLER, 2019).

Logo pela manhã, ao raiar do dia, as crianças surgem na estrada, pedalando afoitas; corpo e movimento, em um só ritmo, descem e sobem dos pedais, os músculos trabalham - é a vida em ação. Logo encontram-se umas com as outras e partem rumo à escola. Por vezes apostam corrida, em outras pedalam lentamente, fazendo um ‘zig-zag’, deixando marcas no chão empoeirado. Talvez assim o façam para passar o tempo ou quem sabe para observar o rio, pois o caminho é paralelo a ele.

Nesse longo, árduo e brincante trajeto, entre um arbusto e outro, nas suas ‘frestas’ é possível ‘espiar’ o rio. Estrondoso, mágico e misterioso, reflete em suas águas o sol que acaba de nascer. Às vezes temos tempos chuvosos, “[...] chove chuva, chove sem parar, [...]”¹² (BEN JOR, [1963], *on-line*). Então as gotas descem das nuvens, ‘ricocheteiam’ na superfície lisa do rio, gerando ondas circulares, que se entrelaçam e criam um espetáculo deslumbrante. Essa paisagem mística e enigmática, do rio e do caminho, da chuva e do sol, faz com que pulse a imaginação das crianças, aguçando sensações; assim percebem o mundo de modo encantador. No caminho um tempo para sentir, olhar, escutar, brincar, imaginar, cheirar e ser feliz.

12 Fragmento da música *Chove chuva*, composta por Jorge Ben Jor (BEN JOR, [1963], *on-line*).

Figura 4 - O rio



Fonte: primária (2023).

Tais experiências, carregadas de pertencimentos e sentires, tornam-se marcas significativas durante a vida dessas crianças, possibilitando que, ao se tornarem adultos, desejem proporcionar a seus filhos vivências semelhantes. Talvez por isso é que as famílias da comunidade não abandonaram o lazer em meio a natureza, mesmo que a tecnologia digital esteja presente na maioria das casas por meio dos celulares, computadores e/ou pela televisão.

As famílias costumam usufruir da beleza do Cubatão, banhando-se em suas águas cristalinas. Lembro-me perfeitamente do acontecido em um dia quente em Joinville: no final da tarde, quando o sol estava querendo se pôr e eu já guardando meus pertences para retornar ao meu lar, escuto uma voz aguda me chamando no portão. Reconheço pelo timbre que é uma das crianças da escola. Quando saio na

porta ela grita: 'vamos, vamos diretora... molhar nossos pés no rio, está muito quente'.

Percebo que atrás dela está sua mãe e seus outros dois irmãos. Sem pensar duas vezes, acomodo meus objetos no carro, convido a professora da escola, que assim como eu, havia concluído seu turno e juntas partimos para a barranca do rio. Ao longe avistamos as crianças eufóricas e radiantes, brincando nas águas clara e pura do rio, um deleite completo. Agraciadas por essa imagem, tiramos o calçado e nos juntamos a elas, desfrutando das maravilhosas e fascinantes riquezas concedidas pela natureza.

Ao adentrar delicadamente na água pela margem do rio, meus pés sentiram as frias, lisas e ao mesmo tempo ásperas pedras que descansam no fundo do rio. Ali, envolta nesse cenário, meu corpo vibrou, como vibram as cordas do piano ao serem tocadas pelo musicista que executa as notas musicais da partitura escrita pelo compositor. Uma sensação singular, excepcional e inexplicável; tornei-me criança mais uma vez. É nessa essência de sentires, água e pele, amor e prazer, natureza e sujeito, que os habitantes dessa comunidade vivem seus dias.

Figura 5- O rio



Fonte: primária (2023).

Imersa com o corpo na água fria refresco minha mente. Entre um brincar e outro, observo a margem do rio, que faz divisa com a estrada. Me dou conta que ainda não havia desfrutado dessa paisagem sob esse ângulo. Nesse momento, inúmeros pássaros barulhentos revoam acima de nós buscando um lugar como abrigo, para passar a noite quente de verão.

Pássaros? Sim, há muitos pássaros nesse lugar e eles são senhores de si! Pousam onde lhes convém, voam livres, constroem seus ninhos, determinam suas rotas de viagem e seus destinos. Seus gorjeios nos encantam e isso lembra Manoel de Barros (2000), quando nos apresenta com suas palavras de artesão seus versos:

Gorjeio é mais bonito do que canto porque nele se inclui a sedução.
 É quando a pássara está namorada que ela gorjeia.
 Ela se enfeita e bota novos meneios na voz.
 Seria como perfumar-se a moça para ver o namorado.
 É por isso que as árvores ficam loucas se estão gorjeadas.
 É por isso que as árvores deliram.
 Sob o efeito da sedução da pássara as árvores deliram.
 E se orgulham de terem sido escolhidas para o concerto.

As flores dessas árvores depois nascerão mais perfumadas
(BARROS, 2000, p. 17)

Por vezes me sinto pássaro, ora cantando, ora gorjeando, ora voando na imensidão do céu com ventos fortes que desestabilizam, ora em um plainar macio na brisa que me leva quase sem esforço. Essas são as experiências do mundo.

Ainda com os gorjeios dos pássaros 'tiritando' em meus ouvidos, meus olhos 'buscam' em meio a paisagem, qual das árvores escolheram para repousar e, em meio aos galhos da grande figueira, o encontro. Então, concentro meu olhar ao entorno da figueira e percebo que, escondidos entre a vegetação nativa, há vários 'ranchos' de pescadores, que abrigam seus pequenos barcos, denominados de 'bateras'. A prática de possuir seus próprios barcos, navegar e pescar de modo artesanal faz parte das heranças culturais dessa comunidade.

Finda o dia, como nos versos de Manoel de Barros (2010, p. 107):

O leve e macio
raio de sol
se põe no rio.
Faz arrebol...

Da árvore evola
amarelo, do alto
bem-te-vi-cartola
e, de um salto

pousa envergado
no bebedouro
a banhar seu louro

pelo enramado...
de arrepio, na cerca
já se abriu e seca.

Volto para casa com a sensação de liberdade e encantamento, como o bem-te-vi, sedenta por um querer mais e mais. Nesses momentos sublimes de sensibilidade e de conexão com a natureza, me entendendo como ser pertencente a ela e revivendo minhas memórias, aparecem cenas de minhas infâncias, permeadas pelos seus encantos. Isso aumenta a sensação de transcender e possibilitar essas experiências sensíveis para as crianças da comunidade, que por muitas vezes não reconhecem o poder e a beleza que as cercam.

Além dos hábitos e costumes envoltos pelo majestoso Cubatão, está presente na comunidade outra marca cultural que a identifica. Há, em sua extensão territorial,

diversas propriedades rurais que possuem a pecuária como fonte de renda. Com isso, a utilização de cavalos para as 'lidas de campo' com o gado é popular e fazem parte da rotina das crianças.

Veç ou outra escuto o bufar e o bater de cascos na estrada em frente à escola. Quando escuto o 'tirim' das patas dos cavalos é como se em meu peito o coração batesse mais acelerado, pulsando em minhas veias uma sensação de liberdade. Olho pela porta e testemunho a aventura que as crianças estão vivenciando. Sim, são elas que andam a cavalo, sem medo, montadas em pêlo¹³, livres, ao encontro do vento, que tironeia¹⁴ nas suas ventas¹⁵, bagunçando suas melenas¹⁶, brincando e galopando estrada a fora.

Observando os movimentos de montaria - cavalo e cavaleiro, tenho a impressão singular de que o animal escuta, não apenas com o ouvido, mas principalmente com o sentir. Ele sente a mão da criança quando as rédeas encostam em seu pescoço; não precisa de nenhum outro movimento, ou que se toque em outra parte do seu corpo, pois ao esbarrar na rédea, ele responde. Realiza o movimento sem que haja a necessidade de brigar; da mesma forma escuta a perna e o quadril 'alçados' no seu lombo, quando cede facilmente e de modo tranquilo ao movimento de galopar. Uma relação única e verdadeira, síncrona, que os torna um só – criança e natureza.

Causa-me conforto e nostalgia todo esse encanto da cultura gaúcha, cultivada nessa comunidade, pois passei grande parte de minha vida participando ativamente de um Centro de Tradições Gaúchas em Curitiba. Essa instituição tem como premissa o cultivo das expressões artísticas manifestadas em diferentes linguagens, como: a dança folclórica, a declamação de poesias e a música em canto e

13 Expressão utilizada para designar o andar a cavalo sem os arreios. Arreios são as estruturas que se coloca no cavalo para permitir cavalgar, é composta pela sela e pelegos (espécie de tapete feito com a pele/lã do carneiro) (PÊLO, 2023).

14 Expressão do dialeto gaúcho (falado no estado do Rio Grande do sul, e em parte dos estados do Paraná e Santa Catarina) que significa puxar/bater com violência. Refere-se a dar tirões (puxões) com o laço quando a rês está enlaçada para tentar desenlaçá-la (TIRONEIA, 2023).

15 Expressão do dialeto gaúcho a qual nomeia o nariz ou o rosto de uma pessoa (VENTAS, 2023)..

16 Expressão do dialeto gaúcho a qual nomeia o cabelo de uma pessoa (MELENAS, 2023).

instrumento. Também cultiva as relações do convívio com a natureza por meio das 'lidas de campo', tal qual ocorre no Ribeirão do Cubatão.

Dois quilômetros rio acima (sentido oeste), da escola, encontramos um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), denominado *Chaparral*, bem conhecido pela promoção de rodeios na região norte do estado. Talvez por conta disso, essa cultura ainda permaneça forte na comunidade. A localidade do Ribeirão do Cubatão é rica no contexto cultural, social e afetivo com a natureza.

Agraciada todos os dias pelo convívio com as crianças na escola, com as famílias e seus costumes e com a exuberante natureza que me cerca, desde as árvores típicas da região, as folhagens que margeiam o rio, sem falar no reflexo dos raios do pôr do sol nas águas do Cubatão, ecoa em meus pensamentos o quão grande é o poder da natureza no despertar dos sentidos e emoções.

Pela porta da sala em que desenvolvo minhas atividades como gestora da unidade escolar, posso ver as margens do rio e uma grande figueira, que em seus galhos abriga diferentes espécies de bromélias, ninhos de pássaros e até mesmo a casa de uma raposa.

Figura 6 - Nosso lugar



Fonte: primária (2023)

Ah! Essa raposa ou gambá, como chamam por aqui, é esplendida. Ela caminha pela estrada quase todas as manhãs e por inúmeras vezes a observo do portão da escola indo em busca de alimento e logo voltando, subindo sorratamente a árvore até sumir em meio às bromélias. Sim, as bromélias são o seu lar. É engraçado, pois esse animal tem hábitos noturnos, mas se sente tão seguro, que passeia a qualquer hora do dia. Isso mostra que a comunidade está em perfeita harmonia com a natureza.

E nesse subir e descer, pisar e sentir, andar e observar, navegar e tecer, trilho vias, traço rotas navegáveis e passeio nesse manancial infinito de possibilidades, narrando lugares e sentires.

1.3 Narrativas: espaços de relações entre crianças e lugares

*[...] Entendo bem o sotaque das águas
 Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que a dos mísseis.
 Tenho em mim um atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
 Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
 Queria que a minha voz tivesse um formato
 de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.*
 (MANOEL DE BARROS, 2008, p. 25, grifo nosso)

Atenta às coisas pequenas da natureza reflito sobre a pesquisa e seus voos, observando seus detalhes, suas minúcias e ‘invencionando’ esses tempos de infância em que cada nova palavra ouvida ou falada, soa como canto de pássaros, brotando do interior, quase como orgânicas.

Assim como um pássaro que gorjeia de modo sinfônico ao alvorecer e anuncia o anoitecer, comunicando de modo belo e formoso suas percepções, a pesquisa construiu sua trajetória narrativa, sendo a experiência estética possibilitada pelo processo de interação e diálogo, ora coletivo, ora singular, entre a pesquisadora e crianças.

Comparo as narrativas como manancial imaginário do ser, fonte inesgotável da memória, enraizada na experiência vivida. Partindo dessa premissa poética, entendo que a abordagem narrativa é o modo mais adequado quando se disserta sobre uma temática, que eleger a sensibilidade como fio condutor. Com isso, tratando-se de uma pesquisa com e sobre crianças, é que compreendo os processos também como resultados. As aspirações são de uma construção narrativa de sensibilidades de forma mútua entre crianças e pesquisadora, como afirma Clandinin e Connelly (2011, p. 27):

As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas

e contadas educam e nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém- pesquisadores em suas comunidades.

As narrativas fazem parte das identidades dos sujeitos e de suas percepções diante do mundo. São situações produzidas, apoiadas nas vivências e na realidade, mas especialmente no imaginário daquilo que nos sensibiliza: a abordagem narrativa “[...] é um processo dinâmico de viver e contar histórias e reviver e recontar histórias, não somente aquela que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 18).

Um fator importante nessa abordagem é a experiência que se constitui a partir de outras experiências. Ainda segundo os autores, “[...] a relação do pesquisador com a história em andamento do participante configura a natureza dos textos de campo e estabelece seu status epistemológico” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 136). Portanto, o pesquisador experiencia a história do outro e ao mesmo tempo mobiliza reflexões sobre a sua própria história.

Nesta mesma direção, Delory-Momberger (2016) afirma que o sujeito está no mundo, transformando-o e se transformando, na medida em que as mudanças que ele provoca geram efeitos em si mesmo. As relações entre o sujeito e o mundo são contínuas. Nesse sentido, a construção narrativa é um modo de produção que possibilita um alcance maior na pesquisa e na compreensão dos sujeitos que participam dela. No que tange as dimensões individuais e sociais, a narrativa proporciona e enriquece o entendimento dos processos de experimentação no mundo e dos modos como os sujeitos compreendem sua existência. Segundo Souza, (2007, p. 65-66):

Ao longo de seu percurso pessoal, consciente de suas peculiaridades, o indivíduo constrói sua identidade pessoal mobilizando referentes que estão no coletivo. Mas, ao manipular esses referentes de forma pessoal e única, constrói subjetividades, também únicas. Nesse sentido, a abordagem biográfico-narrativa pode auxiliar na compreensão do singular/universal das histórias, memórias institucionais e formadoras dos sujeitos em seus contextos, pois revelam práticas individuais que estão inscritas na densidade da História.

Dessa forma, a narrativa se conecta ao expressar sobre si e o outro em âmbito plural, podendo ser exposta de um jeito figurado e/ou metafórico. Nesse enredo de vida, encontra-se o viver e o contar sobre o que viveu e vive.

Em busca de alçar uma forma de compreender a experiência humana, segui com as águas cristalinas desse manancial, submergindo a um passado, que pode desvelar fragmentos do presente. Com minhas indagações, sigo poetizando sobre as memórias e sensibilidades no ato de narrar.

1.4 Sensibilidade e experiência estética

Lugar sem comportamento é o coração. Ando em vias de ser compartilhado. Ajeito as nuvens no olho. A luz das horas me desproporciona. Sou qualquer coisa judiada de ventos. Meu fanal é um potente com andorinhas. Desenvolvo meu seu até encostar na pedra. Repousa uma garoa sobre a noite. Aceito no meu fardo o escurecer. No fim da treva uma coruja entrava (MANOEL DE BARROS, 2016, p. 36, grifo nosso).

Entre os viveres e sonhos, conexões e sentires, um navegar lento e preciso, sigo a rota em meu barco, levando as crianças da Escola Mun. Professor Alfonso Fiedler. A travessia percorre terra, céu, ar, rio, mar, mangue, barro, sílabas, letras, poesia e imagens em uma aventura sem fim.

E como o oleiro amassa a argila para dar forma ao pensamento, apanho as palavras nas margens do rio para moldar as conchas que nos levarão para as reflexões das experiências vivenciadas durante a pesquisa. Como escultora de palavras, carrego minha argila para o caminho das águas do Cubatão.

Nessa harmônica união entre rio, mar e mangue, potencializamos as sensibilidades, característica fundamental de todos os seres da natureza. As sensibilidades e suas conexões com os sentires é o que nos movimentou, acendendo um desejo ardente de descobrir o significado da vida.

A criança por sua vez, também é movida pela curiosidade sobre aquilo que ela vê, imagina ou sente. Nesse navegar a sua expressividade criativa se revela e segundo Meira e Pillotto (2010, p.17):

Manifestar-se por meio da expressão artística significa para a criança prazer e o aprender sobre suas capacidades de criar, de produzir e de materializar suas vontades. Ajuda a compreender a si mesma, aos outros, às obras sociais e à própria pedagogia como parte de um ritmo constante em suas construções cognitivas e sensíveis.

Nesse sentido é por meio da educação estética e da experiência que a criança coloca em ação modos de perceber e significar o mundo. Para Garcia (2018, p. 25), a experiência “[...] é parte de um vasto invisível que se trona visível. Dela podem surgir modos de compreensão, antes desconhecidos e uma interessante sensação de preenchimento”. A capacidade de criar e expressar estão vinculadas ao sensível e faz parte do imaginário infantil. Para Pillotto (2006, p. 58) é um modo que:

[...], não é totalmente lógico-racional, ou seja, alimenta-se muito mais de um saber subjetivo, apropriado de elementos que por sua natureza não necessitam de uma explicação concreta, mas de uma força transcendental que se fortalece na forma individual de perceber-se e perceber tudo o que está à sua volta.

Não basta apenas embarcar e viajar para imaginar. Se faz necessário um navegar em direção do sentir, exalar, cheirar, extasiar, tocar e ouvir. Os sentidos que brotam do ar e da água, do mar e do rio, do mangue e do barro, materializam significados e desvelam o mistério do mundo.

Portanto, a possibilidade de valer-se dos sentidos para a construção de significados aponta para uma educação pelo sensível, a qual possibilita à criança ascender a um modo de conhecimento que exterioriza suas potencialidades. Seus processos de imaginação criadora são permeados pelos sentidos, o que nos torna seres de sensibilidades.

No mar calmo do sensível e nos diferentes modos de experiência que este causa, é imprescindível destacar a importância dos processos de imaginação criativa, ampliando as sensibilidades. Sabemos que desde muito cedo, as crianças recorrem à imaginação para brincar e com base nisso, criam cenários brincantes, que por consequência geram culturas. Piorski (2016, p. 29) afirma que “[...] para melhor alcançarmos a criança, devemos compreender que a imaginação é um mundo”. Dessa maneira, torna-se necessário o apoderar-se desse mundo e com ele estabelecer relações.

Nesse mundo, imaginário e real ao mesmo tempo, de olhos e ouvidos hábeis e mágicos que são capazes de encontrar ainda o espanto, o fazer criativo torna-se fundamental. Assim como a água reflete os raios do sol que tocam suavemente sua superfície, a prática educativa deve espelhar a abertura para novas e diferentes experiências.

Para tanto as práticas docentes precisam ser organizadas de forma a propiciar contato com diferentes linguagens e saberes. Nesse sentido, Duarte Jr. (2010) enfatiza que é preciso cultivar as sensibilidades de docentes e crianças ao longo de suas vidas, incluindo o fazer refletir em suas ações. Ou seja, é necessário

[...] saber perceber o mundo ao redor, em termos dos materiais e substâncias que o compõem, coletando-as e trabalhando-as artesanalmente.... com efeito, numa maneira de estabelecer vínculos mais sensíveis [...] (DUARTE JR., 2010, p. 31).

Uma educação que considera as sensibilidades pode proporcionar oportunidades, revelando potencialidades e aguçando o sentir. Desse modo, a criação ocorre à luz da sensibilidade e quanto maiores forem as oportunidades ofertadas com experiências estéticas, maiores serão as possibilidades das crianças em construir novas maneiras de pensar e de encontrar sentido, ampliando suas percepções de mundo.

Nessa travessia, decifrando a rota, o navegar da pesquisa encontra o ponto onde o rio encontra o mar. E como a lama purificada e medicinal do rio cobre a pele fadigada do sujeito, trazendo a maciez e o frescor, as práticas educativas buscam o favorecimento e a essência da sensibilidade.



Fonte: primária (2023)



2 EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS EM PRÁTICAS EDUCATIVAS NA NATUREZA

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: me ajuda a olhar! (EDUARDO GALEANO, 2000, p.11)

Assim como Diego, demorei a conhecer o mar. Não fez parte da minha infância, talvez pelo fato do medo constante da minha mãe em relação a água. Quando observei o mar pela primeira vez, senti o que Galeano (2000) poetiza em seus versos: precisei de ajuda para olhar a imensidão e a beleza. Hoje esse cenário magnífico tornou-se componente da minha vida.

Encontro-me agora ancorada nas águas poéticas do mar e me remeto à mãe terra, sentindo em meus pés a areia grossa da margem da baía. Segundo Maffesoli (2021, p. 49) “[...] o relacionamento com os diversos elementos da mãe natureza, garante a proteção tanto da espécie como do seu suporte natural”.

Sentada nos pedregulhos da margem da baía, observo suas águas...estesio. Esse modo de sentir a natureza que me acompanha, fortifica-se porque a natureza encontra-se no cerne da nossa existência, ancorada no âmago do ser.

Esse espaço do pensar, envolvendo a natureza é como raiz e terra “[...] é, em parte, assimilada à terra como uma concreção viva da terra; não pode assimilar a terra a não ser fazendo-se terra” (BACHELARD, 1990, p. 242). Essa presença da natureza, fazendo-se terra, nos possibilita compreender que pertencemos à natureza, assim como a natureza pertence a nós; somos natureza!

A natureza nos presenteia com um farto cenário provocativo de experiências sensíveis, com a qual sintoniza a poética do lugar com a poética das infâncias. Desta forma, conecta possibilidades e desperta o desejo íntimo e inesgotável de explorá-la, com o intuito de compreender seus processos e sentir como a vida é vivida. Para Piorsky (2016, p. 64), esse desejo íntimo, de sentir e viver o mundo, chama a criança para a necessidade de explorar a matéria:

Um rastro que denota desde seu desejo para as formas da matéria, pelas manipulações e modelagens dos materiais, seu peso e sua densidade, até a mais radical pulsão para o íntimo. Impulso esse que leva a criança a sondar a anatomia da natureza – os veios das árvores ou as entranhas dos animais. O interesse pelo íntimo das substâncias vai da superfície dos materiais, sua pele, ao mais enraizado anatômico do mundo natural. A anatomia do mundo é um sonho arqueológico do brincar.

O contato com a natureza nos envolve em encantamento imagético pela descoberta do mundo e da vida, experimentada pela sensorialidade. Isto permite à criança uma leitura de mundo, sendo o corpo um dos mediadores de sentires e pensares. É por meio dele que se potencializa o ver, tocar, sentir, conhecer, viver e existir. Portanto, na natureza encontram-se matérias de interação entre o corpo e o mundo e é dessa relação com o meio, que surge a possibilidade de abertura para o imaginário infantil. A criança é um ser ativo que está em uma fase peculiar no seu crescimento, e nas relações que estabelece com a natureza, ela se descobre. Segundo Barbieri (2012, p. 116):

A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas, suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; e os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento de comunhão. Somos parte da natureza, e podemos e devemos nos religar a ela.

Portanto, é a partir das possibilidades que a natureza oferece e da fruição pelas crianças e adultos, que os sentidos são mobilizados por meio do sentir, cheirar, olhar, experimentar e ouvir. Assim, uma educação pela sensível contribui para que as crianças exercitem o olhar e a escuta e atentas, indaguem curiosamente sobre o que lhes interessa, explorando os espaços e objetos a sua volta.

Assim, as infâncias são lugares em que se inicia a formação estética, articulada com o ato do brincar e imaginar. Deste modo, o desafio do docente que atua nas infâncias é nutrir a alma investigativa da criança, instigando o senso exploratório, a fim de contribuir para que se amplie o sentido de pertencimento. É também, momento de convidar as crianças a sintonizar com a pulsação dos cantos, encantos e recantos dos espaços.

As percepções que as crianças possuem em relação a natureza são conciliadoras e ao mesmo tempo vivificadas em todos os seus aspectos: emocionais, físicos e de sentidos. Profice (2016) defende a reconexão das crianças com a natureza em seu estado mais bruto, para que conheçam a si mesmas, aos outros e ao mundo. Para essa autora, os sistemas e microssistemas em que as crianças estão inseridas, são determinantes em sua formação plena e para sua conexão com a natureza.

As crianças ao explorar a natureza, vivenciam sensações que reverberam no seu corpo e na sua essência; conexões simbólicas que provocam o imaginário. Com isso, fomenta-se na criança a iniciativa e a autoconfiança, mobilizando o seu potencial humano. A natureza é esse elo de conexão, que se constitui em movimento contínuo de autoconhecimento e de amor pela vida; afinal somos também natureza.

É imprescindível possibilitar que a criança estabeleça relação dialógica e sensível com a natureza, para que ela se sinta livre para imaginar, fabular, descobrir, idealizar, inventar, investigar, refletir, questionar, contemplar. Para Louv (2016) o distanciamento da criança e dos adultos com a natureza pode ser prejudicial para uma vida significativa e saudável, pois esta propicia às crianças o envolvimento a um universo infinito de possibilidades e sentires. Segundo Louv (2016, p. 87) as crianças precisam do contato com a natureza para que possam viver seu próprio interior de maneira mais intensa

As crianças vivem pelos sentidos. As experiências sensoriais ligam o mundo exterior da criança ao mundo interior, escondido, afetivo. Como o ambiente natural é a principal fonte de estímulo sensorial, liberdade para explorar e brincar com o mundo exterior pelos sentidos em seu próprio espaço e tempo são essenciais para o desenvolvimento saudável de uma vida interior (LOUV, 2016, p. 87).

Portanto, oportunizar a criança o contato com a natureza é potencializar seus processos de imaginar, fabular, descobrir, idealizar, inventar, investigar, questionar, contemplar, ou seja, estar envolta a um universo infinito de possibilidades, conhecimentos e saberes.

2.1 Natureza e experiência estética: um elo sensível

Mobilizada pelo canto dos pássaros e pelo ruído do rio que busca o mar, percebo que a natureza nos brinda com seu espetáculo magistral. Essa intensa conexão afetiva entre mim e a natureza é o elo que cultivo cotidianamente, carregado de sentimentos, memórias e marcas colhidas a partir do que já foi vivido.

Olhar para a imensidão da natureza que se expõe a todo o momento contemplando suas grandezas e miudezas, é perceber novos convites sensoriais, afetivos e cognitivos. Contornos, linhas, traços e formas, são elementos ímpares que retratam criações de sentidos, os quais nutrem a sensibilidade estética.

Para que o desfrute estético ocorra, cabe a nós adultos, desembaraçar-nos totalmente de verdades únicas e aceitar novas circunstâncias. É desacomodar-se da noção de belo, construindo uma ressignificação estética e cultural. É despir-se de antigas e definitivas ideias, abrindo espaço para novos olhares.

Nessa perspectiva percebo a plenitude e perfeição da natureza como uma experiência estética: o canto dos pássaros, o revoar do vento, o cheiro do mato e o burburinho da água, que desnuda meus sentidos me integrando à natureza.

Em meio às leituras e devaneios, encontro Dufrenne (2008, p. 76) que nos diz: “a natureza não nos traz somente sua presença, ela nos ensina que estamos presentes nessa presença. A experiência estética que ela suscita nos dá uma lição de estar no mundo”. Nesse sentido, a ressignificação do mundo e da vida perpassa pela experiência estética, que segundo Larrosa (2002, p. 24) é

[..] um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

A experiência estética traz à tona sentimentos, sensações e percepções, alterando nossa maneira de pensar e agir. É compreender nuances da vida e ser afetado, pois como afirma Duarte Jr. (2004, p. 98) o “[...] olhar estético não interroga, mas deixa fluir, deixa ocorrer o encontro entre a sensibilidade e as formas que lhe configuram emoções, recordações e promessas de felicidade”. A natureza é o elo que une pensamento e sentidos, que para Dufrenne (2008, p. 30-31) é o “[...] ponto em que o homem, confundido inteiramente com as coisas, experimenta sua

familiaridade com o mundo; a Natureza se desvenda para ele, e ele pode ler as grandes imagens que ela lhe oferece”

A forma de observar e interagir com a natureza por meio de nossos sentidos, nos faz transcender. Portanto, a estética e a natureza estão intimamente ligadas e as experiências a partir delas são intensamente vivenciadas. Portanto, cabe ao docente propor ações abrindo-se e arriscando-se para a experiência de se deslocar de um modo de pensar de si para o outro.

2.2 Experiências Estéticas: o voar da pesquisa

Voando sobre o céu cinza, afetada pela natureza, sensibilizada pelo som das águas, pela estação do outono e o cair de folhas pelo chão, estesio no sentido de transcender o olhar imediatista sobre as coisas. Percebo-me poética e me constituo aceitando a complexidade em vez de objetivar a minha presença. Sou, a partir de minhas experiências estéticas, sujeito do mundo.

Figura 8 - As ligações



Fonte: primária (2023)

Nada distante, as crianças também a são. Proporcionar para as seis crianças, moradoras do Ribeirão do Cubatão e estudantes da Escola Municipal Professor Alfonso Fiedler, esse mesmo voo, essa estesia, singular e ao mesmo tempo plural, foi intensificar suas vivências. Momentos de construir novos olhares potentes de percepção estética, aguçados pela capacidade imagética.

Com todos os meus sentidos reconheço que o lugar vivido por elas, um mundo que hospeda a experiência estética, foi o grande palco para as manifestações de suas potencialidades criativas. A natureza é para as crianças, potente e imaginária. Seus elementos são portadores de afetos, histórias de vida e subjetividades. Segundo Piorsky (2016, p.30):

O mundo, a cultura local, o real, [e o lugar em que a criança se goteja, se derrama ou se faz tempestiva, e, na pior e bem comum hipóteses, resseca. Eis o amálgama anímico da criança: a cultura imaginal (o inconsciente coletivo) em profusão criativa, sendo jorrada na cultura local. Ou, inversamente, a cultura local promovendo impressões vivíssimas e gravíssimas na arcaica fluência imaginária.

Quando a criança encontra espelhos no mundo, ela se aproxima do seu eu e de suas fontes criadoras.

Dessa relação íntima e prazerosa com a natureza e das matérias do mundo, o celeiro imaginário infantil perpassa pelos quatro elementos (terra, ar, água e fogo). Foram por meio deles, entrelaçados pelos sentidos (visão, audição, paladar, olfato e tato), que as experiências estéticas com as crianças habitaram o território das sensibilidades, marcados pelo Ribeirão do Cubatão.

Alçamos voos longos e profundos, pairando sobre o desconhecido, enfrentando tempestades. Desvendamos um universo de possibilidades a partir de experiências estéticas em narrativas e descobertas.

2.2.1 Retratando a natureza com a natureza

Pensamentos luminosos, diferentes, delicados e resistentes. Desconstrução e liberdade. Desapeguei-me no sentido de pensar que a natureza é sapiência, conversa conosco e nos liberta. O misterioso bater de asas de um pássaro, o voo, a liberdade. Ser liberto é entender que se não há vento não pode cair a semente, se não há terra a semente não vinga, se não há água a semente não brota e se não há sol a semente não cresce. Nesse voo libertário, desejo carregar junto às minhas asas e no aconchego das minhas penas, as seis crianças.

Viver um lugar, inquietar-se. Fazer perguntas, prever possibilidades. Entre uma revoada e outra, estudei, trabalhei, conversei, e principalmente vivenciei uma experiência estética proporcionada pela colega/pesquisadora Eliana Stamm, integrante do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE, vinculado a UNIVILLE.

Um amassar de barro, uma história, uma sensação, que a argila em sua organicidade nos proporciona. Essa experiência me levou a pensar nas seis crianças participantes da pesquisa, integrantes da comunidade do Ribeirão do Cubatão, que estudam na Escola Municipal Professor Alfonso Fiedler.

O desafio que pulsou esse voo com as crianças, foi o de experienciar a natureza, construindo pontes de reencontro com a essência, ascendendo o desejo de fazer e narrar os sentimentos vividos.

Voar em liberdade é também desapegar e estar aberta às imprevisibilidades, entendendo que não possuir o controle do vento, liberta o corpo e a mente. Portanto,

nesse voo, projetamos as expectativas, sabendo que poderia haver curso de voo sem destino ou respostas. Que os ventos podem levar a outros destinos, os quais serão descobertos apenas quando experienciados. Nesse céu, voamos juntos – eu e as crianças.

Entre pousos e desembarque, definimos como ação de pesquisa a experiência estética: *O solo vivo - pigmentos de mundo, cores da terra*. Certa de que essa experiência contribuiria para reconectar as crianças ao mundo ‘terra’, pois como diz Piorsky (2016, p.39) “[...] a criança vem da terra, do útero do mundo, do desconhecido mistério [...]”.

O tema da experiência estética foi definido, considerando que a terra é um potente elemento e que a dimensão do barro, que se faz argila, molda pensamentos e sentires nas mãos de quem as toca. A matéria mole e pegajosa do barro é perene, transmitindo a potência da vida. Tatear o visgo da lama, do barro, sentindo as raízes e pedras que compõem sua matéria é visceral. Segundo Piorsky (2016, p.122) “[...] é um decifrar de pele a pele, corpo a corpo, dos primeiros fatos da alma”.

Lembro-me perfeitamente, de que quando criança, junto com meus primos, atolava meus pés descalços na lama fria e úmida do potreiro das vacas no sítio de meus tios. Chego a sentir o odor que exalava do chão encharcado e pisoteado pelos animais; cheiro de saudade.

Mistura de barro e esterco, de raiz e água, de pedra e rio, de sujeira gostosa, um grude que impregna não só nos pés, mas no corpo por inteiro. Um experimentar de alma, entrelaçada pelo visgo da matéria oriunda da terra com a sensação de liberdade e ao mesmo tempo proteção. Terra empapada de água que transforma e invade a pele, que nutre e sustenta, fazendo sentir-me natureza.

Assim, o tátil torna-se o grande elo entre nós e a terra, seguido pelo odor do barro e as cores oriundas da matéria. O elemento barro, fruto extraído da natureza às margens do velho e grandioso Cubatão, permeou a experiência estética com as crianças, no amassar, cortar, torcer e construir produções tridimensionais.

Ao mesmo tempo que se funda como tátil e imaginada, a matéria terra se constitui como pensamento. Portanto, proporcionar o contato ainda mais intenso com a argila, tornando-a viva, é dar forma ao pensamento e experienciar o desejo de expressar impressões, inquietudes, dúvidas, dores e alegrias - minhas e das crianças.

Assim a experiência estética para mim e para as crianças, tornou-se um despertar de sentires, potencial criativo expresso na argila, matéria orgânica e vital da natureza. Uma experiência sentida e intrasferível.

Experienciar o contato com a argila, tornou-se um movimento singular que conectou o pensar, olhar, indagar, escutar e devanear, deixando os sentidos conduzirem o caminho percorrido. A argila nas mãos do oleiro se torna perene a partir do instante em que se funde ao fogo, elemento trazido como uma possível aterrissagem, desse voo livre e aberto para novas experiências. A rota na sequência, intitulou-se: *Experiência Estética: Fogo - mística alquimia da vida*.

Desde os primórdios, a humanidade possui um fascínio pelo fogo, elemento estéreo, propulsor, primitivo e cálido. Potente força da natureza mítica, fugaz e transformadora. Sua chama desperta o imaginário e dela surgem contos, lendas, mitos, deuses e heróis.

Para as civilizações mais antigas a natureza é uma dádiva e muitas vezes associada ao sol. Os incas acreditavam que o filho do sol lhes deu o fogo. Entre os romanos a crença é de que o fogo não poderia se apagar e para isso as sacerdotisas o guardavam (GONÇALVES *et al*, s.d). Desde sua descoberta, o fogo se tornou, por meio das mãos dos seres humanos, a primeira energia que se conseguiu dominar. Já a alquimia era a química praticada na Idade Média, ciência precursora da medicina. Sua simbologia é retratada por meio de uma borboleta em virtude do efeito da metamorfose¹⁷.

Nas minhas memórias de infância, lembro de uma em que o elemento fogo esteve presente. Recordo perfeitamente do *Seu Dito*, pedreiro de profissão, construindo uma churrasqueira na garagem de nossa casa. Suas mãos escuras, calejadas e carcomidas pelo cimento e cal, davam forma à peça que para mim parecia uma obra de arte. Eu, criança, com seis anos, observava atenta cada tijolo colocado e cada pá de cimento usado para ‘grudar’ um ao outro.

Passaram-se alguns dias e a obra do *Seu Dito*, estava quase pronta. Para revesti-la, ele solicitou ao meu pai que comprasse açúcar cristal, pois esse elemento, segundo ele, deixaria o cimento melhor, evitando que o fogo ‘craquelasse’ o acabamento. Achei estranho, pois para mim, açúcar era apenas alimento. Enfim, após a alquimia de cimento, água, cal e açúcar cristal, a churrasqueira ficou pronta.

¹⁷ De acordo com o site <http://mundoeducaçao.uol> (S.d). Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/quimica/alquimia.htm> . Acesso em: 2 fev. 2023.

Para inaugurar, meu pai resolveu fazer uma costela bovina assada. Para isso, no domingo acordou cedo, colocou lenha na churrasqueira e com um riscar de fósforo, o fogo tomou conta do interior da obra do *Seu Dito*. Eu fiquei encantada com os estalos, faíscas e as cores que de lá emanavam.

Não era segredo nenhum para nossa família, que eu ainda aos seis anos, fazia uso da chupeta. Nesse domingo, meu pai percebeu o meu encanto com o fogo e propôs que eu jogasse meu objeto de apego - a chupeta para ser consumido pelo fogo.

No início resisti, não queria desapegar, porém com a sua insistência e o meu encanto pelas labaredas que alternavam de cor, ora vermelha, ora amarela, ora laranja, senti coragem. Talvez esse tenha sido meu primeiro desafio – atirar a chupeta ao fogo. As labaredas se ataçaram e como um passe de mágica a chupeta desapareceu de minha visão.

Narro esse fato porque para mim esse ritual místico de jogar um objeto de apego, provocou o rompimento de um ciclo, iniciando outro. Ou seja, me transformei internamente; o fogo me auxiliou nesse processo.

Para mim o calor tem a potência de penetrar, expandir a alma, o pensamento e a ação, seja na transformação ou nas marcas deixadas. Portanto o calor do corpo aquecido pelo sol, a fusão do barro que se transforma em cerâmica pelo calor do fogo, a natureza e a sua metamorfose são os elos que permearam minhas experiências de infância.

Naqueles dias de oleiro e olaria a mão, o cérebro e a razão ficaram imersas no frio do barro e aquecidas no fogo místico, resignificadas em elos imaginários de transformação. Para Aires (2013, p. 123)

Fogo e terra, matéria mole e temperatura, são parênteses de imagens que muito fortemente atualizam atividades antiguíssimas. Um brincar criacional, axial, central. Uma espécie de preparação, uma sublimação para a vida material dura e do embate. Um brincar gentil de moleza e inicial de calor, que aos poucos dá vida e personalidade às mãos, ao corpo, ainda tenro para a matéria dura. Uma gradação de substância mole para a dura é uma preparação de uma imaginação que flui do menos espesso para o mais denso. Dos valores da entrega para os valores da luta.

Regar desejos e anseios para ampliar as sensibilidades, tornou-se essencial para compreender os processos de pesquisa e refletir sobre a vida e as relações que tecem a existência.

Sopram brisas, plainamos no ar. O frescor do vento batendo em nosso corpo, provoca estender horizontes e a aura nos leva à revoada de novos tempos. O perfume das flores do jardim, impregnadas de cores, nos conduziu à Experiência Estética: *Flores e odores - a botânica do pintar*.

Do mesmo modo que a terra exprime pensamentos e percepções, as plantas que dela surgem também o fazem. Narro isso porque em minha memória está clara a lembrança do modo que eu observava o pomar e a horta de nossa casa. Deliciava-me com a beleza das cores das folhas e flores do grande ‘pé de ariticum¹⁸ do mato’. O seu caule manchado com tons vermelhos e brancos, talvez fossem fungos a extrair as proteínas para a sua sobrevivência.

Absorvia desejosamente o gosto e a cor das hortaliças. Sentia um prazer visual de degustar a exuberância cultural a minha volta. O extrair da terra fecunda, a cenoura com sua forma cônica e cor laranja ou até mesmo a beterraba com seus tons avermelhados, manchando minhas mãos e meus dentes ao mordê-la sem cozinhar. Talvez por isso, hoje sou impregnada de cor.

A natureza nos oferece inúmeras possibilidades de cor e de obtê-las por meio da extração de seus pigmentos, seja ele por vegetais, animais ou minerais. Segundo Bueno (1998, p. 23):

[...] as matérias-primas de origem vegetal são mais abundantes na natureza, exigindo maior elaboração no preparo das tintas [...]. Já as matérias-primas de origem mineral apresentam maior estabilidade, de forma que as cores delas provenientes permanecem inalteradas. As matérias-primas de origem animal, por sua vez, são usadas como aglutinantes (gema e clara de ovo) ou na forma de pigmentos, como as cascas de ovos moídas, ossos calcinados e fel de galinha.

Na localidade do Cubatão, possuímos diversas matérias-primas para tal. Dos elementos que encontramos, pude propiciar a mim e às crianças a extração de sucos coloridos de infinita beleza, que utilizamos para marcar nossas produções artísticas.

Produzimos têmperas com elementos naturais, que marcaram as experiências estéticas. Utilizei diferentes suportes como uma peça de cerâmica ou até mesmo o

18 Ariticun do mato ou Araticun do mato: Nome Científico: *Rollinia sylvatica* (Annonaceae), é uma espécie arbórea de porte médio com altura de 6-8 m e com tronco de 30-40 cm de diâmetro. A copa do Araticum do Mato é de forma globosa, contém folhas simples, ovaladas e elípticas, com 11 cm de comprimento. Suas flores são isoladas e de coloração amarela, de até 3 cm de comprimento e, os frutos, globosos, carnosos e com saliências (IBF, 2023, *online*).

próprio papel branco. Assim tivemos a possibilidade de observar as nuances das cores ao se fixarem nas produções artísticas das crianças. Foi um fazer estético que convidava à curiosidade, vibrando em pensamento e trazendo novas descobertas.

Quando definimos essa experiência estética como parte da pesquisa eu não tinha ideia do seu fascínio. Digo isso, porque fui convidada pela minha orientadora Silvia, a realizar uma experiência estética para os acadêmicos do último ano do curso de Ciências Biológicas da UNIVILLE, tendo como referência a natureza. Estava curiosa para experimentar as misturas em pigmentos naturais.

Um misto de ansiedade e medo tomaram conta de meus pensamentos. Como seria uma experiência de 'flores e odores' com os acadêmicos? A surpresa foi enorme. O grupo se permitiu experimentar e após uma mistura e outra, colocaram-se a pintar em suporte de folhas brancas, com as têmperas a ovo e os pigmentos naturais feitos de terra, folhas, flores, sementes, entre outros.

O pincel deslizando sobre o papel branco dava vida e cor aos pensamentos. O tempo ficou curto para nós, pois mergulhamos todos no mar das flores e nos odores da natureza. A sedução pelos tons pastéis, o brilho da têmpera, tudo era motivo de encanto. As produções ficaram surpreendentes e estão expostas nas paredes da minha casa. Marcas deixadas de uma experiência estética que muito me afetou.

Figura 9 – Experiência 1



Fonte: primária (2022).

Figura 10- Experiência 2



Fonte: primária (2022).

Num revoar quase holístico, em piruetas e acrobacias me desdobrei em estudos e leituras. Tempos de aguaceiro, frio, tempestades e nuvens carregadas; cheiro de chuva. Assim passei meus dias, melancólica e desejosa. O calor advindo das pessoas que amo, aquecia meus anseios e aspirações.

Recorro aos meus sentires. À medida em que vou me percebendo, sinto-me água movimentando-me em minha própria nascente, desperto. Água, elemento vital na natureza e fonte inesgotável de vida, alento e vigor. Simboliza acordos e compromisso em rituais de iniciação. A água fecunda a terra, fertiliza possibilidades. Sua matéria líquida, escorre e é absorvida. Sua transparência permite mostrar o que nela encontra-se. Sua textura reabilita, regenera, resgata.

Então parti mais uma vez para o nosso voo liberto. Imagino o majestoso rio Cubatão; sua água aparece como uma matéria integral, um âmago, um cerne, uma essência, um pensamento, uma voz... Ao fechar meus olhos posso ouvir o cantar do rio, o bater de suas águas nas pequenas pedras de sua margem, no barco ancorado no porto, e o navegar dos patos selvagens; com suas leves plumas, flutuando delicadamente sobre as águas. Cena cotidiana para quem habita as margens do Cubatão.

Considero a pena das aves uma obra magnífica de engenharia na natureza. São flexíveis, resistentes, restauráveis e belas. As aves são fascinantes - nascem sem nenhuma plumagem, permanecem nos ninhos e aos poucos crescem ficando totalmente cobertas de plumas ou penas.

A pena da ave retém o ar, proporciona aconchego, aquece e ao mesmo tempo refresca. É defesa contra predadores quando repousam em absoluto silêncio e imobilidade corpórea; se confundem com o meio ambiente, tornando-se invisível. Suas cores e formas, tornam-se importante elemento para a comunicação entre aves da mesma espécie. No acasalamento os machos trocam a plumagem¹⁹, tornando-as exuberantes. Exibem-se para as fêmeas, dançando, vocalizando e demonstrando seus atributos, com a esperança de ser escolhido (IBB-UNESP, [2022], n.p.). As penas causam fascínio entre os seres humanos, pois sua exuberância é exibida por vários povos tradicionais como adornos estéticos.

¹⁹ Informações sobre as aves de acordo com site educativo do Jardim Botânico do Instituto de Biociência da UNESP (IBB-UNESP, [2022], n.p.).

Essa reflexão sobre as aves e suas plumas, impulsionaram a Experiência Estética: *Plumas e Penas - um tempo para cultivar o olhar*. Sobre essa questão, cito Nüsslein-Volhard (2020, p.11-12, tradução nossa²⁰) quando afirma que:

[...] a beleza das plantas e dos animais, tal como a percebemos, desempenha na natureza uma função semelhante àquela desempenhada pela arte e pela cultura para a humanidade. Desde os tempos pré-históricos, os seres humanos se adornam com penas e peles que naturalmente lhes faltam, obtendo assim uma variedade de cores por meio de métodos e artefatos artificiais. Outros animais não são capazes disso, mas, por outro lado, dependendo de suas condições de vida, exibem formas e cores que - como entre os seres humanos - são reconhecidas por outras espécies e permitem a comunicação.

A experiência estética: *Plumas e Penas: um tempo para cultivar o olhar*, teve no olhar contemplativo e na fotografia um papel fundamental. Foi por meio desse registro que pudemos experimentar outros modos de ver a natureza.

As crianças manusearam as máquinas fotográficas, tablets e celulares. Com eles foi possível registrar o que nos encantava em relação à natureza do Cubatão. Após a experiência, as fotografias foram impressas, desvelando pistas sobre as percepções das crianças.

A riqueza das imagens me absorveu e inspirou-me a pensar em uma exposição. Mas para isso foi necessário pensar junto com as crianças uma curadoria. Mas, o que seria uma curadoria para nós? Mais um voo para o desconhecido em busca de novos gravetos para meu ninho.

Entre um aterrizar e voar de leituras e autores, me deparo com Luiz Guilherme Vergara, o qual utilizou o termo ‘curadoria educativa’, pela primeira vez em 1996 no encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Para ele a curadoria educativa é uma prática que “tem como objetivo explorar a potência da arte como veículo de ação cultural” (VERGARA, 1996, p. 03). É também um modo de fortalecimento de identidade cultural, em que as culturas possam ser vivenciadas e cultivadas, ou seja uma formação de consciência e olhar.

20 [Texto original]: [...] e tuttavia la bellezza delle piante e degli animali, così come noi la percepiamo, svolge in natura una funzione simile a quella svolta dall'arte e dalla cultura per l'umanità. Sin dai tempi preistorici gli esseri umani si sono ornati di piume e pellicce di cui per natura sono privi, ottenendo così una varietà di colorazioni attraverso metodi e manufatti artificiali. Gli altri animali non ne sono capaci ma in cambio, a seconda delle loro condizioni di vita, esibiscono forme e colori che – come tra gli esseri umani – vengono riconosciuti dai compagni di specie e permettono la comunicazione (NÜSSLEIN-VOLHARD, 2020, p.11-12).

Era isso que procurava, um modo de vínculo, que proporcionasse uma amplificação da consciência crítica, da percepção imaginativa e do reconhecimento cultural por meio da experiência estética, para as crianças moradores da localidade do Ribeirão do Cubatão.

Nesse voar, buscar, voar, encontro Marinho (2014), que nos traz reflexões acerca de práticas de criação e curadoria como meio fértil para as percepções que envolvam a arte, seus observadores, os objetos e seus modos expositivos.

Para isso, a escolha das imagens, junto com as crianças foi imprescindível, pois a curadoria se torna um recurso pedagógico. Marinho (2014, p. 63) nos fala que “[...] tanto na criação como no aprendizado, a criatividade, a tomada de decisão, a sinestesia com os outros e com o mundo são dispositivos atuantes que influem em todo processo artístico-pedagógico”.

A pretensão dessa curadoria foi principalmente ampliar o olhar, de modo a imergir em águas profundas, em voos altos, frenéticos, desassossegados, turbulentos, revoltos e travessos. Não somente limitado à imagem em si, conduzindo ao voo que nos leve a refletir sobre a vida, a linguagem, a arte. Por intermédio da experiência e da colaboração, o intuito foi trazer nesse voo a partilha do vivido por meio das expressões conectadas com a prática artística.

E assim segui com a pesquisa alçando outros voos. Busquei com as experiências estéticas, maneiras de me reconectar com o mundo e então encontro a música. Penso que por ter nascido ao som de *Für Elise*²¹, a música para mim tem um significado especial, confortável e ao mesmo tempo um despertar da ilusão para a razão. Sim, no parto de minha mãe, o saudoso obstetra Doutor Luiz Carlos Carzino²², para acalmar as parturientes e enfermeiros, proporcionava no centro cirúrgico a escuta de músicas clássicas executadas no piano por músicos.

Com esse sentimento nostálgico e presente, definimos como proposta a Experiência Estética: *Música - o canto dos pássaros, liberdade e expressão*, na qual se utilizou do som para conectarmos com nosso interior.

21 Für Elise – traduzido para a Língua Portuguesa como ‘Para Elisa’ é uma composição musical em lá menor, composta para piano solo, de caráter ligeiro e desprezioso, do compositor Ludwig Van Beethoven. É uma de suas obras mais conhecidas mundialmente (GESIEL, S.d).

22 Luiz Carlos Carzino – Médico ginecologista obstetra que atende na cidade de Curitiba-PR. CRM 1907 PR.

A experiência sensorial, corporal e auditiva, potencializou o imagético das crianças, pois “todo o ato criador passa pelo crivo sensível da sensorialidade corpórea, que pulsa por exercitar seus poderes, suas potências de vida. O exercício é o mesmo da brincadeira, da vivência lúdica da infância” (MEIRA, 2014, p. 53). Ou ainda como nos diz Duarte Jr. (2010, p. 26), a educação que tange as sensibilidades “refere-se a todo conhecimento integrado ao nosso corpo, que nos torna também mais sensíveis”.

Nessa direção Kohan (2017, p. 68) afirma que entre ideias e sentires nos expressamos em gestos, corpos e imagens, pois “a arte é a criação a serviço de uma compreensão maior”; arte e estética navegam no mar da liberdade e das sensibilidades.

Esse fazer liberto, criativo e sensível se revelou crucial para as experiências com as crianças, possibilitando novas explorações. Um tempo de acolhimento com vivências e percepções sobre o mundo. Ao provocar e compartilhar experiências estéticas, as singularidades das crianças foram respeitadas, culminando em novos pensares e sentires. Para Meira (2014, p. 57):

É possível que a experiência estética desperte em cada um de nós protótipos mentais concretos e que variam em termos de ordem e desordem, que se liguem a nossa história pessoal, ao nosso nível de escolarização, à cultura que tivemos em casa, na rua, no trabalho. Ela permanece constante no que se liga ao corpo com suas necessidades e desejos, ao campo de estésias que o lugar em que vivemos oferece. Refiro-me a capacidade de fruir prazer e dar prazer a alguém.

Para a experiência estética *Música: o canto dos pássaros, liberdade e expressão*, oportuneizei músicas que exaltam a ‘mãe terra’. O álbum escolhido foi *Aliento*²³, da cantora *Danit*²⁴, apresentado por minha filha Poliana²⁵. O ritmo das músicas pulsava, encantava e vibrava em nossos corpos. O canto lembrou que somos vida, ar, água, terra e fogo.

23 *Aliento*: Álbum musical da cantora Danit Treubig. Ano 2017. Trilha sonora: Presencia, Guacamayo, Amanecer, Apus, Iansa, Lunita, Hearbeat, Pajaro, Cuatro Vientos, Naturaleza (TREUBIG, 2017).

24 Danit Treubig: Cantora da Europa Ocidental, a qual aprendeu as culturas tradicionais dos povos indígenas da América do Norte e do Sul. Com isso surgiram suas composições e melodias. É escassa as informações sobre sua biografia (DANIT TREUBIG, s.d).

25 Poliana: Poliana Maria Pinto de Mattos, minha filha mais nova, nascida em Curitiba no dia 06 de novembro do ano de 2001.

Com as batidas do tambor, o dedilhar das cordas e a beleza da voz da cantora, cantamos e brincamos ao mesmo tempo com delicadeza e força, mergulhados na experiência estética. Os pés batiam fortes no chão, as saias balançavam e ‘melenas’ ficavam bagunçadas, enquanto mentes transbordavam em plenitude.

O convite a essa experiência foi a de se permitir sentir²⁶. Sentir-se em notas [dó] ré mi fá sol lá si, em escala de mi maior, mi menor, em sustenido²⁷. Sentimos o desejo de dançar, rir, florescer - florescendo.

O conjunto de experiências estéticas propiciaram a expansão dos sentidos com estímulos: visuais, auditivos, táteis, olfativos e gustativos, tornando-se pilares para o autoconhecimento, essencial para constituição humana. Portanto, uma experiência estética é “[...] comprometida com a estesia humana”, como cita Duarte Jr. (2000, p. 177).

2.2.2 Rota de voo: a narrativa como instrumento de navegação/método de pesquisa

Sopram brisas... Em busca de alçar uma forma de compreender a experiência humana, refletir sobre mim, as crianças e as experiências vividas, trouxe como fonte e método dessa dissertação, a narrativa (auto)biográfica, cujo objetivo foi “[...] explorar os processos de gêneses e devir dos indivíduos, investigando como dão forma a suas experiências e sentido à existência” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524).

As narrativas em si são marcadas como uma rota de pesquisa, pelo aporte à construção de sentidos sobre as experiências, que são ressignificadas no campo da reflexão. Para ampliar a argumentação, aponto Clandinin e Connelly (2015, p. 48) quando dizem que:

[...] a vida — como ela é para nós e para os outros — é preenchida de fragmentos narrativos, decretados em momentos históricos de tempo e espaço, e refletidos e entendidos em termos de unidades narrativas e descontinuidades. [...] narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência.

26 Sinta-se você também ao acessar o álbum *Aliento*, de *Danit* (noHiPSTEROfficial, [2018], on-line), no link: <https://www.youtube.com/watch?v=7xhNo2V8TuU>

27 “Diz-se de ou nota natural que foi elevada meio-tom” (DICIONÁRIO PRIMERAM, [2022], s.p.).

Assim, como modo de comunicação e método de investigação científica, as narrativas permitem imergir nas experiências vividas, refletir sobre elas e emergir com uma nova percepção. Segundo Benjamin (2012, p. 205), “[...] a narrativa floresceu no meio artesão – no campo, no mar e na cidade, sendo em um certo sentido, uma forma artesanal de comunicar, onde não se interessa a transmissão ‘pura de si’, do narrado e sim no mergulho do vivido pelo narrador”.

Desde cedo, as crianças possuem aptidão para mergulhar nesse vivido, narrando suas vivências, contando histórias, acontecimentos e socializando suas sensações. Por meio da narrativa, a criança percebe e compreende o mundo, amplificando as emoções e visões no que se refere à realidade vivida. Para essa compreensão, recorro a Passeggi, Nascimento e Antunes Medeiros de Oliveira (2016, p.114):

O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela.

É importante destacar que quando se trata de pesquisa com crianças, é fundamental captar o que não é visível, as sutilezas e subjetividades. Implica, sobretudo, narrar sobre o outro e sobre si, desapegando-se de qualquer certeza.

Nesse voo narrativo (auto)biográfico, reflito sobre a importância do convívio da criança com a natureza e sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias. Isso possibilita um olhar sensível tanto das crianças quanto do docente. Afinal, com todos os nossos sentidos, reconhecemos que o lugar vivido – a natureza, constituída de um mundo que hospeda a experiência estética, pode ser palco para as manifestações de poéticas visuais, corporais e sonoras. Lugar que impulsiona afetos, histórias de vida, narrativas e subjetividades.

Digo isso apoiada na compreensão de Martins, Tourinho e Souza (2017, p. 13), quando dizem: “[...] narrativas são construídas na experiência como atos de formação e transformações de episódios que, elaborados, produzem diversas temporalidades, novas significações e outras histórias vividas”.

Desse modo, os três elementos: histórias de vida, a arte e a educação se mesclam e se convergem, ora se abrindo para uma rota comum e em outros

momentos gerando rotas e pousos para lugares com potencial para serem questionados, remodelados e reconstituídos.

O voo na brisa mansa pouco a pouco se transforma. Medito sobre o modo em que eu e as crianças interlocutoras da pesquisa, experienciamos o ver, o não ver ou o deixar de ver, a partir do que somos e os diversos mundos que habitamos. Seria possível enxergar com outros olhos, descortinando o mundo? Intensificar as vivências e potencializar um novo olhar perceptivo, aguçando as capacidades criativas e imaginárias? Como ouvimos o mundo? Reflito: experienciar, olhar, escutar, narrar.

Nessa rota de pesquisa, experiências e reflexões não caminhei só. Estamos voando juntos, experienciando e envolvidos coletivamente na experiência que desejamos investigar, pois “[...] a experiência da narrativa do pesquisador é sempre dual, é sempre o pesquisador vivenciando a experiência e, também, sendo parte da própria experiência” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 120). Portanto, o desafio nesse voo foi procurar procedimentos e rotas pertinentes para a coleta de indicações, para extrair significados, sem perder de vista o entendimento dos diferentes pontos de vista.

Para isso, recorro ao modo de narrar as falas das crianças e minhas experiências, provenientes do contexto em que estamos inseridos. Partimos da escuta e registro no caderno de campo, sobre os vídeos, as fotografias tiradas com e pelas crianças e em nossas manifestações quando realizamos nossas experiências estéticas.

Cabe ressaltar que o caderno de campo foi inspirado pelas autoras Carla Clauber, Silvia Pillotto e Patrícia Leal (2017), que tiveram como fundamento o caderno de artista. As autoras compreendem o *caderno de experiência* como uma prática educativa, “[...] que potencializa a relação consigo próprio por meio de uma arte da existência, em que é possível viajar para o interior de si mesmo, ensaiar-se com o outro, novas maneiras de ser.” (SILVA; PILLOTTO; LEAL, 2017, p. 191).

O plano de voo consistiu em potencializar instrumentos narrativos, dispondo de indícios das experiências que aconteciam de modo harmônico. A pluralidade envolta nesse voo, exigiu de mim pesquisadora uma vigorosa e intensa dedicação e afinco na leitura e análise desses aparatos.

Tomo impulso e me lanço e na revoada encontro Souza (2014, p. 43-46) o qual destaca três tempos de análise como dimensão metodológica, que dialogam e

mantém aproximação mas também singularidade em seus tempos: o *Tempo I*, centrado na organização e leitura das narrativas como modo de construção do perfil do pesquisado e de suas singularidades; o *Tempo II* como leitura cruzada a qual abarca a apreensão das individualidades e subjetividades das histórias, compreendendo por meio dos sentidos; e o *Tempo III*, o qual se refere à análise compreensiva, recorrendo a agrupamentos das unidades de análise temática e/ou ao conjunto das narrativas e das fontes utilizadas (SOUZA, 2014).

A maior preocupação aqui na leitura das indicações, foi no curso desse voo, do planar em si durante o tempo de pesquisa e não necessariamente com o pouso (resultado/produto), ou seja, nesse plano de voo a visão dos cursos seguidos foram compreendidos como pousos e decolagens. Clandinin e Connelly (2015, p. 85-86) cooperam na compreensão dessa visão de voo principalmente quando apresentam quatro aspectos relevantes no processo:

[...] introspectiva, extrospectiva, retrospectiva, prospectiva. Por introspectiva, queremos dizer em direção às condições internas, tais como sentimentos, esperanças, reações estéticas e disposições morais. Por extrospectiva, referimo-nos às condições existenciais, isto é, o meio ambiente. Por retrospectiva e prospectiva, referimo-nos à temporalidade – passado, presente e futuro. Escrevemos que experimentar uma experiência – isto é, pesquisar sobre uma experiência – é experienciá-la simultaneamente nessas quatro direções, fazendo perguntas que apontem para cada um desses caminhos. Assim, quando se posiciona em um desses espaços bidimensionais em qualquer investigação, elaboram-se perguntas, coletam-se notas de campo, derivam-se interpretações e escreve-se um texto de pesquisa que atenda tanto a questões pessoais quanto sociais, olhando-se interna e externamente, abordando questões temporais olhando não apenas para o evento, mas para seu passado e seu futuro.

Desse modo o plano de voo que abarcamos é a existência com suas inúmeras sensibilidades e a experiência humana com seus modos de expressão. As experiências cotidianas com suas inteirezas, seus saberes e sentires, movidas pelas belezas e percalços do cotidiano. A sensibilidade que alicerça a existência constituindo-se em uma brisa profunda de percepções e que deve ser considerada, como diz Maffesoli (1988, p.153) “[...] como saber reconhecer e discernir, caminhando além da vida de todos os dias. É necessário ‘colocar abaixo’ os entraves frios de atitudes ditas ‘científicas’, empenhando-se em desbravar caminhos poucos ou nada assinalados”.

Assim sendo, a força e o frescor da abordagem narrativa (auto)biográfica como instrumento, fluiu a favor do voo como ponto de partida e chegada para o entendimento dos saberes sensíveis, advindos das experiências estéticas. É a rota entre a vida vivida e o arcabouço conceitual. Oportunizou a manifestação dos acontecimentos humanos viscerais em que esse ou aquele modo de existir e viver despontaram espelhadas e fortificadas perante nós. Para fortalecer o nosso voo, não posso deixar de citar Maffesoli (1998), quando nos afirma que o plano é ávido, mas concretizável:

O projeto é ambicioso, mas realizável. Contudo, requer que se saiba superar as categorias de análise que foram elaboradas ao longo da modernidade. Não se deve negá-las, mas, em vez disso, alargá-las, conferir-lhes um campo de ação mais vasto, dar-lhes os meios de acesso a domínios que lhes eram até então vetados: por exemplo, os do não-racional ou do não-lógico. Assim fazendo, dá-se à progressão epistemológica aquela “iluminação” que pode ser, que ainda é, apanágio do poeta, do romancista, do místico, do homem de gênio, em suas ações e seus pensamentos específicos. (MAFFESOLI, 1998, p. 54).

Foi preciso para entender esse plano, desnudar-se e permitir-se. Um voo o qual une concepções e individualidades, subjetividade e materialidade, sutileza e vigor, devaneio e convicção, sensação e reflexão, que requer esforço e prudência.

Muitas vezes as asas cansam, é preciso um fôlego, um acalanto, um amor. Mas após uma pausa, o bater de asas é mais forte, com mais intensidade e vigor. Sendo assim, prossigo com o terceiro o voo, o qual segue muitas vezes por rotas planejadas e outras por rotas inesperadas...

3 CAMINHOS DO DEPOIS...ESCRITURAS E MARCAS DAS EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS E SUAS ROTAS (IN)VISÍVEIS

Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que nos induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me, porém, um tanto à-parte de todos, penetrando conhecimento que os outros ignoram (ROSA, 2005, p. 113).

O voo alçado agora pousa nas palavras de Guimaraes Rosa (2005), o qual me permitiu perceber que nossa visão de mundo vai além do visível e do lógico, ou seja, é ver o que não se vê e deixar de ver o que sempre se vê. Suas palavras se conectam comigo pelo modo no qual um semeador prepara a terra para o plantio e conseqüentemente fecundar uma semente.

Busco um espelho, observo minha imagem refletida nele. Um arrepio e a sensação de medo me corroem. A expectativa de me encontrar com as crianças do Ribeirão do Cubatão me afetaram. Para alguns isso exprime fraqueza, porém para mim, significa se conhecer. Constato que a trajetória e a condução de uma pesquisa é algo complexo e que por muitas vezes temos que parar, ponderar e refletir sobre nossas práticas, reelaborar os planos de voo, repensando não a partir do óbvio e sim do que não conseguimos visualizar.

Narro essa sensação pois, nem sempre a rota planejada é a rota percorrida. Sob minhas expectativas e agendamentos, marcamos para iniciar as experiências estéticas no mês de agosto do ano de 2022 mas o acaso nos pegou. Tempos sóbrios de chuva e tempestades afetaram várias famílias nas regiões mais baixas de Joinville, incluindo o acesso à comunidade do Ribeirão do Cubatão. Minha memória traz a letra da música composta por Gujo Teixeira e Luiz Marengo ([1997, n.p]), intitulada *Batendo água*, a qual fala de um peão, seu cavalo, as chuvas, sua atenção e determinação:

[...] Troca um compasso de orelha a cada pisada
No mesmo tranco da várzea que se encharcou
Topa nas abas sombreiras que em outros ventos
Guentaram as chuvas de agosto que Deus mandou [...]

[...] Falta distancia de pago e sobra cavalo

Na mesma ronda de campo que o céu desagua
 Quem tem um rumo de rancho pras quatro patas
 Bota seu mundo na estrada batendo água [...]

Pensando nos versos, faço a analogia com as pessoas da Comunidade do Ribeirão do Cubatão. Trocar o compasso da orelha é um movimento que o cavalo faz enquanto está cruzando a várzea alagada. O barulho das pisadas na água faz com que o cavalo tenha sempre atenção ao seu redor. Já as abas sombreiras são do chapéu, que já aguentaram outros momentos chuvosos, assim como as pessoas que habitam esse lugar. Do mesmo modo o outro verso remete ao peão que sempre tem disposição para enfrentar as distâncias com vontade, determinação e vigor.

Também como a música, não havemos de desistir de nosso rumo, de nosso voo. Decidimos alçar voo novamente em novembro do mesmo ano. Com a chegada da primavera, na qual as plantas exibem suas flores de modo exuberante na encosta do rio e, com a chegada de dias mais quentes poderíamos extrair ao máximo as potencialidades das experiências.

Como pássaros frágeis diante das intempéries da natureza, fomos tomados mais uma vez por um desencontro: a chuva. Nossa cidade enfrentou alagamentos, em especial nas áreas rurais, incluindo a comunidade do Ribeirão do Cubatão, impedindo a passagem dos moradores e visitantes sobre pontes e galerias. De acordo com a Prefeitura de Joinville, choveu em três dias o total de 340 milímetros, sendo que a média esperada para todo o mês de novembro, seria de 190 milímetros (CALDAS, 2022, *on-line*).

Nesses dias chuvosos, o velho Cubatão 'bufa'²⁸ demonstrando sua força. Sua água fica turva e escura. O barro depositado em seu leito sobe à tona, deixando uma cor marrom à mostra. Em meio a essa situação, foi decretado estado de emergência e com isso mais uma vez nosso voo foi interrompido. O que me acalanta é que o andamento da pesquisa pôde ser retomado no ano de 2023.

Sendo assim, no dia 17 de março de 2023, com a ansiedade à 'mil' e junto com crianças da Comunidade do Ribeirão do Cubatão, alçamos o voo tão desejado. Batemos nossas asas rumo ao planejado/desconhecido, buscando em Guimarães Rosa, ver o que não se vê e deixar de ver o que sempre se vê, experienciando descobertas e nos espelhando uns aos outros.

²⁸ Bufar, de acordo com a cultura popular, é modo em que os pescadores se referem ao rio quando ele está cheio, ou seja, o nível d'água está acima do normal e faz um barulho forte.

3.1 O primeiro bater de asas, impulsionando nosso voo

O dia amanheceu lindo, o céu azul, sol, calor. Já no caminho para a comunidade, abri o vidro do carro para que a brisa trouxesse o cheiro da natureza. Parei o carro para contemplar a beleza ao redor: as cores vivas do campo e os diferentes verdes tonalizados nas imagens dos morros.

Ao chegar na escola fui acolhida pelas crianças, que assim como eu estavam ansiosas pelo que estava por acontecer. Convidei-as então a deixar o espaço escolar e irmos até o barranco do rio, mais precisamente no 'porto do seu Luca' para realizar nossa primeira experiência estética: *O solo vivo - pigmentos de mundo, cores da terra*.

O rio estava um cristal, límpido e baixo. Podíamos enxergar ao fundo, os pedregulhos e os pequenos girinos que corriam de um lado a outro. Minha vontade foi atravessar as águas e chegar à outra margem. Ao chegar à margem, Caique e David (2023) já tiraram seus calçados. Perguntei a eles²⁹ sobre a sensação de pisar nas pedras e me respondem "é gostoso" (CAIQUE, 2023, informação verbal), "[...] faz cócegas nos pés" (DAVID, 2023, informação verbal). As crianças possuem uma intimidade com esse lugar, pois descem e sobem a margem do rio com maestria, reafirmando o pertencimento ao espaço em que vivem.

O sol queimava a nossa pele e o calor era grande. Giovana, Mateus e Miguel (2023) pedem para tirar o calçado e digo que podem ficar como quiserem. Sugiro para Maria que tire seu tênis também, mas ela não aceita. Relata que não gosta da sensação de pisar nas pedrinhas e se sente mais segura com o tênis. Tento também tirar minha sandália, porém o atrito de meu pé nos pedregulhos me deixa um pouco desconfortável e assim como Maria (2023) permanece calçada.

Encontramos ali *Seu Luca* utilizando a água do rio para remover o limo acumulado no casco da sua 'bateira'. Logo já avisa: 'o rio está baixo, tomem cuidado, lá pelas dez horas a maré sobe'. Miguel (2023, informação verbal), rapidamente responde: "verdade". E assim inicia nosso primeiro diálogo sobre o rio.

Observo Giovana e David à beira contemplando o movimento das águas. Me aproximo. Giovana (2023) notou que o rio estava baixando e comentou sobre isso.

29 Neste texto, iremos referenciar cada narrativa citada tomando o vocábulo 'aluno' ou 'aluna' como primeiro nome e seu nome real como sobrenome. O uso dos nomes dos participantes da pesquisa foi autorizado conforme documentação aprovada junto ao CEP/UNIVILLE, CAAE 51985421.7.0000.5366 (ANEXO A).

No entanto, David (2023) discordou e afirmou que as águas estavam, na verdade, subindo. Logo em seguida, Miguel interveio na conversa para corrigi-los, afirmando que o movimento era a maré, sobre a qual *Seu Luca* falou e que não estava baixando, mas sim subindo.

Curiosa com essa informação, decidi perguntar a Miguel o motivo pelo qual a maré estava subindo. Miguel (2023) explicou que durante a manhã, por volta das seis horas, a maré encontra-se baixa, mas por volta das nove horas começa a subir. Ele detalhou que a maré enchia gradualmente até a tarde, por volta das seis horas, quando começava a esvaziar novamente.

Intrigada com essa narrativa, questionei como ele sabia dessas informações. Miguel respondeu que eles utilizavam a tabela de marés disponível no celular para acompanhar os horários, porém, como ele tem pouco acesso ao aparelho, sua tia o ensinou a observar a maré para aproveitar o momento propício para pegar caranguejos na beirada do rio. A potência da narrativa de Miguel, sobre seu conhecimento, apropriado por meio da tia em relação aos sinais da natureza me chamou a atenção. É uma sabedoria comum na comunidade.

Assim, através de uma conversa casual à beira do rio, descobrimos o ciclo diário da maré e como as crianças conheciam esse fenômeno por meio dos conhecimentos tradicionais/orais transmitidos pela família.

Minha intenção com essa experiência *O solo vivo: pigmentos de mundo, cores da terra* foi explorar a argila do rio, mas antes disso as crianças me levaram para outros caminhos. Como um impulso, me dei conta que estávamos já dentro do rio. Eu e Maria de mãos dadas, ainda na beira, pois ela não queria molhar seu tênis. Ela toca a água com as mãos e diz “é gostoso” (MARIA, 2023, informação verbal); aos poucos vai se soltando e larga minha mão. Adentrei um pouco mais a fundo; não tive o desejo de tirar minha sandália. Simplesmente senti a água fria em meus pés e por vezes o andar das crianças levantava a areia, a qual sentia entrar por entre meus dedos.

Percebo a água como um elemento de purificação, limpeza, diluição e regeneração. Estando ali, a sensação era da dissolução de tensões, trazendo sentimentos de calma. Certamente essas sensações estão ligadas a questões emocionais e afetivas as quais vivenciamos. É possível que não seja somente a mim que a água afete. Observando as crianças brincarem na água, percebo a integração delas com a natureza.

Ficamos ali brincando com a água, os pedregulhos, os insetos e desenhando na areia do chão. Foi importante respeitar nosso tempo uno, do estar e sentir o presente - do aqui e agora, de nossas vivências de inteirezas, plenitudes e completude, integrando pensamentos e sentires. Um momento de sintonia e respeito à natureza, à criança, ao ser vivo.

Figura 11 – Tocar e ser tocado



Fonte: primária (2023).

As crianças estavam explorando o entorno do rio quando Mateus (2023) avistou algo interessante e chamou a atenção de Giovana para observar os camarõezinhos. Animada, Giovana (2023) perguntou onde eles estavam, procurando visualizar ansiosamente. Mateus apontou para uma direção, destacando sua localização nas pedras. Giovana os avistou exclamando que estavam ali.

Expondo novamente a intimidade com esse lugar, Miguel (2023) pede para buscar um garfo e um recipiente na escola. Segundo ele, quando vem à margem do rio para brincar traz sempre um garfo para 'espetar' os camarões e um pote para colocá-los, assim pode 'ver melhor' o movimento que eles fazem. Eu escuto e anoto suas narrativas em meu *caderno de experiência*.

Giovana (2023, informação verbal) levanta a voz falando para Miguel que um garfo pode machucar o “[...] pobre do bichinho”. Miguel (2023, informação verbal) retruca, dizendo que não machuca, pois pega “[...] de leve neles”. Caique (2023, informação verbal) se dirige a mim e diz: “não pode né, eles são da natureza”. Ele não espera minha resposta e desvia o seu olhar, para a discussão de Miguel e Giovana, que logo entram em acordo, concluindo que não se fere os animais e que Miguel apenas quer observar de perto a forma, cor e o comportamento dos pequenos camarões.

Entendo que a experiência que as crianças estão realizando é um movimento de sensibilidade. Segundo Ostrower (2014, p. 12):

[...] a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. (...) Uma grande parte da sensibilidade, a maior parte talvez, incluindo as sensações internas, permanece vinculada ao inconsciente. (...). Uma outra parte, porém, também participando do sensório chega ao nosso consciente. Ela chega de modo articulado, isto é, chega em formas organizadas.

É na experiência que o modo de expressão da criança é alicerçado pelo sensível. Tal como a integração do pensar e sentir, do consciente e do inconsciente pertencentes a cada uma delas. A partir disso reflito que devo me encontrar aberta e integrada para acolher, sentir e ser afetada por essas dimensões que habitam cada uma das crianças.

Estávamos muito distraídos com nossas experiências e descobertas na margem do rio. Quando olho para cima, na estrada, percebo pessoas da comunidade nos observando. Creio que nossas brincadeiras, falas e expressões chamaram atenção dos moradores, que se dirigiram até a margem do rio para observar. Convido para que eles desçam com a gente (há duas mulheres, um homem e uma criança), porém acenam com um negativo, permanecendo apenas a nos observar.

E assim passamos o tempo. O tempo relógio e o tempo com a natureza. Sentindo, cheirando, explorando, descobrindo.

3.2 Rota 1 - O solo vivo: pigmentos de mundo, cores da terra

Envolvidos pelo entorno do rio, entre um sentir e outro, desvelando os mistérios daquele espaço, David entusiasmado, traz em suas mãos um pouco de

lama. Mostra para todos e começa a moldar uma bola. Logo todos estavam envolvidos pelo elemento barro, que segundo as crianças era a terra misturada com água.

Entre um moldar, amassar, sentir e cheirar, as crianças começam a comparar a maleabilidade e os pigmentos de diferentes argilas encontradas. Nesse momento percebemos o seu envolvimento nesse universo singular e plural, eufórico, participante, construtor de identidade e atuante. Me reporto a Kohan (2008, p.47):

[...] há um mundo novo, criação, transformação porque há a infância, porque é possível frutificar o acontecimento que leva consigo cada nascimento. A infância é o reino do —como sell, do faz de conta, do —e se as coisas fossem de outro modo...? a forma única, e, a uma só vez, múltipla de todo acontecimento [...]

As crianças trazem consigo o potencial para a criação; são receptivas para o novo e o universo renasce por meio delas em seu inteiro devir. O contato e a experiência com o outro e com a natureza, torna-se conjunção pela qual se evidencia intimamente os sentidos e significados.

As sensações vividas na infância revelam os modos de ser criança com suas inúmeras linguagens, experimentos, fazeres, sendo criadoras de saberes e sentidos. Revela-se a uma compreensão da dimensão humana, sob a óptica de uma experiência sensível, a qual se evidencia por meio do brincar e das linguagens expressivas: a descoberta do sentido da vida.

Nesse momento mágico, convidei-os a explorar todas as sensações que a argila proporcionava. O contato tátil com esse elemento natural despertou sensações variadas em mim e nas crianças. Para mim, a argila secava rapidamente em contato com a pele, causando uma sensação de sucção e ao mesmo tempo, aquecimento.

Já para as crianças, quando questionadas sobre como sentiam aquele elemento natural, elas entravam em conflito, expressando ora que era 'mole', ora que era 'um pouco dura'. Em alguns momentos diziam que estava 'gelada' e ao mesmo tempo, 'quentinha'. A argila era ao mesmo tempo macia e áspera ao toque.

Segundo Bachelard (2001, p. 94), o “[...] elemento pegajoso é um excelente brinquedo de mãos que aprendem a dominar o angustiante, o ‘enviscado’”. Nossas mãos são tomadas pelo visgo da argila. Experimentamos novas sensações e nos desapegamos das preocupações de limpeza e das perfeições.

Aos poucos fomos nos despidendo do medo, das angústias e nos ligando cada vez mais ao fértil da terra, ao âmago do grude, à secura das mãos e ao mesmo tempo sua maciez. Aires (2013 p.110) ao narrar sobre os 'grudes e gosmas' diz que "[...] as mãos lisas ganham uma personalidade de destreza em se libertar do aperto, em não se deixar apanhar. São metáforas de enlace amoroso com seu próprio corpo".

Assim, nos entregamos para nós mesmos ao som da água do rio em movimento, ao canto dos pássaros, aos burburinhos dos insetos, que nos levam a um encontro primitivo com nossas origens e memórias.

Eis aqui um pouso vivido e experienciado, o qual traz vivências de acolhimento macio e maleável, sujo e viscoso, seco e molhado, repleto de carícias da terra e tomado pela igualdade como nos diz Bachelard (2003, p. 106):

Somos realmente obrigados a convir com a terra mole toca-se num ponto sensível da imaginação da matéria. A experiência que temos dela remete a experiências íntimas, a devaneios recalcados. Poe em jogo 'valores antigos', valores que são muito antigos tanto para o indivíduo como para a espécie humana.

E como o oleiro que amassa o barro para dar forma, seguimos nosso voo, buscando a possibilidade de expressar o que sentimos por meio de esculturas.

Envolvidos na exploração da argila, Miguel (2023) não perdeu tempo e logo perguntou se poderia construir uma xícara. Respondendo a ele, inverti a pergunta, buscando sua opinião sobre essa possibilidade. Miguel prontamente respondeu que achava possível. Aproveitando o momento, expliquei a todos que poderiam fazer o que desejassem com a argila, encorajando a liberdade de criação e a importância de suas escolhas.

Deivid (2023) interveio na conversa, mencionando que era necessário colocar a argila no forno para assar e endurecer. Surpreendida com essa afirmação, perguntei o motivo. Ele respondeu que era para a argila ficar mais resistente. Miguel (2023) no entanto, sugeriu que a argila poderia ser deixada ao sol para secar e endurecer.

Giovana (2023) logo compartilhou sua experiência, afirmando que a argila moldada por ela já estava dura, mesmo sem ter sido exposta ao sol. Caique (2023) prontamente disse que ela poderia ir até lá e molhá-la um pouco, mas com cuidado

para não a transformar em lama novamente. Ele até se ofereceu para buscar um pouco de água para ajudá-la.

Enquanto isso, Miguel persistia em sua ideia de fazer uma xícara e afirmou que a presentearia para sua mãe. O ambiente estava repleto de criatividade e entusiasmo, com cada criança explorando suas próprias possibilidades e expressando suas ideias. Era gratificante presenciar a autonomia e a vontade das crianças sendo valorizadas em seus processos criativos.

Ao amassar e cheirar a argila, as crianças voavam por um mundo de sensações, às vezes conhecidas, às vezes não. E eu voava com elas, sentindo a tessitura do barro em minhas mãos e o cheiro impregnado em minhas entranhas. Nesse contexto vivido, fez-se germinar um novo campo de experimentação sensorial, cognitivo e emocional, que de modo significativo aguçou a nossa sensibilidade, provocando transformações subjetivas, expandindo a visão de mundo, (re)inventado a cada momento.

A maneira com que as crianças exploravam os materiais - a matéria *barro*, mostrou que possuem um olhar e um sentir diferente dos adultos. Elas têm olhos atentos de quem necessita ver, mãos aguçadas de quem exige tocar, olfato apurado de quem precisa cheirar.... com desejo de saborear, experimentar e aprender o mundo naquilo que se mostra como misterioso.

Entre suas mãos foram surgindo diferentes esculturas: grandes, pequenas, cônicas, redondas, ovais, volumosas. Criavam e recriavam ao seu tempo, concentradas em suas produções. Procuraram folhas, galhos e sementes para texturizar suas criações. Um dia foi pouco para nós.

Continuamos a nossa experiência no dia seguinte, porém as crianças preferiram ficar no pátio da escola, pois o dia estava frio e havia chovido na noite anterior. Nesse dia as crianças se apresentaram maior intimidade com as sensações trazidas pela argila. Percebi isso pelas expressões faciais e o deslize da matéria em suas mãos, facilmente moldáveis. Amassavam o barro, retiravam as pedras, voltavam a amassar. Foram surgindo cuias de chimarrão, cabeça de animais como cavalo e boi, monstros imaginários de histórias contadas, caracóis de jardim; elementos que fazem parte do seu cotidiano.

Cada escultura criada gerava uma história, um porquê, um novo significado. Deivid fez um diamante. Ao perguntar a ele o que significava ele responde: “a natureza é um diamante” (DEIVID, 2023, informação verbal). A autoria de Deivid

encontra-se nas palavras de Leite (2001, p. 42) quando enfatiza que “[...] a criança produz cultura quando atribui significados as suas experiências”. Estávamos vivendo isso, um (re)significar do vivido, ouvido, sentido, provado, cheirado, onde a criança transforma ao seu modo, tornando-se autoral.

A argila se tornou uma expressão tangível dos mundos imaginários que habitavam a mente das crianças. Elas transformavam a matéria, moldando-a de acordo com sua vontade e dando vida à suas ideias. Era inspirador testemunhar como elementos tão comuns em seu dia a dia se fundiam com a criatividade, permitindo-lhes explorar sua imaginação de maneira concreta e sensorial. A argila se tornou uma ferramenta mágica, capaz de transformar suas visões em realidade.

A experiência: *O solo vivo: pigmentos de mundo, cores da terra*, despertou sensações únicas em cada um de nós, revelando a versatilidade desse material e a riqueza de percepções que ele trazia consigo. A exploração da argila proporcionou um momento de conexão com a natureza e despertou a curiosidade das crianças, permitindo-lhes explorar suas características e texturas de forma individual e coletiva.

Cada criação feita com a argila era uma pequena narrativa, um reflexo da rica experiência vivida por elas. As formas que surgiam das suas mãos habilidosas revelavam momentos compartilhados em família, aventuras na escola, momentos de diversão no rio ou nas redondezas de seu habitat natural. Cada produção era uma expressão cultural única.

No ar era possível sentir uma atmosfera carregada de significados e histórias pessoais. A argila se tornava um meio de comunicação, permitindo que as crianças expressassem e compartilhassem suas vivências de forma tangível. Era como se o espírito da cultura local permeasse cada criação, deixando um registro vívido da conexão entre as crianças e a natureza que as cercava.

A experiência com a argila transcendia os limites físicos do material, transformando-se em um símbolo da riqueza cultural e das experiências de vida, de cada criança. Era fascinante testemunhar como aquelas simples peças de argila carregavam em si, histórias e memórias que tocavam profundamente o coração de todos nós, criando uma atmosfera de celebração da diversidade e das raízes culturais presentes naquele espaço. Uma composição cultural instaurou-se no ar.

3.3 Rota 2 - Música: o canto dos pássaros, liberdade e expressão

Passada uma semana desde o nosso último encontro, o ambiente estava imerso nas marcas do outono. O chão estava coberto de folhas caídas, enquanto um vento arrepiante soprava, dando uma sensação de frescor. Ao entrar na escola, fui recebida por abraços calorosos das crianças, que estavam ansiosas pela minha chegada.

Carregando uma caixa de som na minha bagagem e com a proposta de promover a experiência estética *Música: o canto dos pássaros, liberdade e expressão*, me juntei a elas em um círculo para iniciar nossa conversa. Relembramos as experiências estéticas que tivemos anteriormente, revivendo momentos de criação e exploração com a argila. As crianças, empolgadas, mostraram-me as peças que haviam produzido na ocasião passada. As produções em argila repousavam à sombra, esperando o dia em que seriam levadas ao forno para serem 'assadas' e ficarem mais rígidas, como Caique havia mencionado.

A presença das peças de argila era um lembrete tangível das vivências compartilhadas e do trabalho criativo que havíamos realizado juntas. Era gratificante ver o entusiasmo das crianças ao compartilhar suas criações e saber que em breve poderíamos completar o processo, dando vida final às suas produções. A expectativa estava no ar e eu sabia que o próximo passo seria o momento em que veríamos as transformações mágicas que o calor do forno traria às peças de argila.

Enquanto conversávamos, aproveitei para esclarecer às crianças sobre o processo de secagem das peças de argila. Expliquei que era necessário aguardar um pouco mais até que a umidade saísse completamente, para então podermos queimá-las. Eles ouviam atentamente, ansiosas para dar continuidade ao trabalho com a argila. Surgiram diversas ideias para a queima das peças, como construir uma grande fogueira utilizando pedaços de lenha que tinham disponíveis em suas casas.

Entre uma conversa e outra, compartilharam suas histórias e experiências da semana. As crianças se expressavam com entusiasmo, narrando suas aventuras e descobertas. Foi então que uma das crianças, curiosa, questionou sobre a caixa de som que eu havia trazido. Ela perguntou se iríamos dançar ou cantar. Sorri para ela e respondi que poderíamos fazer o que quiséssemos, deixando-as livres para explorar diferentes formas de expressão através da música.

A empolgação tomou conta do grupo. Elas começaram a cantar suas músicas favoritas, criando coreografias - um verdadeiro espetáculo de dança. Era incrível ver como a liberdade de escolha e a abertura para diferentes formas de expressão estimulavam os processos de criação das crianças. Estava claro que aquele encontro seria um momento de celebração, em que as artes visuais, corporais e sonoras se fundiriam em uma experiência envolvente. Estava ansiosa para ver o que iriam criar e como iriam se expressar por meio da música e da dança.

O fascínio das crianças pela música e pelos sons era evidente. Enquanto estávamos sentadas em círculo, pedi-lhes que fechassem os olhos e se entregassem à experiência de ouvir os sons da natureza: o canto dos pássaros, o sussurro das folhas nas árvores, o vento que soprava, os latidos dos cães, o som suave do rio correndo. Ao fecharmos os olhos e direcionarmos nossa audição, nosso corpo captava e reagia aos impulsos sonoros de forma intensa.

Convidei as crianças a se imaginarem como pássaros, a se sentirem livres para voar em suas mentes. Lentamente, liguei a caixa de som e a música escolhida começou a tocar: *Presencia*, do álbum *Aliento* (TREUBIG, 2017), que faz referência à mãe-terra. A melodia começou com o som suave de um apito de flauta, seguido pelos acordes de um instrumento de cordas. A vibração das cordas parecia envolver o corpo, convidando-nos a nos deixar levar pela música.

Figura 12 - Qr code da música *Presencia*, do álbum *Aliento* (TREUBIG, 2017)



À medida que a cantora começou a entoar suas palavras, sua voz doce e suave invadiu nossos corpos. Seu timbre vocal se misturou aos sons dos pássaros, das folhas e do vento, criando uma sinfonia única. O canto ecoava em nossos ouvidos, lembrando-nos de que somos parte da vida, do ar, da água, da terra e do fogo. A música nos conectava com a essência dos elementos e nos envolvia em uma atmosfera mágica.

Naquele momento, estávamos imersos em uma experiência sonora profunda, em que os limites entre nós e a natureza pareciam desvanecer-se. Era como se a música nos transportasse para além do mundo físico, nos convidando a explorar os reinos invisíveis e a reconectar-nos com nossa própria essência. Foi uma experiência capaz de despertar emoções e uma conexão profunda com o mundo ao nosso redor.

As crianças estavam totalmente absorvidas na música, entregando-se ao encanto da melodia e aos ritmos que a compunham. Elas se imaginavam como pássaros, voando em suas mentes enquanto escutavam atentamente. Seus rostos refletiam o prazer da audição e seus movimentos acompanhavam os ritmos da música. Parecia que estavam conectadas tanto internamente, sentindo a música em seu íntimo, quanto externamente, captando os sons ao seu redor.

Quando os sons do chocalho surgiram na música, as crianças imediatamente começaram a mover as mãos, seguindo o ritmo do instrumento. Era uma explosão de sonoridade revelada através da percussão das palmas das mãos e dos corpos pequenos que se manifestavam. Era uma experiência sonora e corporal deslumbrante, graciosa e singela ao mesmo tempo. Os corpos dançavam em sintonia com a música, os movimentos fluíam em harmonia, e os sentidos estavam totalmente despertos.

Naquele momento, os corpos, os movimentos, os ouvidos e os sentidos das crianças se fundiam em uma experiência única. Cada batida das mãos, cada movimento coreografado era uma expressão da alegria e de conexão com a música. Era um verdadeiro espetáculo sensorial, em que os corpos se transformavam em instrumentos vivos, criando uma sinfonia de sons e movimentos. Foi um momento envolvente em que a música se tornava parte integrante da experiência corporal das crianças.

O nascer do movimento surge como um manancial sonoro que preenche o ambiente. Nossos corpos captam as ondas sonoras, enviando sinais ao cérebro, que os interpreta como um desejo de expressão. Assim, a conexão entre o sentido da audição e o sentido tátil se entrelaça, dando origem ao despertar do movimento.

Motivada por essa sinergia entre som e toque, convido as crianças a percorrerem o ambiente, explorando o pátio da escola. Elas podiam sentir a brisa fresca em seus rostos e a textura da grama sob seus pés descalços. Inicialmente elas demonstram certa timidez, mas aos poucos foram libertando seus corpos ao descobrir movimentos que os ritmos inspiravam.

Maria é a primeira a se deixar levar pela música, absorvendo a melodia por meio de cada poro de sua pele, pois a cada batida, seu corpo vibra em sintonia. Ela gira, sente o vento, abre os braços e entrega-se completamente ao momento, criando uma dança coreográfica em interação com o ambiente. Em sua expressão corporal, seu corpo ecoa, reverbera e estabelece conexões com o mundo, com os outros e consigo mesma. As outras crianças admiram Maria e se deixam inspirar pelo seu bailado. Ela se transforma em um pássaro, livre para voar nas asas da música.

À medida que cada criança se permite ser conduzida pela música, o espaço ganha vida com movimentos únicos e sincronizados. Cada corpo expressa sua individualidade e, também, se conecta com o todo, criando uma dança coletiva que transcende as palavras. É uma celebração da liberdade, da expressão e da comunhão através do movimento.

Enquanto dançavam e exploravam a natureza a seu redor: as crianças descobriram uma nova forma de se expressar. Suas risadas eram contagiantes; se conectavam com algo maior do que elas mesmas, experimentando a alegria e a beleza da união entre o corpo, o som e a natureza.

A música se torna a trilha sonora de uma jornada em que os corpos das crianças se tornam um só. É um momento mágico de descoberta e autenticidade em que a dança se transforma em uma linguagem que une e encanta a todos.

Ao som da segunda música do álbum *Aliento* (TREUBIG, 2017), intitulada *Guacamayo*, o ritmo acelerado toma conta do ambiente. Essa melodia convida as crianças a pularem, correrem e se entregarem de corpo e alma. A música é vivenciada através da incorporação do ritmo e da vibração em suas próprias carnes e almas. Elas mergulham na música com toda sua estrutura física.

Figura 13 – Qr code da música *Guacamayo*, do álbum *Aliento* (TREUBIG, 2017)



Fonte: primária (2022).

Nesse 'frenesi' de dança, risadas, sorrisos, transpiração, encanto, entusiasmo e êxtase. As crianças se entregam aos movimentos, desafiando o equilíbrio com ousadia. Algumas vezes, de forma suave e cadenciada, outras vezes como um furacão em plena ação. O tempo parecia não ter mais importância nesse momento.

O corpo se transforma em um veículo de expressão para as crianças, expressando presença e subjetividades. É preenchido de emoção e não se apresenta como algo desconectado ou separado do 'eu'. O corpo e a carne se fundem em uma identidade inseparável. Como afirma Maldonato (2012, p. 27), "[...] eu sou inescapavelmente meu corpo". Somos seres em movimento, conectados, afetados, envolvidos, guiados por nossos instintos, forças, energias, modos, gestos e expressões.

Nessa dança enérgica as crianças exploraram a plenitude de seus corpos e se entregaram à essência musical. Cada movimento foi uma manifestação única e autêntica de suas individualidades. Não há limites para a expressão e a liberdade que fluem através de cada gesto. É uma celebração da corporeidade, do ser em movimento e da conexão profunda entre corpo e música.

Nessa união de corpos/carne integrados, tomou conta de mim. Por meio do ritmo e das batidas da música me vejo voando, flutuando e vibrando, dentro e fora, fora e dentro. Realmente nosso corpo é nascedouro infinito e místico de essências, abstrações, sentidos, manifestações e implosão. Ele nos leva a territórios inusitados, únicos e misteriosos.

Minha atenção registrou um fenômeno fascinante: enquanto as crianças se entregavam à dança, percebia que elas se tocavam sutilmente. À medida que me aproximava, também sentia o toque delas em mim - corpos que exploram e tateiam outros corpos, movidos pela curiosidade e pela sensibilidade.

Esses toques sutis se utilizam do potencial elevado da sensibilidade cutânea, proporcionando uma experiência multissensorial. É “[...] uma síntese de várias particularidades perceptivas e aperceptivas, sintonizadas e sincronizadas numa configuração singular em cada indivíduo”, como descreve Sándor (1974, p. 99).

Nesses momentos de interação tátil, os sentidos se entrelaçam em uma dança própria. É como se o toque se tornasse uma linguagem silenciosa, uma forma de comunicação que transcende as palavras. Através desse contato, as crianças exploram o mundo sensorial do outro e compartilham uma conexão profunda.

É interessante observar como cada criança respondeu de maneira singular a essas trocas táteis. Cada toque, por mais sutil que fosse, despertou sensações únicas em cada uma delas. Foi uma experiência íntima e pessoal, que ressoava em suas almas por meio de sorrisos, movimentos, abraços e certa timidez.

Esses momentos de toque suave durante a dança foram verdadeiros encontros sensoriais, nos quais a pele se tornou a protagonista. Foi um convite para explorar as sensações que nosso corpo é capaz de experimentar. Foi uma solenidade da singularidade de cada criança, das suas particularidades perceptivas e aperceptivas que nos tornam únicos (SÁNDOR, 1974).

Essa dança tátil entre corpos revelou a importância do contato humano e da conexão sensorial. É uma lembrança de que somos seres tocantes, nos comunicando não apenas por meio das palavras, mas também pelo calor e pela

delicadeza de nossas peles. É uma manifestação do poder do toque, capaz de criar laços invisíveis e fortalecer o vínculo humano.

É por meio do corpo que a criança instaura uma relação de vínculo e afeto, percebendo o sentir e o que faz sentido: no contato consigo próprio, com o adulto, com os amigos, com o mundo e com a vida. A experiência corporal permite que a criança desenvolva no corpo e por meio do corpo, a capacidade de perceber suas fronteiras e o do outro, compreendendo a totalidade a partir de suas próprias experiências.

As experiências, possibilitaram às crianças potencializarem o toque entre si com os dedos, as mãos, os pés ou até mesmo outros elementos como penas, flores, gotas de água; o corpo aqui é compreendido como um veículo integrador e sensível.

Observei durante o percurso das experiências que as crianças carregam consigo o respeito ao corpo como um universo sagrado que abriga o mistério da vida. O sentido aqui está na importância do corpo como um refúgio sensitivo, tanto das sensações físicas como das sensíveis e não perceptíveis - um modo de expressão do próprio inconsciente.

À medida que o sol começava a se pôr, encerramos nossa dança, mas a experiência *Música: o canto dos pássaros, liberdade e expressão* ficou gravada em nossos corações. As crianças se despediram com sorrisos radiantes, levando consigo a lembrança daquele momento especial em que dançaram, se conectaram com a natureza e deixaram suas almas voarem livremente.

3.4 Rota 3 - Plumaz e Penas: um tempo para cultivar o olhar

Seguimos nosso plano de voo e pousamos na experiência estética: Plumaz e penas - um tempo para cultivar o olhar. Uma experiência transformadora, que nos proporcionou um olhar contemplativo e a oportunidade de explorar novos modos de perceber e interagir com a natureza.

Iniciamos com uma roda de conversa, onde instiguei as crianças a pensar sobre as imagens que estavam a nossa volta. Fui agraciada com diálogos significativos, permeados por narrativas envolventes sobre: árvores majestosas, a horta repleta de verduras e legumes, flores delicadas, abelhas laboriosas no jardim e o pitoresco porto do querido *Seu Luca*.

Nesse momento, pude sentir a conexão das crianças com a pesquisa, pois suas palavras revelavam respeito pela natureza, incentivando-as a sentirem-se participantes desse processo. Motivei-as a refletir sobre como poderíamos compartilhar a beleza de nossa comunidade para outras pessoas. Miguel prontamente sugeriu utilizar meu celular para fotografar e uma das crianças, perspicaz como sempre, lembrou-nos que o celular era de uso pessoal. Foi então que Giovana, atenta às possibilidades, mencionou que a escola dispunha de *tablets* que poderíamos utilizar para esse propósito.

Essa ideia empolgou a todas e nos preparamos para explorar essa nova oportunidade. Distribuí os *tablets* entre as crianças, explicando-lhes como utilizá-los para capturar imagens com precisão e sensibilidade. Enfatizei a importância de observar detalhes, explorar ângulos interessantes e buscar transmitir a essência de cada elemento da natureza em nossas fotografias.

Impulsionadas pela curiosidade, os pequenos exploradores se dispersaram pelo território da escola, em busca de algo para registrar e captar ao máximo o que estava ao seu redor. Elas conhecem cada palmo do território escolar, pois exploram continuamente esse ambiente. Os olhares atentos e dedos ágeis, se tornando investigadores.

Naquele momento a ansiedade tomava conta também de mim, pois sabia que logo em seguida viria a análise minuciosa de cada imagem capturada pelas crianças. Eu me questionava: o que será que elas veem? Sem dúvida enxergariam o que os olhos dos adultos não conseguem perceber. As crianças possuem uma ótica peculiar e movimentos únicos. Um olhar que nos espia em um universo onde o incomum nos escapa. É fato que os adultos veem, mas não enxergam, enquanto as crianças olham e percebem muito além do que está diante delas.

As crianças fotografavam e eu aguardava...Percebia que estavam conectadas com o ambiente e o instante. Assim, o ato de fotografar transcendia o simples registro visual e adentrava no universo interno de cada uma delas. Essa sensibilidade no olhar possibilitou que transformassem o verbo em atitude, envolvendo o corpo, os gestos e os detalhes que normalmente elas não conseguem expressar em palavras.

Cada clique era uma tentativa de traduzir em imagem as percepções que as habitavam. Cada foto era uma janela para suas mentes inquietas. Observando-as atentamente na ação de fotografar, percebia que aquelas crianças tinham uma

conexão com a natureza, um vínculo que vai além do olhar aligeirado e superficial. Elas se deixavam envolver pelos sons, pelos cheiros, pelas texturas, potencializando o sensorial por meio das imagens captadas.

Nessa experiência, aprendi uma valiosa lição: as crianças têm uma maneira especial de capturar a essência e a magia, que muitas vezes escapam aos olhos adultos. Elas nos convidam a redescobrir a natureza por meio de suas lentes, despertando-nos para um novo olhar, uma nova apreciação da natureza.

Compreendo que essa experiência estética aconteceu de maneira que provocou em mim um convite ao olhar. As expressões das crianças me impulsionaram a entrar em ação, a movimentar-me em direção ao novo e ao inexplorado. Masschelein (2008, p. 36) ampara-me quando diz:

A meu ver, o educar o olhar requer uma prática de pesquisa crítica que realiza uma mudança prática em nós mesmo e no presente em que vivemos, e não uma fuga dele (em direção a um futuro melhor). Essa prática de pesquisa crítica não depende de método, mas sim de disciplina; ela não requer uma metodologia rica, mas pede uma pedagogia pobre; ou seja, práticas que permitam nos expor, práticas que nos levem a rua, que nos desloquem.

Muitas vezes, legitimamos apenas um modo de olhar que não leva em consideração a totalidade da expressão. Precisamos ir além das fronteiras do que é estabelecido e posicionar-nos de forma abrangente e significativa.

A fotografia nos permite experimentar a sensibilidade, realimentando o imaginário. A fotografia é descomplicada, mas não é óbvia, carrega em si tanto um grão de areia quanto o universo em suas possibilidades.

Fui surpreendida por um convite inesperado. Giovana (2023) expressou o desejo de ir até o rio para capturar imagens fotográficas e as outras crianças que estavam por perto também demonstraram interesse. Animados com a ideia nos dirigimos à barranca do rio, prontos para explorar e fotografar.

Nessa jornada percebi que Giovana, por vezes, se esquecia de fotografar, mas nunca deixava de apreciar as minúcias da natureza ao seu redor. Ela se distraía com uma folha perfurada pelas mordidas das formigas e com a teia de aranha que conectava uma folha a outra. Seu desejo era observar e compartilhar suas descobertas.

Enquanto isso, Mateus (2023) dedicava seu tempo a procurar insetos no chão, revolvendo a terra com um graveto - explorando-a. Finalmente, ele encontrou

um grupo de formigas e me chamou para presenciar sua descoberta. No entanto, pude apenas vislumbrar um rápido e minúsculo movimento antes de Mateus registrar o momento com sua câmera. Entre um olhar e outro, uma foto e outra, Caique (2023, informação verbal) surgiu: “posso gravar um vídeo?”.

Curiosa, questionei suas motivações. Ele explicou que acreditava que um vídeo seria uma maneira mais interessante de apresentar nosso lugar às outras pessoas. Prontamente, ajudei-o a configurar o *tablet* para a função de gravação. Ao iniciar a filmagem, Caique (2023) narrou suas impressões sobre o ambiente em que vivíamos, revelando seu vínculo pela natureza. Me chama a atenção quando ele inicia dizendo ‘essa é a nossa comunidade, a comunidade do Ribeirão do Cubatão, onde nascemos, vivemos e aprendemos com o rio.’

Suas palavras me levaram a pensar em Tuan (1980, p.4) quando diz que “[...] o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal.” A experiência de Caique parte da sua percepção humana e da potência em pertencer àquele lugar.

Naquele momento, compreendi que essa experiência não se limitava apenas às imagens estáticas capturadas pelas câmeras, mas também às narrativas que cada criança trazia consigo. Cada clique, cada vídeo e cada expressão eram uma forma de compartilhar nosso lugar especial com o mundo. E assim, continuamos nossa jornada, explorando e registrando a essência da natureza e da nossa conexão com ela. Na narrativa de Caique, percebo sua busca por retratar e preservar os lugares e elementos que o tocam: o rio, as plantas, a comunidade, pois são espaços afetivos que propiciam experiências.

As crianças continuavam a me surpreender com sua agudeza, percepção e sagacidade. Elas fotografam tudo o que desejam: folhas, flores, borboletas, o chão, as árvores, as pedras. Embora as fotografias sejam momentos congelados, essas imagens revelam a vida em sua essência.

Mateus experiencia o fotografar de forma mais silenciosa e observadora, como se a imagem a ser capturada não pudesse ser obtida com ansiedade. Ele procura os ângulos, aguarda o foco, se aproxima e se afasta para obter o melhor resultado possível. Comparo seu modo de se conectar à de um pescador: ele arruma a linha, a vara, a isca e espera. É necessário ter paciência, silenciar e aguardar. Às vezes há peixes, às vezes não e ocasionalmente há uma abundância deles. O fundamental é estar presente e quando sentir, capturar a imagem.

Giovana fotografa espaços das vivenciadas diárias na escola como a horta e o jardim. Ela registra esses espaços, alternando momentos de cumplicidade comigo e com seus colegas. Em sua busca, ela descobre ranhuras no chão, superfícies periféricas povoadas por galhos secos e ervas daninhas. Me remeto a Piorski (2016, p. 64) quando comenta que “[...] a intimidade pressentida no mundo chama a criança para um trabalho de extroversão, onde cada parte é passiva de ser um universo pelo poder colonizador da imagem”.

Nesse processo de exploração fotográfica as crianças revelaram sensibilidade, encontrando beleza e significado nas pequenas e aparentemente insignificantes manifestações da natureza. Cada *click* foi uma oportunidade de expressar suas conexões com o mundo, de capturar instantes que retratam a sua forma particular de olhar e sentir. E assim, entre risos, descobertas e momentos de contemplação, seguimos imersos nessa experiência buscando eternizar em imagens a magia que nos cercava.

Caique tinha uma predileção pelo verde, procurava as plantas e retratava as diferentes tonalidades dessa cor. Miguel por sua vez era o fotógrafo mais falante dialogando com todos, integrando-se facilmente, com comentários e brincadeiras sobre o que estava registrando. Foi quem mais buscou capturar imagens em movimento. David por outro lado, apresentava seu próprio estilo ao percorrer os espaços. Sua impaciência ficou evidente nas fotos desfocadas. Entre todos, ele era o mais eufórico e narrava suas descobertas.

Chamou minha atenção o fato de em determinado momento, as crianças fotografarem as nuances de luz e sombras refletidas no chão, nos objetos e principalmente nos colegas. Isso me desconcertou inicialmente, mas logo abandonei meu modo lógico de pensar como adulto, que ainda persistia em me acompanhar.

Por fim, chamei as crianças para compartilharmos as imagens uns com os outros. Uma a uma, elas foram mostrando as fotos que capturaram e narrando os motivos pelos quais escolheram registrá-las. A sensação foi de reviver os momentos, lembrando as buscas, as surpresas e os estranhamentos vivenciados. Elas demonstravam uma grande admiração ao observar suas próprias produções fotográficas. Em alguns momentos, ativavam o modo ‘*zoom*’ para mostrar aos outros os detalhes minuciosos das imagens. Foi um momento de partilha em que cada um de nós narrávamos nas histórias e emoções capturadas pelas lentes das crianças.

Ao contemplar as fotografias fui provocada pelo vigor e singularidade do olhar infantil diante da vida, seja pelo ângulo escolhido para a fotografia, pela posição do sol ou pela materialidade que desejavam expressar.

Mateus compartilha com o grupo sua expectativa de capturar uma abelha e a frustração por não conseguir. As imagens compartilhadas por Maria revelaram sua conexão com as flores do jardim. À medida que explorava e me aprofundava nas fotos, percebia que cada imagem carregava consigo um sentido impregnado nas imagens. Um reflexo da busca incessante por capturar a plenitude que a natureza oferece. As palavras de Piorski (2016, p. 60) reiteram a importância das “[...] experiências distantes da linearidade racional e vivem, por isso mesmo, permanentemente ativadas – pelo reino simbólico – de um poder criador e gerativo incomuns [...]” das crianças.

Cada foto revelava um universo particular repleto de significados e emoções. Era como se a natureza se fundisse com a essência das crianças, criando uma simbiose em cores, detalhes, formas, texturas, entre outras.

Contemplar essas fotografias, revelo um mundo harmônico entre nós e a natureza – somos um. Uma jornada visual repleta de descobertas na qual cada clique revelava fragmento de histórias. Cada imagem era uma peça de um quebra-cabeça complexo, um retrato que capturava não apenas a realidade, mas também os sentimentos e pensamentos das crianças.

Me sinto privilegiada por fazer parte desse processo. Juntos exploramos as fronteiras da percepção e da expressão, dando voz à nossa relação com a natureza. E assim, imersos nessa jornada fotográfica, continuamos a explorar, compartilhar e selecionar as imagens que mais nos afetavam. Cada foto testemunhava a sinergia entre o olhar curioso das crianças e a imensidão do mundo ao nosso redor. Uma experiência de sensibilidades e poesia, na qual a magia da fotografia nos convidava a contemplar e valorizar a vida em sua plenitude.

Diante das emoções causadas com as fotografias, era preciso cultivar um lugar para o testemunho e encontros com a experiência, pois como dizem Alvarez e Passos (2014, p. 144), “[...] a investigação é cuidado ou cultivo de um território existencial no qual o pesquisador e o pesquisado se encontram”. Propus então para as crianças uma curadoria com montagem de uma exposição na escola a fim de socializar com a comunidade as suas produções. Conversei com elas sobre o que

seria uma curadoria, tendo como significado o tutor - aquele que cuida, que escolhe, que define; seríamos tutores de nossa exposição.

Movidos pelas emoções despertadas pelas fotografias, sentimos a necessidade de criar um espaço especial, um refúgio para testemunhar e compartilhar nossas experiências. Foi nesse espírito que propus às crianças a montagem da exposição na escola. Impulsionamos nossas asas e partimos para uma rota movida pelo desejo de partilhar nossas impressões na fotografia. Com entusiasmo e comprometimento, iniciamos o processo de seleção das imagens/fotografias. Foi um exercício de discernimento, de encontrar aquelas fotografias que melhor capturavam a essência natureza.

E assim começamos então a tecer as tramas de uma curadoria, tecida em vínculos sensíveis, em olhares, escutas e sentires. Nessa direção aponta Marinho (2014, p. 66):

Uma curadoria educativa é responsabilidade não somente de um curador ou de um agente educador da instituição. [...] É elencar obras, relacionar contextos históricos, gerar público que assista frequente e comente arte, multiplicar o olhar, proporcionar espaços de fruição e quantas outras possibilidades.

Enquanto as crianças selecionavam suas fotos, pude testemunhar a diversidade de perspectivas e experiências que transpareciam em cada imagem escolhida. Cada fotografia carregava consigo significados pessoais, revelando um pedacinho da singularidade de cada criança.

As crianças se engajaram nessa ação compartilhando suas histórias e suas impressões sobre a natureza. Elas escolhiam as fotos levando em conta as impressões causadas pelas imagens, bem como a narrativa do seu autor.

Nesse processo de seleção uma atmosfera de respeito, admiração e apoio mútuo se instaurou entre nós. As crianças se sentiam valorizadas e ouvidas, sabendo que suas escolhas tinham um impacto significativo na organização da exposição. Cada foto escolhida era mais do que uma simples imagem. Eram um testemunho da sua capacidade de expressar-se por meio da arte.

Durante o tempo em que nos dedicávamos à ação curatorial, estávamos cultivando um espaço de encontro entre a arte e a vida, entre a expressão individual e o compartilhamento coletivo. Cada passo era tomado com cuidado e dedicação, conscientes da responsabilidade que tínhamos como tutores dessa exposição. As

escolhas refletiam nossos valores, nossa visão de mundo e a importância que atribuíamos à experiência daqueles que visitariam a exposição.

Seguindo adiante nessa curadoria, víamos nascer diante de nós um cenário de significados, no qual as fotografias se entrelaçavam harmoniosamente, contando histórias e despertando emoções.

A curadoria nos proporcionou um senso de propósito e realização, fortalecendo nosso vínculo com a arte, com a expressão individual e com a comunidade que nos cercava. Estávamos prontos para desvendar essa rota, na qual a magia das fotografias se encontrava com o olhar atento daqueles que nos visitariam.

Ao final da seleção, olhamos para as fotos reunidas e percebemos a diversidade de histórias ali presentes. Cada imagem era um fragmento de vida, uma pequena parte de um mosaico coletivo que revelava a complexidade do Universo infantil.

A experiência estética *Plumas e Penas: Um Tempo para Cultivar o Olhar*, foi um tempo especial. Nessa jornada nos imaginamos pássaros ávidos por significados e narradores de histórias singulares. Com asas alimentadas pelo imaginário transcendemos as respostas prontas e abraçamos as incontáveis possibilidades de expressão que habitavam o vasto contexto das crianças.

3.5 Rota 4 - Experiência Estética: Flores e odores: a botânica do pintar

Para esse voo a proposta foi voarmos rumo ao imaginário, uma aventura colorida que despertou a curiosidade e os processos criativos das crianças. Elas foram convidadas a descobrirem os segredos do nosso habitat e sua capacidade de nos presentear com cores vibrantes. Voamos em um passeio pela natureza, onde identificamos diversas espécies de plantas, flores, sementes, frutos, que despertaram curiosidades sobre os pigmentos que poderiam ser extraídos delas.

Conversei com as crianças, dizendo que a natureza, especialmente no território da Comunidade do Ribeirão do Cubatão, se revela como verdadeiro tesouro de experiências sensoriais e artísticas. Esse lugar nos sensibiliza para o olhar estético, no qual cores vibrantes, formas, cheiros e texturas, capturam e provocam nossos sentidos.

Nesse espaço mágico de vivência partimos para explorar a potência das raízes, cascas das frutas, folhas, flores, sementes, terra, pedras, ervas e especiarias. A interação com a natureza nos convocou para uma verdadeira jornada sensorial.

Sentir a textura da terra entre os dedos, observar as nuances das pedras e experimentar os aromas e sabores das ervas e especiarias, despertou uma profunda relação com a natureza e suas infinitas possibilidades. Nos conectamos com os elementos naturais, que guardam preciosos pigmentos naturais.

Na experiência estética: *Flores e Odores - a botânica do pintar*, destacamos o percurso que as crianças do Ribeirão do Cubatão vivenciaram ao explorar as cores e os aromas das plantas. Desde o início, ficou claro que essa experiência ia além do simples extrair pigmentos das plantas para a pintura. Era uma imersão na botânica; comentei com as crianças que no cotidiano da vida somos rodeados de um mundo rico em cores, que estão presentes nos frutos e flores que caem no chão com múltiplas diversidades de pigmentos, revelando uma infinidade de tons.

Cascas, raízes, folhas, frutas, pétalas, legumes, verduras, terra e muito mais podem servir como matéria-prima para a extração de corantes naturais, dependendo da estação do ano. Esses pigmentos naturais têm múltiplos usos, desde o tingimento de tecidos, papéis, madeira e alimentos até a pintura de vasos de cerâmica. No entanto, cada pigmento requer um método específico de extração e fixação.

Partimos para a exploração. À medida que nos embrenhávamos pela paisagem do Ribeirão do Cubatão, éramos recebidos por uma sinfonia de ruídos suaves: o sussurro das folhas ao vento, o canto dos pássaros entre as árvores e até mesmo o som suave da água corrente do majestoso Cubatão. A diversidade botânica se revelava em toda a sua magnitude. Flores silvestres desabrochavam em uma sinfonia de cores, folhas dançavam ao vento e o perfume das plantas enchia o ar, convidando-nos a explorar cada detalhe. Era como se a natureza estivesse ansiosa para compartilhar seus segredos artísticos com aqueles que se permitissem ouvir.

Com olhos curiosos e dedos delicados, as crianças selecionaram cuidadosamente as plantas que fariam parte dessa experiência. Sabiam que por trás de cada folha, caule ou pétala havia um tesouro oculto, um pigmento que revelaria sua cor e essência. Era uma descoberta a cada nova planta escolhida, como abrir uma porta para um mundo encantado de possibilidades estéticas.

Enquanto observávamos e recolhíamos as flores e plantas, nossa percepção se aguçava para além da visão. Sentíamos o toque delicado das pétalas entre nossos dedos, a textura rugosa das folhas e a fragrância envolvente que cada planta exalava. Era uma sinestesia em que as cores se misturavam aos cheiros, as texturas se combinavam com as formas, criando uma experiência que envolvia nossos sentidos.

Ao selecionar as plantas e matérias para a extração dos pigmentos, a delicadeza e o respeito eram fundamentais. Conversei com as crianças sobre a importância de colher apenas o necessário, deixando as plantas vivas e saudáveis para que continuassem a embelezar e cultivar o ambiente.

Essa relação com a natureza foi uma experiência valiosa, despertando em cada um de nós uma consciência de preservação e cuidado com o meio ambiente. Segundo Maffesolli (2021, p. XX) “[...] desenvolvemos a ecosofia, criamos a noção do espaço onde vivemos, que somos parte da natureza”. Interagimos com o ambiente, voando pelo céu da ecosofia, do amor por si, ao outro e à natureza.

Após a experiência inicial, surgiu a oportunidade de realizar a primeira produção com pigmentos naturais, extraídos da natureza. Apresentei para as crianças um laboratório artístico improvisado, montado no território da escola. O espaço estava repleto de plantas, folhas, flores, frutas, cascas, raízes, terras, temperos e ovos, sendo complementados pelas crianças com os materiais colhidos por elas na natureza.

O laboratório artístico, estava repleto de frutas suculentas que nos revelavam uma paleta de cores vibrantes, prontas para serem exploradas e expressadas em nossas criações artísticas. As folhas nos surpreendiam com suas texturas e nuances de verde, despertando nossa curiosidade em buscar diferentes tons. As raízes, com sua forma intrincada e terra aderida, nos convidava a explorar tons terrosos e misteriosos. As cascas das frutas nos revelavam cores intensas e marcantes e as flores delicadas e perfumadas, nos presenteavam com uma infinidade de cores, despertando nossos sentidos e inspirando nossa imaginação.

A primeira proposta que apresentei às crianças concentrou-se na descoberta da cor marrom em seus diferentes tons, explorando a variedade de cores presentes nas terras disponíveis na escola. Sabíamos que encontraríamos tons claros e escuros e o objetivo foi o de investigar como poderíamos obter a tinta marrom a partir dessa matéria.

Iniciamos o processo peneirando cuidadosamente as terras, na busca de obter uma textura mais uniforme para a tinta. As crianças participaram ativamente dessa etapa, curiosas para descobrir como as terras se transformariam em pigmentos para a pintura. A cada peneirada, surgiam diferentes tonalidades de marrom, mobilizando o interesse dos pequenos artistas em potencial.

Além da participação na preparação da tinta, as crianças também tiveram a oportunidade de explorar as sensações proporcionadas pela terra. Elas sentiam o cheiro característico da terra, diferenciavam suas cores e experimentavam a sua textura. Algumas crianças demonstravam certo receio, enquanto outras mergulhavam suas mãos na terra com entusiasmo e curiosidade.

À medida que avançávamos nas etapas, era visível a resposta sensorial das crianças diante das ações que realizávamos. O cheiro, a cor e a textura da terra estimulavam o desenvolvimento da sensibilidade, despertando criação e a apreciação estética das crianças. Naquele momento as crianças percebiam que a terra não era apenas um simples material, mas uma fonte de inspiração e transformação.

Foi nesse instante que a vontade das crianças em se envolver nas experiências estéticas se tornou ainda mais evidente. Elas não apenas brincavam com a terra, mas também exploravam as possibilidades de transformá-la em tinta. Um modo criativo em que o barro se tornava a matéria-prima para a expressão artística. A alegria e o entusiasmo das crianças revelavam o prazer encontrados na exploração desse elemento.

Além das diferentes terras, exploramos outros ingredientes, como café e canela em pó que resultaram em tons de marrom. Essa produção possibilitou comparar as cores obtidas anteriormente com as novas misturas.

A descoberta da cor marrom a partir do uso das terras como pigmentos, revelou-se não apenas como uma atividade artística, mas como uma experiência estética para as crianças. Por meio da interação com a terra, elas passaram a observar, experimentar e expressar suas emoções e percepções.

Como segunda proposta, escolhemos folhas de couve colhidas cuidadosamente da horta, mantida pelas próprias crianças. Além disso, essa horta nos proporcionou outros ingredientes, como: cenouras, beterrabas e abóboras, que também foram fontes de cores para suas pinturas. Esses vegetais, embora não

estivessem mais em condições de consumo, tornaram-se preciosos para a criação de tintas naturais.

No início, as crianças foram convidadas a explorar seus sentidos por meio do tato e do olfato, sentindo a textura e o aroma presentes. Tocaram delicadamente as folhas de couve, as cascas dos legumes, explorando suas texturas peculiares e inalando os aromas frescos e característicos de cada material. Não hesitaram em expressar suas opiniões: “[...] nossa, como é dura; ai, que esquisito; eu gostei” (MARIA *et al*, informação verbal, 2023)

Essa experiência sensorial despertou a imaginação das crianças, levando-as a relatar diferentes sensações que surgiram a partir desse contato direto com a natureza. Foi gratificante ver como os materiais utilizados estimulavam a sensibilidade pela forma. Era visível também a expressão de dúvida e questionamento em seus rostos à medida que desejavam confirmar se aqueles produtos seriam capazes de produzir tintas.

Com minha orientação as crianças embarcaram na etapa de preparação da tinta. Auxiliei-as a extrair os pigmentos das folhas de couve, beterraba, cenoura e abóbora. Elas picaram cuidadosamente e as maceraram com algumas gotas de água. Pouco a pouco o pigmento se dissolvia na mistura, criando tinta; momento em que os ingredientes naturais se transformavam em expressão artística.

No momento da extração dos pigmentos, cada planta revelava seus segredos coloridos. Os tons terrosos dos legumes raízes, os verdes vibrantes das folhas de couve se manifestavam diante de nossos olhos. Era como se as plantas e legumes estivessem compartilhando conosco um pedaço de sua essência, permitindo que criássemos com suas cores uma narrativa.

Em relação às cores obtidas a partir das cascas de abóbora e cenoura, surgiram divergências nas opiniões das crianças. Enquanto algumas consideravam que a cor era um marrom claro, outras afirmaram que era laranja. Decidi valorizar ambas as opiniões, pois foi gratificante observar como elas se sentiam estimuladas a expressar suas percepções.

A sensação de desbravar as possibilidades dos pigmentos naturais despertava a curiosidade e o interesse em experimentar, dando-lhes a confiança necessária para expressar suas observações e opiniões. Essa troca de ideias enriquecia cada vez mais a nossa pesquisa.

Em meio às atividades de exploração das cores naturais, as crianças embarcaram em uma nova etapa: a experimentação dos temperos em pó. Curiosas e ansiosas para descobrir as cores que esses ingredientes tão comuns poderiam oferecer, elas se reuniram em torno dos potinhos de especiarias. Entre todos os temperos, a cor que mais chamou a atenção das crianças foi o amarelo produzido pelo açafrão. Seus olhos brilharam ao ver a vibrante tonalidade surgir diante delas. Era como se uma nova possibilidade de expressão artística tivesse sido revelada.

No entanto, uma pequena confusão surgiu quando experimentaram o urucum. A cor que surgia dessa especiaria deixava-as em dúvida entre o vermelho e o laranja. Os questionamentos se multiplicaram e o espaço se encheu de questionamentos sobre as nuances e possibilidades dessas cores tão fascinantes.

A cada questionamento levantado pelas crianças eu observava atenta. Era um sinal claro de que a experiência sensível com os pigmentos estava sendo vivenciada por meio de diferentes cores e composições. As ações investigativas das crianças reafirmavam algo fundamental: a arte, especialmente com as têmperas, desempenhava um papel essencial na vida delas. Por meio da experiência *Flores e Odores: A Botânica do Pintar*, as crianças estavam cultivando um novo conhecimento; um modo de propósito que as incentivava à liberdade.

As crianças admiravam impressionadas enquanto as cores eram liberadas das plantas, criando pequenos rios de matizes em tigelas e frascos, revelando uma paleta natural e vibrante. Era um momento de conexão com a natureza, em que compreendíamos que aquelas cores eram um presente generoso da própria Terra.

Durante o processo de extração dos pigmentos pudemos experimentar a transformação das plantas, legumes, sementes em tintas vivas e vibrantes. Cada elemento revelava tons terrosos, verdes profundos e até mesmo cores mais exóticas e inesperadas. Os diferentes matizes eram transportados para um mundo onde a natureza se tornava a própria paleta de um artista.

As crianças observavam atentamente as transformações que ocorriam quando combinamos diferentes elementos, explorando as suas propriedades. Cada extração de cor é diferente e carregada de história. Cada mistura de elementos era um passo em direção a um mundo de possibilidades. À medida que a experiência prosseguia, as crianças se tornavam mais familiarizadas com as propriedades dos pigmentos naturais.

Chegou o tão esperado momento de pintar. Mas para utilizarmos as tintas precisávamos de um aglutinante natural. Então convidei as crianças a misturar os pigmentos com a gema ou com o soro da clara. As crianças receberam pincéis, papéis e a têmpera que haviam preparado. Cada pincelada era uma expressão das sensações despertadas pelas cores e odores.

A cada traço de tinta no papel acontecia um diálogo silencioso entre as crianças e a natureza. Um gesto de amor e gratidão por tudo o que ela oferece. Os pensamentos se revelavam por meio das marcas no papel.

Enquanto pintavam, as crianças se sentiam conectadas às plantas e aos elementos naturais. Cada produção era um verdadeiro retrato da natureza e da imaginação criativa. As cores se misturavam e se transformavam, criando um mundo mágico no papel.

À medida que o branco do papel ganhava cores brilhantes e molhadas, os aromas das plantas se misturavam com o cheiro fresco da terra e o suave perfume dos ovos. Uma experiência sensorial: a textura macia da mistura, a suavidade do pincel deslizando pelo papel e o cheiro do ovo fresco se unindo aos aromas naturais das plantas. Surgia um verdadeiro jardim de expressões individuais.

A natureza se transformava em linguagem visual, traduzindo para o mundo a riqueza interna de cada criança. Por meio da pintura, as crianças expressaram a sua energia corporal. A arte se tornou um veículo para a manifestação de seus pensamentos, estabelecendo um vínculo entre elas e a natureza.

A imaginação floresceu nesse ínterim, inundada com imagens e ideias que despertaram a curiosidade das crianças ao explorar as tintas. Uma situação bem interessante foi quando Giovana por acaso misturou dois pigmentos na sua produção. O movimento do pincel sobrepôs uma cor na outra, surgindo uma outra cor que ela não havia utilizado. Ao perceber que essa cor não estava presente nos potinhos de tinta, ela se dá conta que uma nova cor havia sido criada.

Movida pelo entusiasmo, decide compartilhar essa experiência com o grupo, buscando repetir a mistura para reviver o prazer de presenciar a magia acontecer novamente. O simples ato de partilha é motivo suficiente para que as crianças observem suas produções e, também, das demais crianças. Foi por meio do olhar do outro que elas buscam compreender e compartilhar suas sensações e descobertas visuais.

Nessa interação entre a criança, a natureza e os outros é que surgem experiências significativas que potencializam o afetivo, o cognitivo, o psíquico e a socialização. Por meio da expressão artística elas encontram um modo acolhedor de explorar suas habilidades e experimentar diferentes perspectivas.

A experiência surge a partir das sensações e percepções, ou seja, por meio de todo o processo envolvido na exploração realizada durante a criação. Essa ação representa um saber fazer, uma conexão entre o corpo e a expressão artística. Cada gesto, pintura e produção foi a resposta do prazer ao utilizar a matéria viscosa e colorida da têmpera. Acompanhar e compartilhar o ritmo, as sensações, as tensões e as emoções da criança e maravilhar-se com cada gesto inesperado, foi um convite para mim, sentindo-me estimulada a ouvir e participar junto. Uma interação entre o movimento e a marca colorida no papel, que se revelava por meio do exercício do olhar. A cada pincelada, um novo elemento visual surgia, convidando-nos a apreciar e descobrir o que estava sendo criado.

Nesse momento, coube a mim um exercício de paciência e observação, mas, acima de tudo, de um olhar sensível. Somente assim foi possível compreender, respeitar e vivenciar as experimentações que as crianças faziam. Foi um convite para mergulhar no universo infantil, destacado pelo processo de criação e pela valorização de cada descoberta que acontecia de forma surpreendente durante esse processo. Afinal, como nos diz Bachelard (2009, p. 94-95) “[...] uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades”.

Compartilhamos com outras crianças e adultos da escola, as pinturas e experiências. Foi visível a alegria e satisfação estampadas nos rostos das crianças. Observei em suas narrativas que a experiência havia despertado nelas não apenas a criação artística, mas também a consciência sobre a riqueza da natureza ao seu redor.

Ao término da experiência ficou a certeza de que as crianças do Ribeirão do Cubatão haviam experimentado algo significativo, marcando-as profundamente. Foi um mergulho em um universo de cores, aromas e texturas que despertou em cada uma delas novas percepções da natureza e do próprio potencial criativo. Experenciaram o fato de que a botânica do pintar vai além dos papéis e pincéis; é um modo de perceber o mundo com novos olhares, valorizando as pequenas maravilhas que nos cercam. E acima de tudo, elas sentiram e manifestaram por

meio de suas produções, que a natureza é uma fonte inesgotável de sensações, sentidos e prazer.

O extrair e pintar despertou em todos nós um novo olhar e disposição para interagir com o mundo natural que nos cerca. Foi uma oportunidade de explorar a riqueza das plantas e sua capacidade de nos afetar não apenas visualmente, mas também por meio dos aromas sutis que exalavam das plantas e flores. Passamos a olhar para a natureza com uma nova perspectiva, reconhecendo a beleza e os segredos que podem ser revelados por meio dela.

Isso foi percebido quando as nossas narrativas estavam envoltas e marcadas pelo sentimento de gratidão, conexão e admiração pela natureza. Revelaram-se de modo vívido e promissor, tornando-se símbolos de um despertar artístico e sensorial, por meio da conexão com a natureza e sua abundância infindável de inspiração.

A experiência: *Flores e odores: a botânica do pintar* despertou o amor pela natureza e deixou um legado de conscientização e respeito pela biodiversidade. Um rastro de cores e sentimentos que permanecerá nas memórias de cada uma das crianças que moram na comunidade do Ribeirão do Cubatão e no meu também.

3.6 Rota 5 - Experiência Estética: *Fogo: mística alquimia da vida*.

Chegou o grande dia, o revoar e voo das asas nos deslocou para nossa última experiência estética: *Fogo: mística alquimia da vida*. Ansiosas por essa experiência, eu e as crianças estávamos eufóricas por esse dia. O objetivo era realizar a queima dos objetos feitos por elas com a argila.

O fogo é um dos elementos mais antigos e enigmáticos da natureza, que sempre seduziu a humanidade, exercendo um fascínio atemporal, e as crianças não são exceção. A dança hipnotizante das chamas, o calor que emana e as cores vibrantes que se manifestam, são capazes de despertar curiosidade e encanto especial.

Entendendo um pouco sobre o fogo, me remeto a uma das suas facetas mais poderosas. A sua capacidade de causar extermínio. Em sua forma descontrolada, o fogo pode ser altamente destrutivo, devorando tudo em seu caminho. A força avassaladora do fogo serve como um lembrete constante do seu poder destrutivo.

No entanto, o fogo também tem o poder de ser um agente de fusão. Na fundição de metais, por exemplo é utilizado para derreter e unir diferentes

elementos, criando ligas mais resistentes e versáteis. Essa habilidade de fundir materiais nos permite construir estruturas mais robustas, equipamentos mais avançados e até mesmo produções artísticas.

O fogo também é símbolo de paixão e fervor. A chama ardente que queima dentro de nós reflete nossa energia e desejo de realizar nossos sonhos e objetivos. A paixão pelo que fazemos nos impulsiona a superar desafios e nos mantém motivados na busca pela excelência. O fogo interior nos mantém vivos e nos conecta com nossa verdadeira essência.

Além disso, o fogo também está associado a um gosto e odor característicos. O queimado, seja de alimentos grelhados, lenha queimada ou objetos carbonizados possui identidade sensorial. Esse aroma e sabor remetem a momentos de convívio ao redor de uma fogueira, churrascos em família ou até mesmo a nostalgia de uma lareira acesa em um dia frio de inverno. O cheiro e gosto do queimado podem provocar memórias e despertar uma sensação de conforto e familiaridade.

Em suma, o fogo é um elemento que possui uma influência significativa em nossas vidas. Sua dualidade entre destruição e criação, paixão e fervor, força e fragilidade, faz do fogo um símbolo complexo e cheio de significados. Seja como fonte de calor e luz, como agente de transformação ou como símbolo de nossa própria essência, o fogo continua a nos fascinar e a nos desafiar a explorar suas propriedades e potencialidades.

As crianças da comunidade do Ribeirão do Cubatão tiveram a oportunidade de vivenciar o a magia e a grandiosidade desse elemento ancestral – o fogo, atraídas pela sua presença. Os olhares fixos e fascinados, acompanhados de sorrisos e expressões de admiração, mostraram o envolvimento intenso que o fogo desperta, tornando-se não apenas uma fonte de calor e luz, mas também um convite à contemplação.

Revisitando minhas anotações, percebo que esse momento de interação com o fogo possibilitou às crianças que reconhecessem sua relação com esse elemento misterioso. Elas testemunharam a manifestação de um fenômeno poderoso e ao mesmo tempo delicado a transformação que traz consigo um elemento de imprevisibilidade e respeito.

Por meio das chamas, as crianças puderam observar diferentes intensidades e formas, estimuladas pelos sentidos e aguçadas pela percepção. Sentiram o calor suave e as vezes intenso que emana dele, experimentando uma sensação tátil. Elas

também puderam ouvir o crepitar das chamas e o estalar da madeira, proporcionando uma experiência auditiva envolvente. Cada sentido foi estimulado, criando uma imersão na experiência.

Além dos aspectos sensoriais, a experiência estética com o fogo despertou uma variedade de emoções nas crianças. Ao ser questionado sobre a sensação que o fogo traz, Caíque narra que: *é lindo as labaredas*, demonstrando um senso de admiração pela beleza e imprevisibilidade das chamas dançantes.

Para Maria (2023, informação verbal) a sensação foi de conforto e segurança, calma e tranquilidade, expressadas pelas palavras: “é quentinho igual ao abraço da minha mãe”. Já Miguel (2023) interage contando que sente o fogo como uma aventura, trazendo para ele a sensação de agitação.

Além de observar e apreciar o fogo, as crianças o exploraram ao utilizá-lo como parte da queima de peças produzidas por elas na experiência estética: *O solo vivo: pigmentos de mundo, cores da terra*. Afinal, o fogo é parte essencial do processo de cerâmica. A queima da argila em altas temperaturas transforma o material em uma substância sólida, durável e resistente. O fogo confere às peças cerâmicas suas características, criando cores, formas e texturas. A cerâmica, ao mesmo tempo que é uma expressão artística é também uma manifestação da habilidade humana em dominar o fogo.

Assim, é o fogo que transforma a argila em cerâmica. Ao observar suas peças sendo colocadas no fogo, as crianças experienciaram uma mistura de ansiedade e expectativa. Elas testemunharam como o fogo age como um agente de mudança, capaz de tornar as peças duráveis e resistentes.

Durante esse processo de queima, as crianças perceberam as transformações físicas e químicas que ocorreram. O barro, inicialmente maleável, foi submetido ao calor intenso do fogo, e gradualmente se solidificou ganhando forma e resistência. Ao ver suas criações ganhando vida no fogo, as crianças experimentaram uma sensação de realização e orgulho das suas produções artísticas. Mais do que simplesmente observar o fogo elas sentiram-se envolvidas no processo, ao vivenciar uma experiência estética que é simultaneamente cativante e enriquecedora.

Ao final das experiências estéticas voltei às questões iniciais da pesquisa, não para simplesmente respondê-las, mas principalmente para refletir sobre todo o percurso e o que afetou as crianças e, também, a mim.

Retomo então a primeira questão: *as crianças que vivem em uma região rural onde têm a natureza como parte de seu cotidiano, a percebem e a apreciam?* Percebi que o sentido de pertencimento é um processo que precisa ser cultivado constantemente. A princípio a relação das crianças com a natureza resumia-se no respeito e no lugar comum.

E então revisito a segunda indagação: *como a educação estética nas infâncias articulada ao convívio com a natureza pode propiciar o olhar sensível/crítico, tanto das crianças quanto do docente?* As experiências estéticas mobilizaram o olhar infantil, deslocando-os do lugar comum para um outro lugar – o da experiência, do pertencimento, valorização das pequenas grandes coisas, construção de sentidos e o perceber a si, ao outro e a natureza como parte de cada um de nós.



Fonte: primária (2023).

4 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: OS VÔOS (IN)VISÍVEIS

Como os pássaros que migram e voltam aos seus ninhos, correlaciono essa Dissertação à construção de um ninho de pássaros, onde cada material utilizado é escolhido cuidadosamente para proporcionar segurança e conforto aos filhotes. Portanto, a Dissertação foi pensada em gravetos encontrados durante o processo e que sinalizavam pistas e efeitos em nosso ser – meu e das crianças.

As sementes encontradas no percurso de pesquisar foram nutridas pelas sensibilidades, manifestadas nas narrativas visuais, sonoras, corporais, envolvendo curiosidades e capacidade de observação interativa.

Nossas conexões com a natureza foram como um fio invisível que nos unia em cada experiência estética – encontro de afetos. Descobríamos em cada canto e junto com os outros, que a natureza é uma fonte inesgotável de conhecimento e de estímulos sensoriais, que alimentam nossas percepções não somente sobre o território investigado, mas sobretudo, sobre nós mesmos.

Para mim e as crianças foi como uma chama que se acendia ao entrarmos em contato com as belezas naturais ou se preferirmos – um imenso parque de sensações. E nesse território, uma escola ao ar livre, onde foi possível descobrir mundos em uma condição brincante e atraente, mobilizando o imaginário e nossos processos criativos.

Percebi que a sensibilidade das crianças, muitas vezes despercebida pelos olhos dos adultos é como um radar dos pássaros, detectando os mínimos detalhes e sutilezas da natureza. Essa sensibilidade é como uma joia preciosa, um diamante cuidadosamente lapidado e reconhecido.

Ao longo da pesquisa, a relação das crianças com a natureza foi se constituindo em novos olhares, impulsionados pelas experiências estéticas. Na utilização de metáforas de voos e ninhos exploramos as trilhas dessa Dissertação, percorrendo territórios, constituídos de um conjunto de narrativas das crianças e minhas também.

Durante nossas experiências estéticas percebi que as crianças cultivavam sentimentos de admiração e respeito pela natureza; no entanto ao longo das experiências, elas sentiram-se parte da natureza. Um só elo entre os sons dos animais, os aromas das flores, folhas e sementes, a sensação de transparência da

água, o quase gosto da terra e do fogo, as texturas, a cor; um mundo de sensações simbióticas.

Algumas crianças criavam narrativas se apropriando das linguagens artísticas, capturando a beleza do ambiente como se estivessem pintando o céu com o movimento de suas asas. Outras ficavam impressionadas com a dimensão poética e estética da natureza como se estivessem, em seu voo, descobrindo novas possibilidades de olhar.

Embora eu também tenha sido profundamente afetada pela beleza e diversidade do ambiente, algumas vezes minha perspectiva de adulto prevalecia e precisei constantemente exercitar meu olhar sensível para melhor compreender o olhar das crianças. Elas estavam centradas em experimentar e explorar a natureza de maneira sensorial e emocional e eu, muitas vezes tentava entender como as características daquele ambiente influenciavam os ecossistemas locais, como se estivesse observando o voo dos pássaros e analisando sua trajetória.

Ao (re)visitar as narrativas das crianças, abracei com mais força o método narrativo (auto)biográfico, pois embora seja importante entender a ciência por trás dos ambientes naturais, também é preciso lembrar que a diversidade da natureza pode ser fonte de inspiração e conexão para todos nós, em um mesmo ninho.

Ao nos aproximarmos da natureza com uma perspectiva estética, podemos cultivar um senso mais profundo de admiração e respeito por este mundo incrível que nos rodeia, como se estivéssemos cuidando de nossos próprios ninhos. A pesquisa com crianças exigiu sensibilidade para captar: nuances, apreensão das sutilezas e aquilo que não é visível, ou seja, as subjetividades infantis.

Em nosso voo, deparamos com mistérios na relação entre o sujeito e a natureza, a existência e a essência e a nossa própria condição humana. Ao reconhecer as subjetividades e singularidades presentes nessa Dissertação, fui levada a refletir sobre a natureza do ser humano, a qual é capaz de perceber e de relacionar-se com o mundo de maneiras diversas e singulares.

Por meio das poéticas visuais, da oralidade e dos registros fotográficos, as narrativas das crianças revelaram novos contornos nos pensares e sentires estéticos em harmonia com a natureza. A dimensão estética foi potencializada no cultivo das sensibilidades e na compreensão do corpo/natureza e natureza/corpo.

As experiências estéticas contribuíram para que as crianças olhassem para o lugar em que vivem, de modo a usufruir e cultivar aquilo que é essencial para suas

vidas - a natureza. As percepções sobre a natureza possibilitaram às crianças vivificarem emoções e pensamentos, antes escondidos ou adormecidos em algum lugar dos sentidos. As crianças foram mobilizadas pelas experiências sensíveis, levando-as a olhar/perceber a natureza em outras perspectivas, especialmente a estética.

Ao percebermos a natureza como algo vivo, pulsante e em constante transformação, fomos levados a uma compreensão mais profunda de nós como natureza em si e não como partes separadas e distintas - somos natureza.

Perceber as possibilidades futuras dessa Dissertação é como acompanhar o voo de um bando de pássaros em busca de novos horizontes. Apesar dos enfrentamentos em conduzir uma pesquisa com uma abordagem narrativa (auto)biográfica, foi possível acompanhar os efeitos capturados pelo olhar da professora/pesquisadora/aprendiz, reiterando a importância das experiências estéticas para todos nós.

Assim como os pássaros voam livremente em busca de novos horizontes, outras pesquisas podem continuar esse trajeto em perspectivas outras, em novos cenários e com outros autores. Possibilidades futuras podem se constituir de novas rotas de migração dos pássaros, na construção de outros conhecimentos e sentires, ou, sobre a relação das infâncias com a natureza em meios rurais e/ou urbanos. Ainda há muito o que dizer em voos de pássaros que buscam seus ninhos; que venham outras pesquisas e outros saberes para se juntar ao grande ninho que é a vida/natureza.

REFERÊNCIAS

- AIRES, Joubert Gandhi Maranhão Piorski. **O brinquedo e a imaginação da terra: um estudo das brincadeiras do chão e suas interações com o elemento fogo**. 2013. 137 p. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4231> . Acesso em: 10 fev. 2022
- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.
- ANTUNES, Arnaldo; TATIT, Paulo. O seu olhar. São Paulo: RCA, [1995]. Cd. (3:44 min.). Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/arnaldo-antunes/o-seu-olhar.html>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- AMARAL, Antonio Marcio do. **O silêncio em práticas educativas musicais: a experiência sensível do (entre)lugar**. 2020. 76 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2020. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/2590337/Antonio_Marcio_do_Amaral.pdf . Acesso em: 12 abr. 2022.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2009.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e o devaneio poético**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BACHELARD, Gastón. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- BACHELARD, Gastón. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BARROS, Manoel de. **Ensaio Fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. Planeta, 2008, p.45.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignorâncias**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016, p. 36.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa / Manoel de Barros**. – São Paulo: Leya, 2010

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BARULHO DE ÁGUA MÚSICA. 1287- Ao completar 80 anos e 50 de carreira, Marco Aurélio Vasconcellos (RS) lança Além das cercas de pedra. *In: Barulho de Água Música on-line*. [S.l.], 14 mar.2020. Disponível em: <https://barulhodeagua.com/2020/03/14/1287-ao-completar-80-anos-e-50-de-carreira-marco-aurelio-vasconcellos-rs-lanca-alem-das-cercas-de-pedra/> . Acesso em: 05 abr. 2022.

BEN JOR, Jorge. Chove chuva. São Paulo: Philips [1963]. Lp. (3:05 min.). Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/jorge-ben-jor/chove-chuva.html>. Acesso em: 05 abr. 2022.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 197-221.

BONDÍA, Jorge B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. [Tradução: João Wanderley Gerald]. **Revista Brasileira de Educação**, [Rio de Janeiro], n.19, jan./abr. 2002, p. 20-28. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: outubro 2021

BUENO, Maria Luciana Busato. **Tintas naturais uma alternativa à pintura artística**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

CAIQUE, aluno. Depoimento [abr. 2023]. Entrevistador: Ana Paula Simião. Joinville, 2023. 1 arquivo. mp3 (50 mim). Narrativa concedida para a pesquisa que busca refletir sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias, destacando as relações das crianças com a natureza, compreendendo-a como imprescindível nos processos de sensibilização.

CALDAS, Joana. Maior cidade de SC decreta emergência por causa das chuvas. **G1 SC**, [Joinville], 2022, 28 nov. 2022. Santa Catarina NSCTV. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/11/28/maior-cidade-de-sc-decreta-emergencia-por-causa-das-chuvas.ghtml> . Acesso em: 13 jan. 2023.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> . Acesso em: 20 mar. 2022.

CARGNIN. Karinna Alves. **Vivências perceptivas com a infância nos espaços da escola e do museu – uma experiência**. 2016. 112 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2017. Disponível em:

<https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/987634/Karina.pdf> . Acesso em: 10 abr. 2022.

CASTELLI, Carolina Machado. **Os bebês, as crianças bem pequenas e a natureza na educação infantil**: achadouros contemporâneos. 2019. 305 p. Tese (doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pelotas, 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/5586/Carolina%20Machado%20Castelli.pdf;jsessionid=490EB973BC9830BBFEF31DE8E20FB1FC?sequence=1> . Acesso em: 15 abr. 2022.

CLANDININ, D. Jean; CONELLY, F. Michael **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. [Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU]. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. [Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU], 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CONTINUUM. DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> . Acesso em: 27 jul. 2023.

COSTA, Rita de Cássia Fraga da. **Artesania**: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade. 2019. 159 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2019. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1502804/Rita_de_Cassia_Fraga_da_Costa.pdf . Acesso em: 10 abr. 2022.

CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.
DANIT TREUBIG. Disponível em: <https://www.last.fm/pt/music/Danit+Treubig/+wiki> . Acesso em: 1 mar. 2022.

DAVID, aluno. Depoimento [abr. 2023]. Entrevistador: Ana Paula Simião. Joinville, 2023. 1 arquivo. mp3 (50 mim). Narrativa concedida para a pesquisa que busca refletir sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias, destacando as relações das crianças com a natureza, compreendendo-a como imprescindível nos processos de sensibilização.

DEIVID, aluno. Depoimento [abr. 2023]. Entrevistador: Ana Paula Simião. Joinville, 2023. 1 arquivo. mp3 (50 mim). Narrativa concedida para a pesquisa que busca refletir sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias, destacando as relações das crianças com a natureza, compreendendo-a como imprescindível nos processos de sensibilização.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa**

(Auto)Biográfica, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/issue/view/141> . Acesso em: 17 jun. 2021.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1959.

DICIONÁRIO Primeram On-line de Português. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso: 05 jun. 2022.

DIPLOMADOS. Postgradosperu,[2020]. Disponível em: fonte: <https://postgradosperu.pe/2020/06/10/que-son-los-diplomados/> . Acesso em: 05 nov. 2020.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 3. ed. Curitiba: Criar Edições, 2004.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 5. ed. Curitiba: Criar Edições, 2010.

DUARTE JÚNIOR, Joao Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 2000. 233 p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253464>. Acesso em: 17 mai. 2022.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e Filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**,[Rio de Janeiro], v. 17, n. 51, p. 523-740, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 21 nov. 2021.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ESCOLA MUN. Professor Alfonso Fiedler. Projeto político pedagógico. Joinville: Escola Municipal Professor Alfonso Fiedler, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FUNDAÇÃO TURÍSTICA DE JOINVILLE. **Guia Turístico de Joinville**. 5. ed. Joinville: Fundação Turística de Joinville, jan. 2016. Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Guia-Tur%C3%ADstico-de-Joinville-5%C2%AA-edi%C3%A7%C3%A3o-janeiro-de-2016.pdf> . Acesso em: 15 abr. 2022.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

GARCIA, Joe. O invisível na educação infantil. *In*: GARCIA, Joe; PAGANO, Andrea; PRANDI, Roberta. **A reinvenção da educação infantil: uma experiência de Reggio Emília**. Curitiba: Editora UTP, 2018. p. 15-34.

GARCIA, Joe; PAGANO, Andrea; PRANDI, Roberta. **A reinvenção da educação infantil: uma experiência de Reggio Emília**. Curitiba: Editora UTP, 2018.

GARDNER, Howard. Prefácio - Perspectivas complementares sobre Reggio Emilia. *In*: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella.; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: ARTMED, 1999. p. 9-12.

GAVA, Daiane de Melo. **Oficinas estéticas nas práticas educativas: professora e crianças em seus percursos narrativos**. 2020. 102 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2020. Disponível em:

https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/2613143/Dissertacao_Daiane_de_Melo_Gava_1.pdf . Acesso em: 12 abr. 2022.

GESIEL. **As histórias por trás de “Por Elise”**. *In*: Blog do Gesiel. Pingback, [S.l, s.d.]. Disponível em: <https://pingback.com/blogdogesiel/as-historias-por-tras-de-por-elise>. Acesso em: 10 mar. 2022.

GIOVANA, aluna. Depoimento [abr. 2023]. Entrevistador: Ana Paula Simião. Joinville, 2022. 1 arquivo. mp3 (50 mim). Narrativa concedida para a pesquisa que busca refletir sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias, destacando as relações das crianças com a natureza, compreendendo-a como imprescindível nos processos de sensibilização.

GONÇALVES, Sandro Pereira et al. **Efeito estufa, suas causas e medidas para amenizar suas consequências**. *In*: Faculdade de Ciências da UNESP. Bauru: UNESP, s.d. Disponível em:

<http://www.fc.unesp.br/~lavarda/procie/dez14/sandro/index.htm>. Acesso em: 10 mar. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora - identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

IBB-UNESP. **Instituto de Biociência da Universidade Estadual Paulista**.

Botucatu: UNESP, [2022]. Disponível em:

https://www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/Ensino_Fundamental/Animais_JD_Botanic/aves/aves_biologia_geral_penas.htm . Acesso em: 12 out. 2022.

IBF. **Instituto Brasileiro de Florestas**. Araticum do mato. *In*: Instituto Brasileiro de Florestas [on-line]. Londrina: IBF, 2023. Disponível em:

<https://www.ibflorestas.org.br/lista-de-especies-nativas/araticum-do-mato> . Acesso em: 20 maio 2023.

JARDIN INFANTIL Platero-YYo. Disponível em: <http://plateroyyo.edu.co> . Acesso em: 20 out. 2022.

JENSEN, Leticia Caroline da Silva. **Experiências sensíveis atravessadas pela literatura em espaços não formais de educação**. 2019. 119 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2019. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1502802/Leticia_Caroline_da_Silva_Jensen.pdf . Acesso em: 12 abr. 2022.

JOINVILLE (SC). **Lei nº 8257, de 24 de junho de 2016**. Altera a denominação de Escola Municipal. Joinville: Prefeitura Municipal de Joinville, 2016. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sc/j/joinville/lei-ordinaria/2016/826/8257/lei-ordinaria-n-8257-2016-altera-a-denominacao-de-escola-municipal> . Acesso em: 20 mar. 2022.

KOHAN, Walter O. A infância da educação: o conceito devir-criança. in: KOHAN, Walter O. (org.). **Lugares da filosofia. infância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 51-68.

KOHAN, Walter. Infância e filosofia. *In*: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (org.). **Estudos da infância: Educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes , 2008. p. 40-61.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [Rio de Janeiro], n. 19, p. 20-28, jan/abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=p> . Acesso em: 20 abr. 2023.

LEAL, Patrícia Regina de Carvalho. **Percursos de uma professora andarilha na educação infantil: narrativas (auto)biográficas**. 2019. 108 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2019. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1534571/Patricia_Regina_de_Carvalho_Leal.pdf . Acesso em: 12 abr. 2022.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. **O que e como desenham as crianças?**. 2001. 193 p. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296827995.pdf> . Acesso em: 21 abr. 2023.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia: uma ecologia para nosso tempo**. [Tradução Fernando Santos]. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MALAGUZZI, Loris. História, idéias e filosofia. *In*: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella.; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: abordagem de Reggio-Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 59-104.

MALDONATO, Mauro. **Passagens de tempo**. [Tradução Roberta Barni]. São Paulo: SESC/SP, 2012.

MANFROI, Miráira Noal. **Ser criança na Costa da Lagoa: memórias, brincadeiras e natureza**. 2015. 331 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158857> . Acesso em: 15 abr. 2022.

MARIA, aluna. Depoimento [abr. 2023]. Entrevistador: Ana Paula Simião. Joinville, 2023. 1 arquivo. mp3 (50 mim). Narrativa concedida para a pesquisa que busca refletir sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias, destacando as relações das crianças com a natureza, compreendendo-a como imprescindível nos processos de sensibilização.

MARINHO, Nirvana. Curadoria educativa como processo artístico. **Revista da Fundarte**, [S.l.], v. 14, n. 28, p. 60-69, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/151>. Acesso em: 19 jul. 2022.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2017.

MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Revista Educação e Realidade – FAGED/UFRGS**, [S.l.], v. 33, n. 1, p. 35-48, jan/jun 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6685> . Local em: 21 abr. 2023.

MATEUS, aluno. Depoimento [abr. 2023]. Entrevistador: Ana Paula Simião. Joinville, 2023. 1 arquivo. mp3 (58 mim.). Narrativa concedida para a pesquisa que busca refletir sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias,

destacando as relações das crianças com a natureza, compreendendo-a como imprescindível nos processos de sensibilização.

MEIRA, Marly. O sentido de aprender pelos sentidos. *In*: PILOTTO, Silvia S. Duarte; BOHN, Letícia Ribas D. (org.). **Arte/educação**: ensinar e aprender no ensino básico. Joinville: Editora Univille, 2014. p. 53-62.

MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação**: a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MELENAS. Dicionário InFormal. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br> . Acesso em: 27 jul. 2023.

MICHAELIS. Dicionário escolar língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MIGUEL, aluno. Depoimento [abr. 2023]. Entrevistador: Ana Paula Simião. Joinville, 2023. 1 arquivo. mp3 (50 mim). Narrativa concedida para a pesquisa que busca refletir sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias, destacando as relações das crianças com a natureza, compreendendo-a como imprescindível nos processos de sensibilização.

MONTESSORI, Maria. **A Criança**. [Trad. de Adília Ribeiro]. 4. ed. Lisboa: Portugalia, 1966

MUNDO Educação. Portal mundoeducação.uol, [S.d.]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/quimica/alquimia.htm> . Acesso em: 2 fev 2023

NATUME, Hilda. **Musicalização**: Memórias, Experiências e Sensibilidades na Terceira Idade. 2018. 100 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2018. Disponível em: <http://www.univille.edu.br/pt-br/institucional/proreitorias/prppg/setores/pos-graduacao/mestradosdoutorado/mestradoeducacao/dissertacoes/dissertacoes-defendidas-2018/881814> . Acesso em: 31 maio 2022.

NIMRICHTER, Ana Clara. **O que (quase) não se vê**: olhares de infâncias na natureza. 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15569> . Acesso em: 15 abr. 2022.

NOHIPSTEROfficial. Danit . Aliento (2018). [Itália]: noHipster Official, [2018]. 1 vídeo (57:40 mim.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7xhNo2V8TuU> . Acesso em: 02 mar. 2022.

NUPAE. **Núcleo de Pesquisa em Arte e Educação**, [2022]. Disponível em: <http://gruponupae.blogspot.com/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

NÜSSLEIN-VOLHARD, Christiane. **L'incanto degli animali**: Bellezza ed evoluzione. Milano: Il Saggiatore, 2020.

OPAS. **Organização Pan-Americana da Saúde**, [2022]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 05 jan. 2022.

OSTETTO, Luciana Esmeralda . **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas: Papirus, 2011

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; ANTUNES MEDEIROS DE OLIVEIRA, Roberta. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em educação. **Revista Lusófona de Educação**, [Lisboa], n. 33, p.111-125, 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34949131009> . Acesso em: 05 fev. 2023.

PÊLO. Dicionário InFormal. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br> . Acesso em: 27 jul. 2023.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Gestão e Conhecimento Sensível na Contemporaneidade**. Joinville: UNIVILLE/ Florianópolis: EdUFSC, 2006.

PINTO, Ana Paula Simião; PLENS, Gabriela Fernanda de Araujo Camargo. **Ninhos: a investigação da vida pelo encantamento da natureza**. 2020. 262 f. Projeto de Conclusão de Curso (Especialização em Estratégias de Investigación en el Aula) - Dinâmica Centro de Desarrollo Profesional, Lima, 2020.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do Chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Petrópolis, 2016.

PIRES, Jorge César de Araújo. **Processos de aprendizagem do instrumento musical na infância**. 2017. 100 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2017. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/972521/Jorge_Pires.pdf . Acesso em: 10 abr. 2022.

PLATAFORMA Sucupira (CAPES). Banco de Teses e Dissertações. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/listaTrabalhoConclusao.jsf> . Acesso em: 10 fev. 2022.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf . Acesso em: 17 maio 2022.

PROFICE, Christiana. **Crianças e natureza: reconectar é preciso**. São Paulo: Pandorga, 2016.

REDSOLARE Brasil. Disponível em: <http://redesolarebrasil.blogspot.com> . Acesso em: 05 fev. 2023.

RELATÓRIO FINAL Parque da cidade. **Projeto de diagnóstico e prospecção arqueológica do eixo ecológico leste e estruturação da rede de parques ambientais de Joinville, SC**. Joinville: Prefeitura Municipal de Joinville, 2008.

Disponível em:

<https://www.joinville.sc.gov.br/public/edital/anexo/598a34e0cc1d2e78375e1107dbfcd0a9.pdf> . Acesso em: 15 maio 2022.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

ROSA, João Guimarães. O espelho. *In*: **Primeiras Estórias**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p.10-11.

SÁNDOR, Pethö. Calatonia. *In*: SÁNDOR, Pethö (org.). **Técnicas de Relaxamento**. São Paulo: Vetor Editora Psico-pedagógica Ltda, 1974. p. 92-100.

SANTOS, Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos. **Criança e a experiência afetiva com a natureza**: as concepções nos documentos oficiais que orientam e regulam a Educação Infantil no Brasil. 2016. 231 p. Tese (doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Itajaí, Programa de Pós-Graduação em Educação, Itajaí, 2016. Disponível em:

<https://www.univali.br/Lists/TrabalhosDoutorado/Attachments/107/Zemilda%20do%20Carmo%20W.%20N.%20dos%20Santos.pdf> . Acesso em: 15 abr. 2022.

SARAMAGO, José. **A Caverna**. 7. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

SCHREIBER, Ana Cristina Quintanilha. **Memórias e sentidos na terceira idade**: experiências pela via da estética. 2018. 81 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2018. Disponível em:

http://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1271731/Ana_Cristina_Quintanilha_Schreiber.pdf . Acesso em: 30 maio 2022.

SILVA, Carla Clauber da; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; LEAL, Patrícia Regina Carvalho. Formação: uma experiência estética carregada de fragilidades de vida.

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 28, n. 3, p. 186-205, Set/Dez, 2017. DOI: 10.14572/nuances.v28i3.4635. Disponível em:

<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/4635> . Acesso em: 15 set 2022.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada**: da ternura à injúria na construção do livro de artista. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. *In*: NASCIMENTO, Antônio D.; HETKOWSKI, Tânia Maria (org.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 58-74. Disponível em:

<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf> . Acesso em: 17 jun. 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto (org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 118-139.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli. **Uma cartografia com a infância: experiências e múltiplas sonoridades**. 2016. 152 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2017. Disponível em: http://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1023706/Mirtes_Antunes_Locatelli_Strapazzon.pdf . Acesso em: 10 abr. 2022.

TIRONEIA. Dicionário InFormal. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br> . Acesso em: 27 jul. 2023.

TEIXEIRA, Gujo; MARENCO, Luiz. Batendo água. [S.l.]: Gravadora Vozes. [1997]. Lp (3:44 min.).

TREUBIG, Danit. Aliento. [S.l.]: Barbachano Records. 2017. Cd.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. [Tradução Lívia de Oliveira]. Londrina: Eduel, 2012.

VASCONCELOS, Marco Aurélio. Águas nativas. *In*: **Letras [on-line, S.d.]**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/marco-aurelio-vasconcellos/aguas-nativas/> . Acesso em: 15 mar. 2022.

VERGARA, Luis Guilherme. **Curadoria educativa: percepção imaginativa/ consciência do olhar**. São Paulo: ANPAP, 1996.

VENTAS. Dicionário InFormal. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br> . Acesso em: 27 jul. 2023.

VIANA, Daniela Cristina. **Mediação cultural por meio da dança/educação como possibilidade de aprendizagem na infância**. 2016. 211 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2016. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html?action=readFile&file=Daniela_Viana.pdf¤t=/Dissertacoes. Acesso em: 10 abr. 2022.

ANEXO A - Parecer Consubstanciado CEP/UNIVILLE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO NAS INFÂNCIAS: A NATUREZA COMO MOBILIZADORA DE SENSIBILIDADES

Pesquisador: ANA PAULA SIMIAO PINTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 51985421.7.0000.5366

Instituição Proponente: FUNDACAO EDUCACIONAL DA REGIAO DE JOINVILLE - UNIVILLE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.125.732

Apresentação do Projeto:

De acordo com o informado no parecer nº 5.054.576, liberado em 22/10/2021.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com o informado no parecer nº 5.054.576, liberado em 22/10/2021.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com o informado no parecer nº 5.054.576, liberado em 22/10/2021.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

De acordo com o informado no parecer nº 5.054.576, liberado em 22/10/2021, no entanto, a pesquisadora informou sobre os riscos da pesquisa e os critérios de inclusão dos participantes. Como solicitado pelo CEP, a pesquisadora informou que aguardará parecer aprovado para iniciar a coleta dos dados. Reenviou o cronograma como comprovante. Por fim, informou que as medidas de biossegurança serão tomadas no momento da coleta dos dados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

De acordo com o informado no parecer nº 5.054.576, liberado em 22/10/2021. O pesquisador encaminhou a Folha de Rosto refeita, estando esta de acordo. O mesmo ocorreu com o TCLE. Este está de acordo com a Resolução 466/12. A pesquisa pode ser executada.

Recomendações:

Ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) responsável deve enviar ao Comitê de Ética, por meio

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro
Bairro: Zona Industrial **CEP:** 89.219-710
UF: SC **Município:** JOINVILLE
Telefone: (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br



Continuação do Parecer: 5.125.732

do sistema Plataforma Brasil, o Relatório Final (modelo de documento na página do CEP no sítio da Univille Universidade).

Segundo a Resolução 466/12, no item

XI- DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

d) Elaborar e apresentar o relatório final;

Modelo de relatório para download na página do CEP no sítio da Univille Universidade.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto "EDUCAÇÃO NAS INFÂNCIAS: A NATUREZA COMO MOBILIZADORA DE SENSIBILIDADES", sob CAAE "51985421.7.0000.5366" teve suas pendências esclarecidas pelo (a) pesquisador(a) "ANA PAULA SIMIAO PINTO", de acordo com a Resolução CNS 466/12 e complementares, portanto, encontra-se APROVADO.

Informamos que após leitura deste parecer, é imprescindível a leitura do item "O Parecer do CEP" na página do Comitê no sítio da Univille, pois os procedimentos seguintes, no que se refere ao enquadramento do protocolo, estão disponíveis na página. Segue o link de acesso https://www.univille.edu.br/pt_br/institucional/proreitorias/prppg/setores/coordenacao_pesquisa/comite_etica_pesquisa/status-parecer/645062.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1820445.pdf	21/11/2021 22:29:24		Aceito

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro
Bairro: Zona Industrial **CEP:** 89.219-710
UF: SC **Município:** JOINVILLE
Telefone: (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data 17/10/2023.

1. Identificação do material bibliográfico: () Tese (x) Dissertação () Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Autor: Ana Paula Simião Pinto

Orientadora: Professora Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto

Coorientador: Profa. Dra. Elzira Maria Bagatin Munhoz

Data de Defesa: 28/08/2023

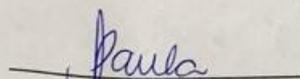
Título: EDUCAÇÃO NAS INFÂNCIAS: A NATUREZA COMO MOBILIZADORA DE SENSIBILIDADES

Instituição de Defesa: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE

3. Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral (x) Sim () Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.


Assinatura do autor

Joinville, 17 de outubro de 2023
Local/Data